

## **Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória**

Leitura: O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise em “A Ciência e a Verdade”

Flávio Mendes

### **Proposta da Leitura**

Olá a todos e todas,

Eu convido vocês a fazermos uma Leitura ao longo dos próximos meses sobre o texto “A Ciência e a Verdade”, de Lacan, presente no livro “Escritos”. Nesse texto Lacan apresenta um projeto de trabalho para a Psicanálise, e seu título não deixa dúvidas, para tratar da Psicanálise ele propõe pensar a relação entre Ciência e Verdade.

Este foi o texto que Lacan definiu para encerrar seu livro “Escritos”, estenografia da primeira aula do Seminário 13, “O objeto da Psicanálise”, assinado de 01/12/65. Os dois temas, da ciência e da verdade estão presentes em toda a sua obra, mas naqueles anos de 1963-1966, nos quais acontecia a *Belle Époque* do estruturalismo francês, Lacan estava no auge de um debate rigoroso sobre a vocação de ciência da Psicanálise.

No texto ele desenvolve um debate mencionando cerca de trinta autores para delimitar um estatuto de ciência para a Psicanálise dependente de uma concepção ímpar de Sujeito e outra de Objeto: i) que a Psicanálise seja uma ciência, ela não é uma Ciência Humana, tampouco se identifica com a Psicologia e seu objeto, nem se propõe a produzir saber sobre o objeto, mas de inseri-lo na divisão do sujeito; ii) seu sujeito não é o indivíduo biológico ou qualquer evolução psicológica, mas o que está veiculado entre significantes, dividido entre verdade e saber e acompanhado pelo modelo topológico da banda de *Moebius*; iii) a verdade de que se trata é a verdade enquanto causa, circunscrita à cadeia significante e funcionando como causa material, diferentemente da Magia, da Religião e da Ciência.

Meu intuito com a leitura é o de destrinchar o texto com paciência, na medida dos encontros com os furos no saber e as dificuldades de compreensão, para conhecer as questões que Lacan demarcou, os autores que citou e os encaminhamentos que propôs.

Faço a aposta de que, em meu percurso, a leitura contribuirá no estudo da noção de sujeito e da posição de Lacan diante da ciência, e de que para a Escola suscitará novos problemas e inquietações para trabalharmos.

A leitura acontecerá quinzenalmente, nas terças-feiras entre 19h e 20h30.

Flávio Mendes.

## 1º Encontro – 09/03/2021

### Convite

Leitura: O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise em “A Ciência e a Verdade”

Nesse primeiro encontro nós faremos um percurso pelo contexto histórico-conceitual de 1965/66 no qual Lacan proferiu o Seminário 13, O Objeto da Psicanálise, e pelos primeiros parágrafos do texto “A Ciência e a Verdade”. Neles, Lacan falou do Sujeito e sua Estrutura, de uma mudança importante na posição da Ciência e do valor dos trabalhos de Alexandre Koyré e René Descartes.

Aguardo vocês para fazermos esse percurso nesta terça, 09/03, às 19h!

Flávio Mendes

### Anotações Prévias

Contexto histórico-conceitual:

- Fonte: Françoise Dosse, História do Estruturalismo, vol. I, p. 353-357:
  - Ano em que o Estruturalismo francês atingiu seu apogeu;
  - O paradigma estruturalista dá o tom do horizonte das pesquisas e publicações em Ciências Humanas;
  - Roland Barthes, linguista, publica Picard, Critica e Verdade; Greimas publica sua Semântica Estrutural; Lacan publica o Escritos, consagrando-se como o “Freud francês”, vendendo 5 mil exemplares quando as críticas começaram a aparecer na imprensa; Todorov publica sua Teoria da Literatura, tratando do formalismo russo; Foucault publica As Palavras e as Coisas, que esgota 800 edições em cinco dias; Pierre Bourdieu publica O Amor pela Arte; o livro de Canguilhem, O Normal e o Patológico é republicado etc;
  - Revistas que passam a publicar seus números: Langages, voltados para apresentar o estudo científico da linguagem como dimensão essencial da cultura; Cahiers pour l’analyse pela Escola Normal Superior, lançada assinado por Jacques-Alain Miller no comitê de redação, atribuindo-se o objetivo ambicioso de constituir uma teoria do discurso a partir das ciências de análise: lógica, linguística e psicanálise – o primeiro número é consagrado à verdade e publica o texto “A Ciência e a Verdade”, de Lacan;
- Fonte: Juciele Pereira Dias e Daniela Zimmermann Machado, História do Estruturalismo: La Belle Époque:
  - Nesse momento Lacan situa-se claramente no movimento estruturalista, dizendo aos estudantes de filosofia: “A psicanálise como ciência será estruturalista, até o ponto de reconhecer na ciência uma recusa do sujeito” (Cahiers Pour L’analyse, n 3, maio de 1966, p. 5-13. Assim, o discurso analítico deve servir para construir uma teoria da ciência.
  - Em 1963, Lacan alia-se a Louis Althusser contra o humanismo e o psicologismo, numa corrente antirevisionista, sendo contrários tanto à revisão do marxismo pelos soviéticos e do freudismo pelos herdeiros oficiais da IPA;
  - Em 1965 a psicanálise se agrupa aos estudos do estruturalismo com Lacan. Juntamente com ele estão, apesar das diferenças, Claude Lévi-Strauss e Algirdas-Julien Greimas, formando o trio estruturalista mais cientista, voltado para a pesquisa de uma estrutura profunda, seja nos âmbitos mentais com Lévi-Strauss, no quadrado semiótico com Greimas ou da estrutura a-esférica do sujeito de Lacan.
- Fonte: Marcele Marini, Lacan, A Trajetória do seu Ensino (p. 149s):

- o O projeto de Lacan para a psicanálise cresce entre os anos 1953-1963 e passa a ser conhecido. Nos anos 60 ele, e outros tantos fundadores da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), após a ruptura com a SPP (Sociedade Psicanalítica de Paris) buscam o reconhecimento da IPA. Muitos analistas não querem se submeter a Sacha Nacht, mas tampouco se tornarem discípulos de Lacan e buscam na IPA maiores aberturas. Assim, entre a SFP e a IPA, e no interior da SFP, acontecerão várias negociações que terão ar de relações de forças.
- o O problema das sessões curtas, que já aparecia nos idos de 1953, reaparece na cena. Ele não cederá de seu desejo, como postula, e a IPA não cederá de seus princípios. A IPA não proíbe Lacan de praticar a psicanálise nem de ensinar, mas de ser um analista didata, que forma outros analistas. O ponto fica então em escolher entre Lacan e a filiação à IPA. Em 1963 então Lacan deixa de fazer parte dos didatas da SFP, diante daquilo que Serge Leclair predisse de que ou haveria um rompimento com a IPA ou aconteceria uma ruptura no próprio grupo. Aqui aconteceu a aula do seminário Les Noms-du-Père, na qual Lacan anuncia o fim do seminário.
- o A SFP é dissolvida em janeiro de 1963: os que se filiaram à IPA formam a AFP, Associação Francesa de Psicanálise, e aqueles ligados à Lacan o aguardam até formarem em julho de 1964 a Escola Francesa de Psicanálise, que virou a Escola Francesa de Paris (EFP). Daí a frase “Eu fundo, tão só como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise”.
- o Sobre a Escola, Lacan ocupa o lugar de diretor até a dissolução em 1980 e estará em toda parte: está à frente da Escola, no recrutamento de novas pessoas que vem em função dos carteis, da presidência do júri de recepção que autoriza um analista a começar análises sob controle, da presidência do júri de aprovação que autoriza o postulante a analista da Escola, o passe, também da nomeação dos membros do primeiro diretório.
- o Lacan se aproxima de Lévi-Strauss e Althusser e é nomeado encarregado de conferências na École Pratique de Hautes Études, iniciando o seminário 11, Os 4 Conceitos Fundamentais da Psicanálise na Escola Normal Superior, ENS.
- o Contato de Lacan com Jacques Alain-Miller mediado por Althusser que lhe pediu que lesse toda a obra de Lacan para pensar sobre a concepção de sujeito, e àquele Miller pergunta “Sua concepção de sujeito implica uma ontologia?”
- o 1966: Fundação dos Cahiers pour L’Analyse, Revista do Círculo de Epistemologia da ENS, cujos três números publicaram textos de Lacan.
- o Em 1965: Lacan passa a realizar o seminário “O Objeto da Psicanálise”: Sua primeira lição mantém a questão do sujeito dividido entre saber e verdade. Lacan aponta que o “objeto a”, enquanto falta ou buraco, é o objeto da ciência psicanalítica, e ele possibilita esclarecer as outras ciências sobre seus próprios objetos. Nesse seminário Lacan caminha no uso de modelos matemáticas, mas são estes modelos ou metáforas? Ele diz “A topologia não é uma metáfora, mas uma montagem rigorosa com o objeto a, objeto específico da ciência analítica”. O cilindro ou disco furado, o toro, a cinta de Moebius e a garrafa de Klein, todos acompanhados de fórmulas algébricas, vão ocupar o lugar em suas reflexões.
- o O texto “A Ciência e a Verdade” (1966): Lição de abertura do seminário 13, publicada nos Cahiers pour L’analyse e depois concluindo o livro Escritos. O texto remete a algo comum na ENS, um assunto por princípio insolúvel que permite o brilho de uma “cultura” eclética, extensa e “moderna”. Lacan apela ao testemunho e se diferencia de Freud, de linguistas como Jakobson, Hjelmslev e Chomsky, da lógica formal, de Lévi-Strauss, assim como de filósofos como Descartes, Espinoza, Heidegger e Angelus Silesius. Alguns aforismos que chamam a atenção: “o erro de boa fé é de todos o mais imperdoável”, “Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas somente seu sujeito” (um sujeito topológico), “A lógica é o umbigo do sujeito”, “A verdade do sofrimento

neurótico é ter a verdade como causa”, “A paranóia bem-sucedida é o fechamento da ciência”, “Eu, eu digo a verdade sobre Freud, que soube deixar, sob o nome de inconsciente, a verdade falar”, “Não me conformo de ter tido que renunciar ao atribuir ao estudo da Bíblia a função do Nome-do-Pai”.

- Thales Fonseca, O estruturalismo e algumas de suas vicissitudes: política e sujeito
  - Estruturalismo: “pensar o sujeito, tendo por base não a busca da essência humana, mas, pelo contrário, a dos mecanismos estruturais e simbólicos dos quais esse sujeito é efeito.”
  - “o estruturalismo, metodologicamente, ignora a existência de algo externo à estrutura, a ponto de podermos afirmar, no que diz respeito a ela, a inexistência de exterior.”
  - “Para o filósofo francês [Deleuze], é possível pensar o estruturalismo como a constatação de um profundo não-sentido - que, como ele atenta, nada tem a ver com a falta de sentido proposta por Camus em sua filosofia do absurdo. Um não-sentido que origina o sentido, isto é, que resulta em superprodução, em sobredeterminação de sentido pela combinação de elementos implicada na estrutura.”
  - Em Saussure: “[...] Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora.”
  - Em Lévi-Strauss: “[...] não há existência que possa ser concebida ou dada a quem das exigências fundamentais de sua estrutura e, por outro lado, ele [o átomo de parentesco] é a única matéria-prima de construção dos sistemas mais complexos.”
  - Em Lacan: “[...] qualquer enunciado de autoridade não tem nele outra garantia senão sua própria enunciação, pois lhe é inútil procurar por esta num outro significante, que de modo algum pode aparecer fora desse lugar.”
  - “Da primazia da estrutura enquanto matriz simbólica determinante deduz-se o que já de saída afirmamos com Barthes: que a estrutura, como tal, apresenta-se como um lugar fechado e sem exterior.”
  - Diferença de Lacan para os demais: “Uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de sujeito podemos conceber-lhe?” (Escritos, p. 814, Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo).
  - “Desse modo, se a categoria do sujeito, em Althusser e em Foucault, é completamente determinada pela estrutura, pelo processo de interpelação ideológica ou pelos microprocessos que caracterizam o poder disciplinar - o que acaba por implicar um certo pessimismo no que tange às suas teorias (quase que como um contraponto direto ao “otimismo” humanista), principalmente se levarmos em conta que ambos eram ativamente engajados e preocupados com uma prática política transformadora -, em Lacan, **o sujeito é correlato justamente do que surge como impasse (como falta) da estrutura, ponto impossível de formalizar, simbolizar, subjetivar e que, paradoxalmente, permite ao sujeito ser colocado em questão** - sujeito que, como nos lembra Žižek (1992), denota, justamente, a falha da subjetivação: “[...] o sujeito não subsiste 'além' de sua representação impossível, mas é como que o efeito dessa própria impossibilidade, constitui-se pelo fracasso de sua representação significante” (p. 77, grifo do autor).”
  - Ora, e não foi justamente por meio de um recurso topológico à chamada banda de Moebius que Lacan deu uma representação formal ao real (mesmo que de maneira paradoxal, já que o real se configura, justamente, como o irrepresentável, o impossível de formalizar) e, assim, conseguiu explicar a estrutura do sujeito - que, para parafrasear Barthes, igualmente não se rende?

“Que se aprenda nisso a marca a não perder de vista do estruturalismo. Ele introduz em toda “ciência humana” - entre aspas - que conquista uma modalidade muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum índice senão o topológico, digamos, o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oitão interior. O sujeito está, se nos permitirem dizê-lo, em uma exclusão interna ao seu objeto. (Lacan, 1965/1998, p. 875).”

Nesse ponto surge, enfim, o sujeito lacaniano. Sujeito que, ao mesmo tempo em que é efeito da estrutura em suas identificações simbólicas e imaginárias - um significante que representa o sujeito para outro significante (Lacan, 1960/1998) etc. -, é correlato de um objeto puramente negativo, objeto que se apresenta como hiância, como antagonismo fundamental, como impasse irreduzível da simbolização: o objeto a, que, como lembra Lacan (1965/1998, p. 878), "[...] deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito". É justamente nesse ponto que Lacan, ao subverter o sujeito, indica haver nele um "para além" da estrutura (a despeito de esta denotar um lugar fechado e sem exterior)."

- o "Já Lacan, ao afirmar o furo do estruturalismo, parece subverter completamente o enunciado que o afirma como um lugar fechado e sem exterior - subvertendo, inclusive, a própria ideia de exterior, já que a partir de seu recurso à topologia, os registros são trabalhados pela lógica do espaço euclidiano, que não prevê a distinção entre interior e exterior. Nisso consiste, para nós, o estatuto fundamental do conceito de real em Lacan: uma impossibilidade radical ao simbólico estrutural - o que não implica, necessariamente, vê-lo como uma entidade positiva externa à estrutura, metafísica, tal qual a Coisa-em-si kantiana (como se o real fosse da ordem do numênico), e sim como pura negatividade, ao modo hegeliano. Daí o real ser, em seu fundamento, impasse: da representação, da simbolização, da formalização."

## **O Encontro (09/03/21)**

### Alguns interesses:

- Flávio Mendes: estudo da noção de sujeito e da posição de Lacan diante da ciência
- Julia Anacleto: lugar da psicanálise na pedagogia em distinção à psicologia; Lacan dizer que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência
- Joseane Ouro: questão da relação entre psicanálise e ciência; possibilidades de se produzir pesquisa pensando com o arcabouço da psicanálise; questões sobre metanarrativas
- Wanderson Toffano: tema da ciência a parte epistemológica fazendo avançar a psicanálise e saber um pouco do lugar da psicanálise, já que ainda é muito vinculada à psicologia
- Fernanda Mendonça: tem esse viés de onde chegar com a ciência e onde a psicanálise entra; esse projeto fez lembrar o projeto de Freud e dentro dos projetos tem sempre algo de um campo para seguir e alguma falha

### Questões que surgiram:

- Se os estruturalistas, a partir da noção de estrutura – um conjunto cujas propriedades se produzem em função da interdependência de seus elementos sem que estes tenham propriedades inerentes, mas relacionais – abandonaram a noção de sujeito, mero apêndice da estrutura, de que maneira Lacan pensou qual estrutura serviria para tratar do sujeito da psicanálise e quais as consequências dessa elaboração?
- O conceito de Clivagem em Freud foi utilizado para pensar o que acontece com o fetichismo, a psicose e a perversão quanto à existência de atitudes contraditórias no eu, de recusa e de aceitação da realidade. Diferentemente deste, M. Klein e Lacan se apropriaram do termo para falar da própria divisão da estrutura do indivíduo. Neste caso, Lacan fala tanto da divisão entre o Eu (Imagário/Moi) e o Sujeito (Je), e deste dividido originalmente entre verdade e saber.
- Se é o psicanalista que situa o sujeito e sua fenda em sua práxis, se é pelo reconhecimento do inconsciente que a fenda do sujeito é motivada, algo que ele admite na base (p. 869, Escritos), o inconsciente tem existência fora do contexto da análise e fora da intervenção do

analista? Essa consideração coloca distinções entre as concepções de inconsciente de Freud e de Lacan?

- Se não basta que a divisão do sujeito seja para o analista um fato empírico para que ele saiba o que acontece com sua práxis e a dirija, mas que seja feita uma certa redução epistemológica também presente no nascimento de qualquer ciência (p. 869, Escritos), como fica a questão da formação do analista considerando o que se diz que o analista se forma em sua análise? Como a anterior, essa consideração coloca distinções entre as concepções de Freud e de Lacan?

## 2º Encontro – 23/03/21

### Convite

Leitura: O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise em “A Ciência e a Verdade”

Nesta terça, nós continuaremos a leitura a partir do ponto em que Lacan fala de uma mudança importante na posição da Ciência, remetendo o leitor aos trabalhos de Alexandre Koyré e René Descartes. Consideraremos também algumas reflexões que ficaram do primeiro encontro:

. Segundo Lacan, qual Estrutura serviria para tratar do sujeito da psicanálise e quais as consequências dessa elaboração?

. Enquanto o conceito de Clivagem (*Spaltung*) foi utilizado por Freud para pensar o fetichismo, a psicose e a perversão, Lacan o utilizou para pensar a divisão da estrutura do indivíduo entre o Eu Imaginário (*Moi*) e o Sujeito (*Je*), e este dividido entre Verdade e Saber.

. Se para Lacan é o psicanalista quem situa o sujeito e sua fenda na práxis, o inconsciente em sua teoria teria existência fora do contexto da análise e fora da intervenção do analista?

. Se não basta que a divisão do sujeito seja um fato empírico para que o analista saiba o que acontece na práxis, como Lacan pensava a formação do analista neste con-texto de 1966s?

Aguardo vocês para fazermos nosso percurso nesta terça, 23/03, agora no horário de 19h30!

Flávio Mendes

### Anotações Prévias

Texto “Galileu e a Revolução Científica do Século XVII”, de Alexandre Koyré, livro “Estudos de História do Pensamento Científico”

- A revolução galileana e cartesiana - que possibilitou a ciência moderna - foi preparada por um longo esforço de pensamento. A história desse esforço, história do pensamento humano, lidando com os mesmos problemas e obstáculos e forjando seus instrumento e ferramentas, ou seja, os novos conceitos, os novos métodos de pensamentos que permitirão vencê-los. (p. 181).
- A física moderna estuda o movimento dos corpos pesados e é do esforço de explicar os fatos e fenômenos da experiência diária que decorre o movimento de ideias que conduz ao estabelecimento de suas leis fundamentais. (p. 182)
- Para tanto, não foi somente o estudo da Terra mas dos céus o que permitiu avançar, na medida em que se pôde abandonar a concepção clássica e medieval do cosmo enquanto unidade fechada de um Todo, Todo qualitativamente determinado e hierarquicamente ordenado, e substituí-lo pela do Universo, um conjunto aberto e indefinidamente extenso do Ser, unido pela identidade das leis fundamentais que o governam, que permite à física terrestre utilizar os métodos matemáticos hipotético-dedutivos desenvolvidos pela física celeste (astronomia). (p. 182).
- É a hesitação de Galileu "em extrair ou admitir as últimas consequências de sua própria concepção do movimento, sua hesitação em rejeitar completa e radicalmente os dados da experiência em favor do postulado teórico que estabeleceu com tanto esforço, que o impede

de dar esse último passo no caminho que leva do Cosmo finito dos gregos ao Universo infinito dos modernos." (p. 182)

- Embora a lei da inércia seja a lei fundamental da física moderna e nos parecer perfeitamente clara e evidente por si mesmo, nem sempre foi assim. "Realmente, o caráter de 'evidência' de que se cercam as concepções que acabo de evocar data de ontem. Tais concepções possuem esse caráter, para nós, justamente graças a Galileu e a Descartes, enquanto que, para os gregos, bem como para a Idade Média, teriam parecido - ou pareceram - ser manifestamente falsas e até absurdas. Esse fato só pode ser explicado se admitirmos ou reconhecermos que todas essas noções 'claras' e 'simples' que formam a base da ciência moderna não são 'claras' e 'simples' per se e in se, mas na medida em que fazem parte de certo conjunto de conceitos e de axiomas fora do qual não são, absolutamente 'simples'". (p. 183)
- Não se trata então de descobrir ou de estabelecer essas leis, mas de criar e construir o próprio contexto que tornaria possíveis essas descobertas; reformar o intelecto; fornecer-lhe uma série de novos conceitos; elaborar uma nova ideia da natureza, uma nova concepção da ciência, vale dizer, uma nova filosofia. (p. 183)
- "O conceito galileano do movimento (como também o de espaço) nos parece tão natural que chegamos a crer que a lei da inércia deriva da experiência e da observação, embora, evidentemente, ninguém nunca tenha podido observar um movimento de inércia, pela simples razão de que tal movimento é inteiramente impossível." (p. 184).
- "[...] não estamos conscientes do caráter paradoxal de sua decisão [Galileu] de tratar a mecânica como um ramo das matemáticas, isto é, de substituir o mundo real da experiência quotidiana por um mundo geométrico hipostasiado e de explicar o real pelo impossível." (p. 185)
- "O senso comum é - e sempre foi - medieval e aristotélico." (p. 184).
- "A física de Aristóteles se baseia na percepção sensível, e é por isso que é decididamente antimatemática. Ela se recusa a substituir por uma abstração geométrica os fatos qualitativamente determinados pela experiência e pelo senso comum, e nega a própria possibilidade de uma física matemática [...]" (p. 185-186).
- "[Em Aristóteles] quando se trata dos problemas concretos da física, sempre se faz necessário levar em conta a ordem do Mundo, considerar a região do ser (o lugar "natural") a que determinado corpo pertence por sua própria natureza. Por outro lado, é impossível tentar submeter esses diferentes campos às mesmas leis, mesmo às leis do movimento." (p. 186). - o movimento não é considerado como um estado mas como um processo de mudança que depende de uma causa para se produzir, daí ser natural que corpos pesados caiam e corpos leves flutuem, p. ex.
- Segundo a física aristotélica, se a terra se movesse, uma pedra não cairia ao pé de uma torre da qual caísse. "Não devemos zombar desse argumento. Do ponto de vista da física aristotélica, ele é totalmente justo. Tão justo que, com base nessa física, é irrefutável. Para destruí-lo, temos de mudar todo o sistema e desenvolver um novo conceito de movimento: justamente o conceito de movimento de Galileu." (p. 187).
- "De fato [...] é com problemas filosóficos que temos de tratar nesta discussão." (p. 189).
- Se nos voltarmos para Galileu pode-se notar como ele discutiu longamente as objeções tradicionais dos aristotélicos. Ele não ignora a dificuldade da tarefa, sabe que está diante de inimigos poderosos: a autoridade, a tradição e - o pior de todos - o senso comum. Não adianta explicar. "É preciso começar por educá-los. É mister proceder lentamente, passo a passo, discutir e rediscutir os velhos e os novos argumentos, apresentá-los sob variadas formas, multiplicar os exemplos, inventando novos e mais convincentes: o exemplo do cavaleiro que lança seu dado no ar e o segura de novo; o exemplo do arqueiro que entesa seu arco com maior ou menor força para dar à flecha uma velocidade maior ou menor; o exemplo do arco colocado sobre uma viatura e que pode, assim, compensar a maior ou

menor velocidade da viatura pela velocidade maior ou menor dada a suas flechas. Outros exemplos, inúmeros, que, um após outro, nos conduzem - ou melhor, conduziavam os contemporâneos de Galileu - a aceitar essa concepção paradoxal e inaudita segundo a qual o movimento é algo que persiste no ser in se e per se e não exige nenhuma causa ou força para essa persistência. Uma tarefa muito dura, pois não é natural pensar no movimento em termos de velocidade e de direção em lugar de fazê-lo em termos do esforço e do deslocamento. Mas, de fato, não podemos pensar no movimento no sentido do esforço e do *impetus*; nós o podemos apenas imaginar. Portanto, temos de escolher entre pensar e imaginar. Pensar com Galileu ou imaginar com o senso comum. Pois é o pensamento, o pensamento puro e sem mistura, e não a experiência e a percepção dos sentidos, que constitui a base da 'nova ciência' de Galileu Galilei. Galileu o diz muito claramente. Assim, discutindo o famoso exemplo da bala que cai do alto do mastro de um navio em movimento, Galileu explica longamente o princípio da relatividade física do movimento, a diferença entre o movimento do corpo em relação à Terra e seu movimento em relação ao navio. A seguir, 'sem fazer qualquer menção à experiência', conclui que o movimento da bala em relação ao navio não muda com o movimento deste último. Ademais, quando seu adversário aristotélico, imbuído de espírito empírico, lhe faz a pergunta: 'Fizeste uma experiência?', Galileu declara com orgulho: 'Não, e não preciso fazê-la, e posso afirmar, sem qualquer experiência, que é assim, porque não pode ser de outra forma'. Assim, a *necesse* determina o *esse*. A boa física é feita a priori. A teoria precede o fato. A experiência é inútil porque, antes de toda experiência, já possuímos o conhecimento que buscamos. [...]. Encontramo-las [as leis] e descobrimo-las, não na natureza, mas em nós mesmos, em nosso espírito, em nossa memória, como Platão outrora nos ensinou." (p. 193).

- Assim Galileu proclama que podemos dar provar, pura e estritamente matemáticas, das proposições que descrevem os "sintomas" do movimento e de desenvolver a linguagem da ciência natural através de experimentos construídos de maneira matemática e de ler o livro da Natureza, que é escrito em caracteres geométricos. (p. 194).
- Para Galileu, a linha de separação entre o aristotelismo e o platonismo é perfeitamente clara. Para ele e seus contemporâneos a diferença entre essas duas filosofias "era determinada pelos pontos de vista diferentes sobre as matemáticas enquanto ciência e sobre seu papel na criação da ciência da natureza. Segundo eles, se alguém considera as matemáticas como ciência auxiliar que se ocupa de abstrações e, por isso, de menor valor que as ciências que tratam de coisas reais, como a física; se alguém afirma que a física pode e deve basear-se diretamente na experiência e na percepção sensível, trata-se de um aristotélico. Pelo contrário, se alguém quer atribuir às matemáticas um valor supremo e uma posição-chave no estudo das coisas da natureza, então trata-se de um platônico. [...] a ciência galileana, a filosofia galileana da natureza se afigurava [para Galileu e os seus] como um retorno a Platão, como uma vitória de Platão sobre Aristóteles." (p. 195).

“Discurso do Método”, René Descartes

- “A física então dominante [século XVII] era a da Escolástica, procedente de Aristóteles. Qualitativa, descritiva e classificatória, de intenção contemplativa, ela se baseava na ideia de que o mundo forma uma totalidade finita, ordenada, em que todas as coisas tem um lugar definido, como num imenso organismo. O século XVII rompe com essa imagem do mundo e com esses hábitos de pensamentos para constituir uma física quantitativa, matemática, suscetível de inúmeras aplicações e na qual o mundo é apreendido como uma imensa máquina. Como pôde ocorrer tal revolução?” (p. XIV do Prefácio). Um dos melhores exemplos é o trabalho intelectual de Galileu, segundo o qual “a natureza está escrita em linguagem matemática”.
- “meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo procurei conduzir a minha” (p. 7) e “[propõe]

este escrito apenas como uma história, ou, se preferirdes, apenas como uma fábula” (p. 7): O organizador diz “Talvez nem sempre se tenha reparado bem nestas linhas, entretanto notáveis. Nelas sobressai claramente que a intenção do Discurso não é didática, e sim narrativa. O discurso é uma história destinada a mostrar como Descartes conduziu sua razão; entretanto, se preferirmos, podemos ver nela uma fábula. O que se deve entender daí? Essa palavra designa, no uso corrente, quer uma narrativa fictícia sem nada em comum com a realidade, quer uma narrativa instrutiva comportando uma moralidade. Por certo Descartes se compraz em jogar com a ambiguidade do termo. Contudo, parece que não seria o caso de insistir muito no primeiro sentido: Descartes não pretende fazer o Discurso passar por um conto. Logo, é forçoso admitir que a história que nos propõe comporta um ensinamento. Ou seja, embora a intenção da obra não seja didática, mas histórica, ela não é puramente histórica. (p. XXIV do Prefácio).

- Os quatro preceitos de seu método (p. 23):
  - o “O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.
  - o O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las.
  - o O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros.
  - o E, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir.”

## **O Encontro (23/03/21)**

Questões que surgiram:

- Se lermos a obra de Freud considerando seu próprio contexto e se a lermos a partir do crivo proposto por Lacan nós encontraremos duas leituras distintas. O que essas leituras distintas nos mostram sobre a obra dos dois psicanalistas?
- Segundo Alexandre Koyré a física dominante até o século XVII procedeu de Aristóteles, enquanto a física moderna é platônica, a saber, a teoria precede o fato e a experiência é inútil. Ao se filiar a ele em 1966 (“Koyré é nosso guia aqui”, p. 870), Lacan estava situando qual posição para a psicanálise?
- Lacan disse que tomou como fio condutor um momento do sujeito que considera ser um correlato essencial da ciência, e sobre o qual tenha de saber se é “rigorosamente passível de repetição na experiência” (p. 870), o momento histórico do cogito cartesiano. Esse correlato, ele diz, é o desfilamento de um rechaço de todo saber que pretende fundar para o sujeito um ancoramento no ser, que constitui o sujeito da ciência em sua definição, tomando o termo no sentido de porta estreita. Essa posição por si já levanta várias questões.
- O Sujeito experimenta uma divisão entre o saber e a verdade acompanhado de um modelo topológico: a banda de Moebius. O que pensar desse modelo topológico em relação à representação pictórica que Freud fez das relações entre o Eu e o Isso<sup>1</sup>? Também, o que pensar da frase de Freud ‘Onde estava o isso, ali estará o eu’<sup>2</sup>?

<sup>1</sup> “O Eu e o Isso” (1923, vol. XIX), parte II.

<sup>2</sup> “A Dissecção da Realidade Psíquica” (Conf. XXXI, 1932, vol. XXII), penúltima linha.



### 3º Encontro

#### Convite

Leitura: O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise em “A Ciência e a Verdade”

Neste terceiro encontro continuaremos a leitura no parágrafo em que Lacan mencionou os textos “Fetichismo” (1927, v. XXI) e “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924, v. XIX), de Freud, para repositonar o modelo topográfico da 2ª tópica a partir de seu modelo topológico do Sujeito tomado numa divisão constitutiva. Essa caminhada carrega algumas questões do último encontro:

- Se lermos a obra de Freud considerando seu próprio con-texto e se a lermos a partir do crivo proposto por Lacan nós teremos duas leituras distintas. É possível estudar suas obras considerando essa distinção?
- Para Alexandre Koyré<sup>1</sup>, a física dominante até o século XVII procedeu de Aristóteles, baseada na experiência e na percepção sensível, enquanto a física moderna é platônica, na qual a teoria precede o fato, a experiência é inútil e a matemática tem uma posição-chave. Ao se filiar a Koyré no com-texto de 1966 (“Koyré é nosso guia aqui”, Escritos, p. 870), Lacan situava qual vocação de ciência para a psicanálise?
- Lacan tomou como fio condutor um momento do sujeito que considerou ser um correlato essencial da ciência moderna e sobre o qual teria de saber se seria “rigorosamente passível de repetição na experiência”, o momento histórico do cogito cartesiano. Esse correlato, ele disse, é o desfilamento de um rechaço de todo saber, que por isso pretende fundar para o sujeito um ancoramento no ser, o qual constitui o sujeito da ciência em sua definição, entendendo o termo no sentido de porta estreita (Escritos, p. 870). Essa posição por si já nos deixou com várias questões.
- O Sujeito proposto por Lacan experimenta uma divisão entre o Saber e a Verdade e é acompanhado de um modelo topológico: a banda de Moebius. Com esta posição de Sujeito, Lacan re-posiciona à 2ª tópica freudiana. O que pensar desse modelo topológico em relação à representação pictórica que Freud fez das relações entre o Eu e o Isso<sup>2</sup>? E o que pensar dos dois modelos considerando a frase de Freud ‘Onde estava o isso, ali estará o eu’<sup>3</sup>?

Aguardo vocês para fazermos nosso percurso nesta terça, 06/04, às 19h30, e também convido a participar conosco quem quiser contribuir desdobrando essas questões!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> A. Koyré. Galileu e a Revolução Científica do Século XVII, em: Estudos de História do Pensamento Científico.

<sup>2</sup> S. Freud. O Eu e o Isso (1923), Em: v. XIX, parte II do texto.

<sup>3</sup> S. Freud. A Dissecção da Realidade Psíquica (Conf. XXXI, 1932), Em: v. XXII, penúltima linha do texto.

## **Anotações prévias:**

- **Freud, O Ego e o Id (1923, vol. XIX)**

- o No tópico II: A consciência é a superfície do aparelho mental, é a função de um sistema que espacialmente é o primeiro a ser atingido a partir do mundo externo, não somente no sentido funcional, mas no de dissecação anatômica. Todas as percepções de fora (sensórias) e de dentro (sensações e sentimentos) são conscientes.
- o Para que algo se torne consciente a partir do inconsciente é necessário que se vincule às representações verbais que lhe são correspondentes. Essas representações são resíduos de lembranças, foram antes percepções e podem tornar-se conscientes de novo, situadas no pré-consciente.
- o O Ego tem início no sistema perceptual-consciência, que é o seu núcleo, e começa a abranger o pré-consciente, que é adjacente aos resíduos mnêmicos. Mas ele também é inconsciente.
- o O ego é a entidade que tem início no sistema perceptual e começa por ser pré-consciente, e “a outra parte da mente, pela qual essa entidade se estende e que se comporta como se fosse inconsciente, de id”.
- o “Se fizermos um esforço para representar isso pictoricamente, podemos acrescentar que o ego não envolve completamente o id, mas apenas até o ponto em que o sistema Pcpt. forma a sua [do ego] superfície, mais ou menos como o disco germinal repousa sobre o óvulo. O ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele. Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o ego através do id.”
- o O ego foi a parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo por intermédio do sistema perceptual-consciência, é uma extensão da diferenciação de superfície. Ele aplica a influência do mundo externo ao id, esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina no id, pelo princípio de realidade.
- o O ego é um ego corporal, não somente uma entidade de superfície, mas a projeção de uma superfície.

- **Freud, Neurose e Psicose (1924, vol. XIX)**

- o “[...] ocorreu-me agora uma fórmula simples que trata com aquilo que talvez seja a mais importante diferença genética entre uma neurose e uma psicose: a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao que passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo.”. Isso, pois:
  - As neuroses transferenciais se originam de recuar-se o ego a aceitar um impulso instintual do id ou a ajuda-lo a encontrar um escoador, ou o ego proibir àquele impulso o objeto a que visa. O ego se defende contra o instinto pela repressão e o material reprimido cria uma representação substitutiva, que impõe uma conciliação, o sintoma. O ego continua lutando contra o sintoma e isso produz o quadro da neurose. O ego está seguindo as ordens do superego originadas do mundo externo.
  - Nas psicoses há um distúrbio no relacionamento entre o ego e o mundo externo. Se este governaria o ego (por percepções atuais e presentes, e pelo armazenamento de lembranças de percepções anteriores), na amênia (desordem mental) as novas percepções são recusadas, o mundo interno que seria cópia do externo perde sua significação. O ego cria um novo mundo externo e interno e este é construído conforme os impulsos desejosos do id e essa dissociação se produz devido à frustração muito séria e intolerável de um desejo por parte da realidade.
  - Neurose e psicose têm etiologias comuns que consiste na frustração ou não-realização de um desejo infantil. Essa frustração é externa, mas pode proceder de agente interno (superego) que assumiu a representação das exigências da realidade. “O efeito patogênico depende de o ego, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à

sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da realidade.”

- Há sempre um fracasso no funcionamento do ego para que se produza neuroses e psicoses.

- **Freud, A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose” (1924, vol. XIX)**

- o Inicia o texto dizendo a mesma frase do anterior: “indiquei como uma das características que diferenciam uma neurose de uma psicose o fato de em uma neurose o ego, em sua dependência da realidade, suprimir um fragmento do id (da vida instintual), ao passo que, em uma psicose esse mesmo ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade. Assim, para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id.”
- o Entretanto, há uma contradição: isso não concorda com o aspecto de que a neurose perturba a relação do paciente com a realidade servindo-se de um meio de se afastar dela como uma fuga da vida real.
- o Uma neurose não se produz quando o ego reprime um impulso instintual; esse é seu começo. A neurose se produz nos processos de compensação à parte do id danificada – na reação contra a repressão e no fracasso da repressão. Esse segundo passo produz um afrouxamento da relação com a realidade e a perda da realidade afeta exatamente aquele fragmento de realidade cujas exigências resultaram na repressão.
- o A neurose continua sendo o resultado de uma repressão fracassada. Exemplo: Jovem enamorada do cunhado. De pé ao leito de morte da irmã, ela se horroriza ao pensar “Agora ele está livre e pode casar comigo”. A cena foi esquecida e o processo de repressão foi acionado, o que a conduziu a seus sofrimentos histéricos. A neurose se afastou do valor da mudança que ocorreu na realidade, reprimindo a exigência instintual que surgiu, o amor pelo cunhado. A reação psicótica teria sido uma rejeição do fato da morte da irmã.
- o Uma psicose se produziria por um processo análogo entre distintas instâncias da mente. Duas etapas ocorreriam. 1) arrastar o ego para longe, mas da realidade, 2) reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id. Mas o segundo passo repararia a perda da realidade não pelas expensas de uma restrição com a realidade, mas criando uma nova realidade que não levanta as mesmas objeções que a antiga.
- o O segundo passo, na neurose e na psicose, serve ao desejo de poder do id: Na neurose, um fragmento da realidade é evitado pela fuga, ou seja, a obediência é sucedida por uma tentativa adiada de fuga; Na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento. A diferença entre as duas está mais na primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação. “Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.”
- o Na psicose a transformação da realidade é feita sobre os precipitados psíquicos de antigas relações (traços de memória, ideias, julgamentos derivados da realidade), e para construir novas percepções que corresponda à nova realidade se produzem alucinações. Provável que, tal como o instinto reprimido faz na neurose impondo-se à mente, na psicose o fragmento de realidade rejeitado se impõe constantemente.
- o Outra analogia entre neurose e psicose: em ambas a tarefa da segunda etapa é parcialmente mal-sucedida, pois o instinto é incapaz de conseguir um substituto completo na neurose e a representação da realidade não pode ser modelada em formas satisfatórias em qualquer doença mental. Na Psicose: incide sobre a primeira etapa, que é patológica em si própria e conduz à enfermidade; Na Neurose: recai sobre a segunda etapa, no fracasso da repressão, enquanto a primeira teve êxito e o alcança muitas vezes sem transpor os limites da saúde, mas o faça a um certo preço.

- o “Essas distinções, e talvez muitas outras também, são resultado da diferença topográfica na situação inicial do conflito patogênico – ou seja, se nele o ego rendeu-se à sua lealdade perante o mundo real ou à sua dependência do id.”. Neurose: evitar o fragmento da realidade em apreço e proteger-se contra entrar em contato com ele
- o Entretanto: “A distinção nítida entre neurose e psicose, contudo, é enfraquecida pela circunstância de que também na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo.”
- o Trecho fundamental para o “A Ciência e a Verdade”:

- “A distinção nítida entre neurose e psicose, contudo, é enfraquecida pela circunstância de que também na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. Isso é possibilitado pela existência de um mundo de fantasia, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. Esse domínio, desde então, foi mantido livre das pretensões das exigências da vida, como uma espécie de ‘reserva’; ele não é inacessível ao ego, mas só frouxamente ligado a ele. É deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório.

Difícilmente se pode duvidar que o mundo da fantasia desempenhe o mesmo papel na psicose, e de que aí também ele seja o depósito do qual derivam os materiais ou o padrão para construir a nova realidade. Ao passo que o novo e imaginário mundo externo de uma psicose tenta colocar-se no lugar da realidade – um fragmento diferente daquele contra o qual tem de defender-se -, e emprestar a esse fragmento uma importância especial e um significado secreto que nós (nem sempre de modo inteiramente apropriado) chamamos de simbólico. Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto para a realidade.”

- **Freud, Fetichismo (1927, vol. XXI)**

- o Nota do editor: Freud assinala no Esboço de Psicanálise que a divisão do ego não é peculiar ao fetichismo, podendo acontecer em muitas situações em que o ego se defronta com a necessidade de construir uma defesa, e que ela ocorre tanto na repressão quanto na rejeição (verleugnung).
- o Estudo de homens cuja escolha objetual era dominada por um fetiche, mas eles não veem o fetiche como o sintoma de uma doença, apesar de ser reconhecido como uma anormalidade.
- o Exemplo jovem que alçou um “brilho do nariz” a uma precondição fetichista. Explicação: Paciente fora criado na Inglaterra, indo depois para a Alemanha, onde esquecera a língua materna quase completamente. O fetiche tinha de ser entendido em inglês, pois “brilho do nariz” (“glans auf der nase”) era um “vislumbre do nariz” (“glance of the nose” - relance). O nariz era o fetiche ao qual ele dotara do brilho luminoso que não era perceptível a outros.
- o “Em todos os casos, o significado e o propósito do fetiche demonstraram, na análise, serem os mesmos.”: o fetiche é um substituto para o pênis, mas não para qualquer pênis e sim para um pênis específico e especial, importante na infância mas posteriormente perdido, e o fetiche destina-se a preservá-lo, a saber, “o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar.”
- o O menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Isso não poderia ser verdade pois se uma mulher tinha sido castrada, logo sua

- posse do pênis estava em perigo, logo, em volta disso ele ergueu em revolta a parte de seu narcisismo que a Natureza vinculou a esse órgão específico.
- o Um adulto escotomiza sua percepção da falta de pênis da mulher (recusa inconsciente de perceber uma realidade exterior independente do indivíduo, sobre a qual projeta desejos e fantasmas subjetivos, contra os quais se defende).
  - o Esse termo novo falaria de novos processos, mas para Freud a repressão já se relaciona com esse processo patológico. Entretanto, considerando o que acontece com a vicissitude da ideia em distinção à do afeto, reservando a repressão (verdrängung) para o afeto, então a palavra para a vicissitude da ideia seria rejeição (verleugnung). Escotomizar sugere que a percepção inteira é apagada, mas não é o que acontece na situação relatada, pois a percepção continuou e uma ação muito enérgica foi empreendida para manter a rejeição.
  - o A criança reteve a crença do falo das mulheres e também a abandonou. Ela fez um compromisso, sob o domínio dos processos primários, entre a percepção desagradável e a força do contradesejo. A mulher teve um pênis, mas esse não é mais o mesmo de antes; algo tomou seu lugar e herda o interesse da criança, o fetiche. Mas o interesse sofre um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação do substituto, daí a aversão aos órgãos genitais femininos reais.
  - o O fetiche: mantém um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela; salva o fetichista de se tornar homossexual, dotando as mulheres de uma característica tolerável como objetos sexuais; o significado do fetiche é desconhecido aos outros, então não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode produzir satisfação sexual ligada a ele; o fetichista não precisa implorar para ter, como os outros homens, pois o fetiche lhe dá isso.
  - o O susto da castração à vista de um órgão genital feminino não é poupado a nenhum humano do sexo masculino. Há quem se torna homossexual em consequência dessa impressão, enquanto outros se desviam pela criação de um fetiche, e a maioria a supera.
  - o Seria esperado que os órgãos ou objetos escolhidos como substitutos para o falo ausente da mulher aparecessem como símbolos sob outros aspectos, mas é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche:
    - Pé e sapato: o menino espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo;
    - Peles e veludo: fixação da visão dos pelos púbicos, seguida pela visão do membro feminino;
    - Peças de roupa interior: cristalizam o momento de se despir, antes da mulher ser encarada como fállica;
    - Obs: “Não sustento, porém, ser invariavelmente possível descobrir com certeza o modo como o fetiche foi determinado.”
  - o A explicação do fetichismo possui outro aspecto de interesse teórico, seguindo linhas inteiramente especulativas: “cheguei à proposição de que a diferença essencial entre a neurose e a psicose consistia em que, na primeira, o ego, a serviço da realidade, reprime um fragmento do id, ao passo que, na psicose, ele se deixa induzir, pelo id, a se desligar de um fragmento da realidade. Retornei a esse tema mais tarde.”
  - o Lamenta ter se aventurado tão longe: na análise de dois jovens aprendeu que ambos (um quando tinha 2 anos; o outro, aos 10) não conseguiram tomar conhecimento da morte do pai, “escotomizando-o”, e, contudo, não desenvolveram uma psicose.
    - 1) Um fragmento da realidade foi rejeitado pelo ego, como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas.
    - 2) Freud suspeitou que ocorrências semelhantes na infância não são raras, e acreditou ter sido culpado em sua caracterização da neurose e da psicose.
    - Solução para a contradição: Os dois jovens não haviam “escotomizado” a morte dos pais mais do que um fetichista escotomiza a castração feminina. Apenas uma corrente

em sua vida mental que não reconheceu a morte, enquanto outra se dava plena conta desse fato. A atitude que ajusta ao desejo e aquela que se ajusta à realidade existiam lado a lado.

- Num dos casos, a divisão construiu a base de uma neurose obsessiva moderadamente grave. O paciente oscilava entre duas presunções: i) o pai ainda estava vivo e atrapalhava suas atividades; ii) oposta, tinha o direito de se considerar como sucessor do pai. Numa psicose, sua expectativa é de que uma das correntes – a que se ajustava à realidade – esteja realmente ausente.
- o “existem muitas provas adicionais e de peso quanto à atitude dividida dos fetichistas para com o tema da castração feminina.”
  - Em alguns casos, a rejeição quanto a afirmação da castração encontra caminho na construção do fetiche. Ex: Homem cujo fetiche era um suporte atlético que também podia ser usado como calção de banho. A peça cobria inteiramente os órgãos genitais e ocultava a distinção entre eles. Análise mostrou que isso significa que as mulheres eram castradas e que não eram castradas; permitiu a hipótese de que os homens eram castrados, pois essa possibilidade ficava oculta sob o suporte, cujo primeiro rudimento infantil fora a folha de parreira de uma estátua.
  - Em outros casos, a atitude dividida se mostra no que é feito com o fetiche, em realidade ou imaginação, como reverenciar ou tratar como equivalente a uma representação da castração. No último caso, isso acontece por se desenvolver uma forte identificação com pai e desempenhar o papel deste último, pois foi a este que a criança atribuiu a castração da mulher. Há também afeição e hostilidade no tratamento do fetiche.
  - Caso do comportamento de “coupeur de nattes” (cortar de cabelo feminino), no qual há a necessidade de executar a castração, que o fetichista rejeita, em primeiro plano. A ação contém em si as asserções “a mulher ainda tem um pênis” e “meu pai castrou a mulher”.
  - Uma variante da anterior: costume chinês de mutilar o pé feminino e depois reverenciá-lo como um fetiche. Algo como se o homem chinês quisesse agradecer à mulher por ter submetido a ser castrada.
- o Conclusão: “o protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal de órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris.”

## O Encontro (06/04/21)

Questões que surgiram:

- Divisão do eu nos textos do fetichismo e da perda da realidade aponta para uma mudança na noção da realidade em Freud, pois juntamente com a noção de princípio de realidade ele passa a falar do mundo de fantasia. Ao mesmo tempo, ao falar do que acontece na neurose, na psicose e no fetichismo – ele não fala de perversão -, Freud deixa a entender que há muito mais semelhanças que diferenças entre eles.
- Porta estreita como impossível, apertado, mas também trânsito entre um lado e outro, pelo aspecto da impossibilidade de realização do amor que aparece em Gide, tanto em sua vida quanto em sua obra. O livro da Porta Estreita traz aspectos a respeito. Isso também ajudou a pensar que o ancoramento no ser, que Lacan aponta no cogito, deve ser pensado como porta estreita por conta da impossibilidade, enquanto o sujeito é pensado de outra forma.
- Ao reposicionar a 2ª tópica freudiana, Lacan vê nos conflitos existentes entre as instâncias psíquicas Eu, Isso e Supereu, uma retomada da experiência segundo uma dialética que o estruturalismo possibilitou elaborar logicamente como o Sujeito tomado numa divisão constitutiva.

- Lacan lê o princípio de realidade como a linha de experiência que o sujeito da ciência sanciona, e também marca essa distinção da realidade não mais como correlato do sistema percepção-consciência e sim como uma noção de realidade que inclui a realidade psíquica.
- Para ele é impensável que tanto a psicanálise quando a descoberta do inconsciente pudessem existir antes do advento da ciência, e que esta ciência moderna não se trata de um desenvolvimento do que foi a ciência antes, mas a extração naquela de seu próprio fio, de uma maneira que melhor mostra sua **diferença** de qualquer outro. Isso remete a Koyre, mas também à ilusão arcaica.
- O sujeito está ali no âmago na **diferença**, e isso torna supérflua qualquer referência humanista, pois esta ele corta de imediato.

## Pós-Encontro

Questões que vieram após o encontro:

- O movimento de Lacan de pedir que confiemos nesse, na leitura que ele faz da obra freudiana aplicando um trabalho de justapor termos e textos, e como isso tende a criar uma sobreposição das obras caso não lemos a teoria de Freud em separado. Pensei nisso ao me ver permutando o nome de Freud pelo de Lacan na leitura.
- A posição de Lacan de criticar as noções de Isso, Eu e Supereu e o princípio de realidade já existia ao menos desde 1936, quando, no texto “Para-além do ‘princípio de realidade’”, ele faz uma crítica da metapsicologia freudiana (p. 93-95, Escritos):
  - Libido
  - Definição de lugares imaginários que constituem a personalidade (Eu, Isso, Supereu)
  - Princípio de realidade
- Como Freud pensou o princípio de realidade ao longo de sua obra? Pegando em textos como “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” e comparando com “A perda da realidade na neurose e na psicose” é possível tecer algumas considerações. As questões são qual a noção de realidade proposta por Freud, quais as críticas que Lacan fez a essa noção, e qual a nova posição de Lacan frente a isso. Me dei conta aqui de como o tema da realidade ficou presente pra mim tanto na troca do título do texto de Freud, “A dissecação da personalidade psíquica” trocando “personalidade” por “realidade”.
- Considerando a frase “Onde estava o isso, ali estará o eu”, de Freud, como podemos entender a operacionalização das clínicas freudiana e lacaniana a partir das teorias dos dois autores? No caso de Freud, é a prática da análise que permitirá, como consequência, a frase produzir. Logo, o eu estará onde estava o isso ao longo do percurso da análise, ao traduzir pensamentos inconscientes em conscientes, analisar as defesas do eu e fortalece-lo. No caso de Lacan, não parece que isso será uma ocorrência ao longo do processo, mas é o que já se produz instantaneamente na cadeia significante: no encadeamento significante, o Je está sempre surgindo onde o isso estava. Cabe ao analista pontuar esses surgimentos, daí sua responsabilidade.
- Quais críticas o feminismo fez à compreensão freudiana sobre a sexualidade feminina, a castração, o pênis inferior – clitóris -, à ênfase de Freud no falo entre a ausência e a presença do pênis, enquanto órgão masculino e de que forma Lacan avançou com sua teoria frente a isso considerando o falo a partir do RSI?

## Retomada dos textos

No texto da “Perda da Realidade na neurose e na psicose” Freud faz uma correção do que propôs no texto “Neurose e Psicose”, a saber, que para ele a neurose e a psicose eram

produzidas pela supressão de um fragmento do Isso, na neurose, e por um afastamento da realidade, na psicose, na qual o Eu está a serviço do Isso. Logo, se trata do que predomina de influência sobre o Eu, seja vindo do Isso, seja vindo da realidade. A realidade e o Isso, portanto, estão em contraposição, e o Eu situa-se entre ambos. Logo, no primeiro texto da Neurose e Psicose o tema da perda da realidade estava sendo considerado somente no caso da psicose.

Já no texto da “Perda da realidade” ele levantou uma contradição ao dizer que nas neuroses também acontece um afastamento da realidade, e é sobre isso que ele desenvolverá a sequência do texto. Para isso, ele apontou que a neurose não se produz com a repressão do isso pelo eu diante das influências da realidade, mas na contrapartida dessa ação, ou seja, na compensação que o eu faz ao isso por tê-lo suprimido, logo, no fracasso da repressão. É aqui que se produz a neurose na medida em que um sintoma é constituído como substituto ao impulso anterior e também acontece um afrouxamento da relação com a realidade. Esse afastamento da realidade é a perda da realidade na neurose, tendo em vista que a neurose fará com que se foque no sintoma e não mais na realidade a partir da qual vieram as exigências contra os impulsos a serem reprimidos.

Ele dá um exemplo: A moça que se enamora pelo cunhado e, no leito de morte da irmã, pensa “Agora ele está livre e pode casar comigo”, pensamento que é reprimido e dá início aos sofrimentos histéricos. Para Freud, a neurose tentou solucionar o conflito se afastando do valor da mudança que ocorreu na realidade, reprimindo o amor pelo cunhado. Se fosse uma psicose, ele teria feito uma rejeição do fato da morte da irmã, ou seja, teria rejeitado esse elemento da realidade. – Ele voltará nesse assunto no texto do Fetichismo com o termo “rejeição”, que ele atribui aos fetichistas, mas que também identifica uma relação com a repressão, distinguindo a repressão como intervindo no afeto, enquanto a rejeição intervém na ideia.

Assim, ele desenvolve o que aconteceria na psicose, que seria algo análogo à neurose, mas com distintas instâncias da mente, tendo em vista sua metapsicologia, tão criticada por Lacan. Então, conclui que “Tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição – ou de sua incapacidade – a adaptar-se às exigências da realidade, à necessidade. A neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue.”.

A questão que se coloca é: na medida em que se perde a realidade, a realidade externa – matriz que funda o princípio de realidade no psiquismo (vide texto “Sobre os dois princípios do funcionamento mental” –, em ambos os padecimentos, seja na psicose abandonando a realidade e construindo uma nova, seja na neurose, reprimindo o isso mas, na sequência, recompensando-o e afastando um pouco da realidade, o que é colocado no lugar dessa realidade que foi perdida?

Para Freud, na psicose, a transformação se faz sobre os precipitados de antigas relações com ela (traços de memória, ideias, julgamentos derivados da realidade), e na neurose, a substituição de uma realidade por outra, mais de acordo com os desejos do indivíduo, é possibilitada pelo “mundo de fantasia”, um domínio separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. Esse domínio foi preservado das exigências da vida, uma reserva, não é inacessível ao eu, mas frouxamente ligado a ele, e é dele que a neurose retira o material para suas novas construções, fazendo uma regressão a um passado real satisfatório. Esse “mundo de fantasia” também está presente na psicose, funcionando como depósito do qual derivam os materiais para construir a nova realidade, que funcionará como um “imaginário mundo externo” e se colocando no lugar da realidade, um fragmento distinto do qual ele se defende, emprestando ao fragmento uma importância especial e um significado secreto “simbólico”.

Por fim, fica evidente para Freud que se trata de pensar na neurose e na psicose tanto a questão da perda da realidade quanto a do substituto para a realidade.

Já no texto “Fetichismo” o ponto que ele levanta é sobre o que é o fetiche e de como pensá-lo psicanaliticamente. Sua formulação é a de que “o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar”. Daí a questão da recusa da ideia, distinto do que se produz numa repressão, que é uma recusa do impulso e do afeto correspondente.

A partir dessa apresentação ele fala do termo “escotomização” e diz que o termo repressão já se relaciona a esse processo patológico, mas que ele distinguirá a repressão (*verdrängung*) para a vicissitude do afeto, e rejeição (*verleugnung*) para a vicissitude da ideia. Para ele, o termo escotomização é inapropriado por sugerir que a percepção inteira é apagada, como quando há um ponto cego na retina, enquanto, na sua compreensão, a percepção continuou e existe uma ação enérgica grande para manter a rejeição. É a posição dupla de reter a crença e abandoná-la o que Freud está tentando apontar, logo, uma posição dividida, como se fossem duas afirmações contrárias: “há o pênis; não há o pênis”.

Após alguns exemplos que ajudam a notar como Freud era empiricista e universalista, ele fala de outro aspecto de interesse teórico, entrando na questão que trouxe nos textos “Neurose e Psicose” e “Perda da realidade na neurose e na psicose”. Ele lamenta ter se aventurado longe ao dizer que se trata na neurose e na psicose, do eu estar a serviço da realidade e do isso, respectivamente. Ao citar o exemplo de dois jovens que “escotomizaram” o fato da **morte** do pai, o que indicaria a produção de uma psicose – e não de um fetiche, pois o fetiche diz respeito à escotomização da ameaça de castração, da castração feminina -, mas isso não aconteceu.

Então, nesse texto ele está corrigindo a leitura que trouxe até então. Que um fragmento da realidade tenha sido rejeitado pelo eu, tal como a castração feminina é rejeitada nos fetichistas, isso não produziu uma psicose. Aqui vemos como a distinção entre cada um dos padecimentos ou respostas aos conflitos são bem sutis na leitura laciana.

A solução que Freud encontrou foi a de que a escotomização que os jovens fizeram foi diferente da realizada por um fetichista, segundo sua compreensão metapsicológica. Uma corrente em sua vida mental não reconhecia a morte, mas outra reconhecia - aí novamente a questão da divisão. Assim, coexistiam a atitude que se ajustava ao desejo e a atitude que se ajustava à realidade, num dos casos a divisão constituiu uma neurose obsessiva moderadamente grave, e havia uma oscilação entre duas presunções: o pai estava vivo e atrapalhava suas atividades; o paciente tinha direito de se considerar sucessor do pai, logo, este estava morto.

Caso fosse uma psicose – comparável ao que Freud propôs com o exemplo da moça apaixonada pelo cunhado no texto da “Perda da realidade”, que ela reprimiu o impulso pelo cunhado (neurose) ao invés de rejeitar a realidade da morte da irmã (psicose) – aqui ele diz que se atém à expectativa de que se fosse uma psicose a corrente relacionada ao pai estar morto e o filho ser seu sucessor estaria ausente, tendo em vista que nesta há um ajustamento à realidade.

Ele segue falando do fetichismo até encerrar sua reflexão falando sobre o protótipo normal dos fetiches ser um pênis de homem, e o protótipo normal de órgãos inferiores ser o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris, tema que fica como questão para pensarmos à luz das críticas que sua obra recebeu e também das alterações que Lacan propôs pensando o falo como significante e não como órgão.

Um terceiro texto, que E. Roudinesco e M. Plon citam ao falar da “clivagem do eu”, tema que Lacan está tratando, além desses dois anteriores, é o texto “A clivagem do eu no processo de defesa”, texto de 1938, vol. XXIII.

Nele, Freud fala de um acontecimento quando o eu se encontra sob a influência de uma poderosa exigência pulsional com a qual está acostumado a satisfazer, mas que é subitamente assustado por uma experiência que lhe ensina que um perigo real quase intolerável pode resultar

dessa satisfação. Diante disso, o eu, que deveria se colocar diante de uma ou outra possibilidade – i) renunciar à satisfação pulsional reconhecendo o perigo real ou ii) rejeitar a realidade e conservando a satisfação, logo, sem reconhecer o perigo real -, reage realizando as duas possibilidades simultaneamente: rejeita a realidade recusando-se a aceitar a proibição e reconhece o perigo e assume o medo dele como um sintoma patológico tentando desfazer-se do medo.

Esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, que nunca se curará, mas aumentará ao longo do tempo. As reações contrárias persistem como ponto central de uma divisão (splitting/spaltung/clivagem) do eu. E embora o eu seja considerado a partir de sua função sintética, de fazer uma síntese dos processos que se produzem no psiquismo, ele também está sujeito a condições particulares como esta.

Na sequência ele dá um exemplo e começa a refletir sobre o que acontece: um menino se vê diante da ameaça de castração. A partir daí espera-se que ele ceda à ameaça e obedeça à proibição abandonando a satisfação pulsional, o que lhe fará encaminhar para a produção de sintomas neuróticos. Entretanto, ele fez outra saída criando um substituto para a falta que via nos indivíduos do sexo feminino, a saber, um fetiche. Ele rejeitou a realidade, mas poupou seu próprio pênis. Assim ele seguiu imperturbado com sua masturbação e com a satisfação pulsional.

Esse comportamento aponta para um afastamento da realidade, que Freud preferia preservar para as psicoses. Nesse caso, contudo, ele diz que o menino não contradisse suas percepções e alucinou um pênis onde não havia – caso de uma psicose -, mas transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo, auxiliado pela regressão, e esse deslocamento relacionou-se apenas ao corpo feminino, nada se modificando quanto ao pênis.

Essa foi uma forma de lidar com a realidade de modo que continuasse com a masturbação sem implicar em perigo para o pênis, embora tenha desenvolvido um sintoma que demonstrava que reconhecia o perigo. Então, diante da ameaça de castração ele criou um fetiche e, simultaneamente, um medo intenso de ser punido pelo pai, exigindo toda a força de sua masculinidade. Também o medo regrediu à fase oral assumindo a forma de um medo de ser comido pelo pai. Ele ainda produziu outro sintoma, que é uma susceptibilidade ansiosa contra o fato de um dos dedos do pé ser tocado. Aqui Freud entende que aí se nota o vaivém entre rejeição e reconhecimento, como se a castração encontrasse a expressão mais clara.

## 4º Encontro

Convite:

Leitura: O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise em “A Ciência e a Verdade”

No último encontro nós conversamos sobre a Divisão do Eu e a Realidade Psíquica na teoria de Freud, conceitos que Lacan reposicionou em sua leitura dos textos freudianos a partir do conceito de Sujeito. Agora, nós caminharemos pelos parágrafos nos quais Lacan aponta que a Psicanálise e a descoberta do Inconsciente não poderiam acontecer antes do nascimento da Ciência, e que não se deveram aos pacientes terem procurado Freud em nome da ciência, mas à vinculação dele aos ideais do cientificismo de sua época. Essa caminhada não acontecerá sem algumas questões que ficaram:

- No texto, Lacan pede que confiemos na técnica de leitura que lhe foi preciso impor aos textos freudianos. Seu pedido remete a uma questão que levantamos no segundo encontro: “Se lermos a obra de Freud considerando seu próprio con-texto e se a lermos a partir do crivo proposto por Lacan nós teremos duas leituras distintas. É possível estudar suas obras considerando essa distinção?”. Insistindo nisso, como realizar as duas leituras sustentando as diferenças epistemológicas entre Freud e Lacan?
- Em vários textos de Lacan vemos suas críticas às noções freudianas do Eu, Isso e Supereu, que ele chamou de lugares imaginários, e do Princípio de Realidade. No texto “A Ciência e a Verdade” (1966) ele sustenta essa crítica mais uma vez, a partir do conceito de Sujeito. Então, de que modo Freud pensou essas noções ao longo de sua obra? Quais críticas Lacan fez a elas? E o que Lacan propôs no lugar a partir de sua teoria?
- Comparando a frase de Freud “Onde estava o isso, ali estará o eu”<sup>1</sup>, com a releitura de Lacan, “Lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] [Je] advir”<sup>2</sup>, como podemos pensar as aproximações e os afastamentos das propostas teórico-clínicas dos dois autores?
- Quais críticas o Feminismo fez à Teoria Freudiana considerando temas como a sexualidade feminina, a castração, o clitóris como pênis inferior e o falo como presença ou ausência do pênis? E de que modo Lacan avançou em relação a Freud a partir de sua teorização das dimensões do RSI, aceitando ou não as críticas feministas?

Nos encontraremos nesta terça, 20/04, às 19h30, para dar continuidade à nossa leitura! Até lá!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> Sigmund Freud, Conferência XXXI, Dissecção da Personalidade Psíquica, em: Obras Completas, vol. XXII, último parágrafo.

<sup>2</sup> Jacques Lacan, A Ciência e a Verdade, em: Escritos, 1998, p. 878.

### Anotações prévias

Artigo “Freud e a Psicanálise como ‘Ciência da Natureza’”, de Olga Maria (UFES), ler páginas 79 a 81: <https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/11735/8432>

“

Podemos agora realizar uma visão de conjunto do contexto da formação científica de Freud. O contexto inicial pode ser reconstituído a partir dos personagens decisivos para o seu percurso apontados em sua autobiografia, onde os primeiros nomes citados são, na ordem: Darwin, Goethe e Carl Brühl. A influência ocorreu nos anos precoces, adolescentes, época dos interesses extensos e difusos cuja superação Freud considera uma condição necessária à produção de algo de valor.

Os primeiros mestres, aqueles que o marcaram efetivamente, foram aqueles que encontrou durante a formação universitária: o “grande” Ernst Brücke do Laboratório de Fisiologia e seus dois assistentes Sigmund Exner e Ernest Fleischl Von Marxow.

Foi sob a influência deles que se construiu a base da sua formação de pesquisador, ao mesmo tempo em que se deu o amadurecimento intelectual do adolescente para torna-lo capaz de se “concentrar [...] exclusivamente em um único assunto ou problema”, “em completo contraste com o caráter difuso de meus estudos durante os primeiros anos de universidade”. (FREUD, 1980/1925: 21),

Outro personagem marcante foi Theodor Meynert, do Instituto de Anatomia Cerebral, seguido por Charcot, da Salpêtrière, Baginsky de Berlim e Kassowitz do Instituto Kassowitz (instituto público de Viena para tratamento de doenças infantis, onde Freud ficou encarregado de um departamento de doenças nervosas de crianças). Há ainda Breuer, conhecido médico vienense, que o acompanhou inicialmente no uso da hipnose no tratamento de pacientes neuróticos.

Ernest Jones, o biógrafo oficial de Freud, chama atenção nesse conjunto para a importância dos momentos iniciais da formação de Freud, pois teriam deixado as marcas mais permanentes em todo o trajeto posterior, mesmo depois que deixou a fisiologia e a neurologia para dedicar-se inteiramente à sua própria descoberta, a Psicanálise. Ter-se-ia mantido a concepção de ciência que se formou então a mesma que o fundador da psicanálise transportou para o novo campo ainda inexplorado?

“Tem sido frequentemente conjecturado que as teorias psicológicas de Freud datam de seu contato com Charcot ou Breuer, ou mesmo de mais tarde. Ao contrário, pode ser mostrado que os princípios dos quais construiu as suas teorias eram os que havia adquirido quando estudante de Medicina, sob a influência de Brücke. A emancipação dessa influência consistiu não em uma renúncia aos princípios, mas no fato de ter-se tornado apto a aplicá-los empiricamente aos fenômenos mentais, ao mesmo passo que rejeitava quaisquer bases anatômicas.” (JONES, 1979: 76)

O movimento que construiu o ambiente científico dentro do qual o jovem Freud se formou teve origem nos anos 1830-1840. Entre 1833 e 1838 surgiu o Manual de fisiologia humana de Johannes Müller que formulou a teoria da energia específica dos nervos e revolucionou a neurologia. O clima epistemológico da Alemanha, à medida que avança o século, foi marcado pelos avanços da fisiologia. No círculo dos alunos de Müller surge a importante linhagem dos fisiologistas alemães: Du-BoisReymond, Virchow, Helmholtz. “[...] que formarão, por sua vez, as gerações do último quarto do século. Wundt, fundador da Psicologia Científica depois de Lotze, é formado por Helmholtz.” (ASSOUN, 1981: 59)

O instituto em que trabalhou o jovem estudante de medicina Sigmund Freud fazia parte do movimento científico conhecido como a Escola de Medicina de Helmholtz. Sua história iniciou-se no começo da década de 40, com a amizade entre Emil Du Bois-Reymond (1818-1896) e Ernst Brücke (1818-1892), acrescida posteriormente por Hermann Helmholtz (1821-1894) e de Carl Ludwig (1816-1895). Esse grupo deixou marcas profundas no pensamento científico da época e ficou conhecido, não apenas pelos resultados de suas pesquisas, como também pelo “espírito de cruzada” em favor da conquista de adeptos à sua

concepção de cientificidade, que reunia físicos e fisiologistas. Neste sentido, tornou-se paradigmático o juramento de Brücke e Du Bois-Reymond escrito em 1842: “Brücke e eu formalizamos um juramento solene pra levar à prática esta verdade: Nenhuma outra força, a não ser físico-químicas comuns, acham-se em ação ativa no interior do organismo. Nos casos em que não se possam obter informações através dessas forças, eventualmente, ter-se-á de encontrar um caminho específico ou a forma de sua ação por intermédio do método físico-matemático ou admitir novas forças, idênticas em dignidade às forças químico-físicas inerentes à matéria, e que são redutíveis à força de atração e repulsão.” (JONES, 1979:73)

Mantendo essa posição, Freud pode ser considerado “um descendente tardio de uma corrente obstinadamente física que se cristalizou desde os anos 1840 na Alemanha em torno deste famoso Berliner Gesellschaft, ilustrado pela prestigiosa trilogia Helmholtz-Brücke-Du Bois-Reymond.” (ASSOUN, 1981:46)

”

Ernst Wilhelm von Brücke: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Wilhelm\\_von\\_Br%C3%BCcke](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Wilhelm_von_Br%C3%BCcke)

Hermann von Helmholtz: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermann\\_von\\_Helmholtz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermann_von_Helmholtz)

Emil du Bois-Reymond: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Emil\\_du\\_Bois-Reymond](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emil_du_Bois-Reymond)

Um artigo: “Psicanálise e Feminismo”: <https://revistacult.uol.com.br/home/psicanalise-e-feminismo/>

## O Encontro

Um livro para pensar como Lacan pensava o feminino ao longo de sua obra: “O que Lacan dizia das mulheres?”, Colette Soler

Questões que ficaram:

- Seria possível ler um texto a partir de seu próprio con-texto ou toda leitura implica, necessariamente em ler de outro lugar? Na pergunta que levantei eu aponte duas leituras, a de Freud por seu próprio con-texto, e a de Lacan subvertendo o texto freudiano, mas haveria outras? Isso nos fez pensar que a obra de Freud é vasta o suficiente para que várias leituras sejam realizadas: dos psicanalistas do ego, de Lacan, de Jacques Derrida, de outros tantos. Isso remete ao texto “O que é um autor?”, de Michel Foucault. Um autor é aquele que permite pensar, construir novos paradigmas. Além disso, temos conversado sobre o estudo de um texto, seja sobre o rigor do estudo, seja da questão dos contextos, de qual perspectiva se lê um texto, de que traduções etc.
- Conversamos um pouco sobre a posição de Freud acerca do aparelho psíquico – no qual “o eu não é senhor em sua própria casa” (Uma dificuldade no caminho da psicanálise, 1917, v. XVII, penúltimo parágrafo) -, e para o qual ele propõe que a psicanálise produza que o ego se assenhoreie de novas partes do id (Conferência XXXI, Dissecção da personalidade psíquica, 1932, v. XII), apontando o quanto Freud visava, num trabalho de cultura, fortalecer o ego. Entretanto, a leitura que Lacan faz da “divisão” já não é do ego, mas do Sujeito, pois o ego é fonte de desconhecimento.
- Lacan diz que o sujeito corta qualquer referência humanista. Então, a psicanálise lacaniana não é um humanismo, como se diz que o existencialismo é um humanismo, ou a psicologia é um humanismo?

- Há uma forma de falarmos do percurso de Freud, romantizando esse percurso de um homem só diante das histéricas que atendia. Mas esse ponto Lacan coloca em questão ao dizer que não foi por ele ter sido procurados por seus pacientes que ele fez suas descobertas. Ao invés disso, Lacan aponta a fidelidade de Freud ao cientificismo de sua época, e cita três fisiologistas importantes na formação médica de Freud: Brucke, Du-Bois-Reymond e Helmholtz. Isso mostra a questão da filiação de Freud à ciência como algo fundamental para Lacan, que ele diz: “Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial. E que é por essa marca que ela preserva seu crédito, malgrado os desvios a que se prestou [...]” (p. 871), apontando o quanto a filiação de Freud ao cientificismo tanto permaneceu ao longo de seu percurso quanto é essencial na descoberta do inconsciente e na fundação da psicanálise. Como lidar então com essas duas perspectivas: a romântica de Freud solitário fundando a psicanálise, e a filial de Freud inscrito na cientificidade de sua época, construindo suas proposições em função de seus debates com outros autores? Nesse contexto, um texto de Olga Maria, “Freud e a Psicanálise como ‘Ciência da Natureza’”, ajuda a pensar.
- Em determinado momento Lacan fala do rompimento de Freud com seu adepto mais prestigioso, Jung, e demarca qual seria o ponto de ruptura, a saber, “[Jung] deslizou para algo cuja função não pode ser definida de outro modo senão como tentando restabelecer um sujeito dotado de profundezas, este último termo no plural, o que significa um sujeito composto por uma relação com o saber, relação dita arquetípica” (p. 872). Na sequência, Lacan lê esse ponto de ruptura atribuindo a Freud aquilo que dissera sobre o Sujeito: “[essa relação com o saber, relação dita arquetípica] não foi reduzida àquela que lhe permite a ciência moderna, à exclusão de qualquer outra, e que não é nada além da relação que definimos no ano passado como pontual e evanescente: essa relação com o saber que, de seu momento historicamente natural, preserva o nome de *cogito*.” (p. 872). Nesse parágrafo dividido em duas partes, vemos então que Lacan trata da ruptura de Freud com Jung, situa esse ponto de ruptura a partir de sua compreensão, e demarca esse mesmo ponto de ruptura a partir de sua teoria do Sujeito, recém colocada no texto, articulando o sujeito com esse momento que é o cogito, que se trata de um rechaço de todo o saber e da fundação para o sujeito de um certo ancoramento no ser. Isso parece nos pedir a conhecer melhor tanto a teoria de Jung, o conflito entre Freud e Jung e por que será que Lacan demarcou esse conceito do Jung para pensar seu conceito de Sujeito.

Propus lermos alguns materiais para ajudar nesse ponto Freud x Jung:

- Um comentário de Freud sobre a concepção de Jung sobre a influência dos fatores filogenéticos em relação aos ontogenéticos, “História de uma neurose infantil” (1918, v. XVII, tópico VIII)
- Sobre diferenças da teoria junguiana em relação à sua, Freud disse em “A história do movimento psicanalítico” (1914, vol. XIV, final do tópico III)

## 5º Encontro

Convite:

Neste novo encontro, após Lacan falar da vinculação de Freud ao cientificismo de sua época, nós o acompanharemos diferenciando elementos das teorias de Freud e Jung para tratar do Saber a partir de sua teoria do Sujeito e sua reflexão sobre o cogito. Esse trecho pede que conheçamos um pouco da relação de Freud e Jung para pensarmos por qual razão Lacan criticou o conceito de arquétipo para tratar do Saber. Nossa caminhada não vai sem questões como:

- A obra de Freud é vasta e possibilita várias leituras como a dos psicanalistas do ego, de Lacan, de Derrida etc. Como disse Foucault, um autor é um “fundador de discursividades” pois “não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos.”<sup>1</sup>. Em que esse apontamento nos ajuda a pensar no que temos conversado sobre ler um texto a partir de seu con-texto ou atribuindo-lhe outro con-texto que aquele do autor?
- Na obra de Freud encontramos uma compreensão e uma proposição sobre o Eu antes e depois da análise: Antes “o eu não é senhor em sua própria casa”<sup>2</sup>, e o propósito de uma análise é “fortalecer o eu [...] de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do isso”<sup>3</sup>. Considerando esse lugar de senhoria, parece que a posição freudiana é a de que o Eu se torne senhor embora não o seja de início, e esse é um trabalho de educação e cultura. Por meio da teoria lacaniana do RSI essa posição freudiana pode ser sustentada?
- Lacan diz que “se o sujeito está realmente ali, no âmago da diferença, qualquer referência humanista [...] é esta que ele corta de imediato” (p. 871). Do que se trata pensar essa proposição e quais consequências ela nos impõe na teoria psicanalítica?
- Ao invés de romantizar o percurso solitário do homem Freud construindo a Psicanálise com as históricas, nesse con-texto Lacan aponta a fidelidade daquele ao cientificismo de Brucke, Du-Bois-Reymond e Helmholtz. Isso mostra a filiação de Freud à Ciência como algo fundamental para Lacan, que diz: “Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial. E que é por essa marca que ela preserva seu crédito, malgrado os desvios a que se prestou [...]” (p. 871). Considerando essa posição, ainda nos cabe hoje pensar a relação da Psicanálise com a Ciência?

Aguardo vocês para seguirmos com a leitura e com as reflexões nesta terça, 04/05, às 19h30!  
Até lá!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> Michel Foucault. Conferência “O que é um autor?” (1969).

<sup>2</sup> Sigmund Freud, “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, 1917, v. XVII, penúltimo parágrafo.

<sup>3</sup> Sigmund Freud, Conferência XXXI, “Dissecção da personalidade psíquica”, 1932, v. XII, último parágrafo.

### Anotações prévias

- Sobre Félicité Robert de Lamennais: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lamennais>

- o Obra de Lammenais: "Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião considerada em suas relações com a ordem política e civil"
- André Breton: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9\\_Breton](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Breton)
- James Joyce: [https://pt.wikipedia.org/wiki/James\\_Joyce](https://pt.wikipedia.org/wiki/James_Joyce)
- Martin Heidegger: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin\\_Heidegger](https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Heidegger)

Sobre diferenças da teoria junguiana em relação à sua, Freud disse em “A história do movimento psicanalítico” (1914, vol. XIV, final do tópico III):

“Não será surpresa para mim ouvir dizer novamente que não compreendi a substância e objetivo da teoria neozuriquiana; mas o que me interessa é protestar antecipadamente contra pontos de vista contrários às minhas teorias que possam ser encontrados nas publicações daquela escola sendo atribuídos a mim e não a eles. Não vejo outro meio de tornar inteligível a mim próprio o conjunto de inovações de Jung, e de apreender todas as suas implicações. As modificações que Jung propôs que se fizessem na psicanálise decorrem todas de sua intenção de eliminar o lado reprovável dos complexos familiares para não voltar a encontrá-lo na religião e na ética. A libido sexual foi substituída por um conceito abstrato, sobre o qual se pode dizer com segurança que continua tão enigmático e incompreensível para os entendidos quanto para os leigos. O complexo de Édipo tem um significado meramente “simbólico”: a mãe, nele, representa o inacessível, a que se tem de renunciar no interesse da civilização; o pai que é assassinado no mito de Édipo é o pai “interior”, de quem nos devemos libertar a fim de nos tornarmos independentes. Outras partes do material das idéias sexuais serão, por certo, submetidas a reinterpretações semelhantes no decorrer do tempo. Em lugar de um conflito entre as tendências eróticas ego-distônicas e as autopreservadoras, surge um conflito entre as “tarefas da vida” e a “inércia psíquica”; o sentimento de culpa do neurótico corresponde a sua auto-recriminação por não cumprir adequadamente seu “trabalho de viver”. Dessa forma, criou-se um novo sistema ético-religioso, que, tal qual o sistema adleriano, estava destinado a reinterpretar, distorcer ou alijar os achados efetivos da análise. A verdade é que essas pessoas detectaram algumas nuances culturais da sinfonia da vida e mais uma vez não deram ouvidos à poderosa e primordial melodia dos instintos.

[...]

A incompatibilidade total desse novo movimento com a psicanálise também se revela na maneira de Jung encarar a repressão, que quase já não é mencionada em suas obras, na má compreensão dos sonhos – como Adler [ver em [1]], Jung confunde sonhos com pensamentos oníricos latentes, sem levar em consideração a psicologia dos sonhos – e na perda de toda a compreensão do inconsciente; em suma, em todos os pontos que devo considerar como a essência da psicanálise. Quando Jung nos diz que o complexo de incesto é meramente “simbólico”, que apesar de tudo não possui existência “real”, que afinal de contas um selvagem não sente nenhum desejo por uma mulher velha, prefere uma jovem e bonita, somos tentados a concluir que “simbólico” e “sem existência real” simplesmente significam algo que, em virtude de suas manifestações e efeitos patogênicos, é descrito pela psicanálise como “existindo inconscientemente” – descrição que elimina a contradição aparente.”

Um comentário de Freud sobre a concepção de Jung sobre a influência dos fatores filogenéticos em relação aos ontogenéticos, “História de uma neurose infantil” (1918, v. XVII, tópico VIII):

“Dessa conclusão insatisfatória, voltar-me-ei agora para uma consideração do problema, ensaiada em minhas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise [Conferência XXIII]. Devia ficar satisfeito em saber se a cena primária, no presente caso, foi uma fantasia ou uma experiência real; mas, levando em conta outros casos semelhantes, devo admitir que a resposta a

essa pergunta não é, na verdade, uma questão de muita importância. Essas cenas de observação das relações sexuais entre os pais, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente, um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal. Com meu paciente, a sedução pela irmã mais velha foi uma realidade indiscutível; por que não deveria também ser verdadeira a sua observação da cópula dos pais?

Tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica; substitui as ocorrências da sua própria vida por ocorrências na vida dos seus ancestrais. Concordo plenamente com Jung ao reconhecer a existência dessa herança filogenética; mas considero um erro metodológico agarrar-se a uma explicação filogenética antes de esgotar as possibilidades ontogenéticas. Não vejo razão para discutir obstinadamente a importância da pré-história infantil, ao mesmo tempo reconhecendo livremente a importância da pré-história ancestral. Nem posso omitir o fato de que os motivos filogenéticos e os próprios produtos permanecem necessitando de elucidação, e que, em um bom número de exemplos, esse esclarecimento é proporcionado por fatores da infância do indivíduo. E, finalmente, não me surpreendo se aquilo que foi originalmente produzido por determinadas circunstâncias, em tempos pré-históricos, e foi depois transmitido na forma de uma predisposição à sua reativação, reemergisse uma vez mais, desde que persistissem as mesmas circunstâncias, como um evento concreto na experiência do indivíduo.]]”

Fabrizio Moraes e Kelly Tristão: “A divergência entre Freud e Jung”: uma Discussão Acerca dos Pressupostos básicos da Psicologia Analítica” – Texto de Jung: “A divergência entre Freud e Jung”.

<http://psicologiaanalitica.com/a-divergencia-entre-freud-e-jung-uma-discussao-acerca-dos-pressupostos-basicos-da-psicologia-analitica/>

Pressupostos:

1) O método hermenêutico que proveio da compreensão de textos sagrados e foi ampliado como método de interpretação de textos e de expressões simbólicas. Para Jung o inconsciente se manifesta como uma linguagem e para isso:

“[...] aplicar o mesmo método usado para a leitura de um texto fragmentário, ou que contenha palavras desconhecidas, isto é, a consideração do contexto. Pode ocorrer que o significado da palavra desconhecida seja descoberto quando comparado com uma série de passagens que a contém (JUNG, 1994, p.54).”

Na clínica o método é usado sob o nome de “amplificação”, “que consistia no processo de buscar as associações do cliente sobre determinado símbolo, de forma dirigida, circulando em torno do símbolo a fim de recolher o máximo de associações pessoais ou coletivas (culturais e míticas), para melhor compreender o símbolo junto ao cliente.”

2) A perspectiva teleológica ou energética, que foi um dos pontos cruciais na divergência com Freud, pois a adoção do conceito de energia psíquica em 1912 marcou o distanciamento entre os dois, culminando na separação definitiva em 1914. Para Jung:

“[...] os processos dinâmicos da psique não podem ser reduzidos a este ou aquele instinto específico (...) Por isso achei oportuno admitir uma grandeza hipotética, uma “energia”, como princípio de explicação psicológica e designá-la “libido”, no sentido clássico da palavra (desejo impetuoso), sem com isso fazer qualquer afirmação sobre sua substancialidade. Com essa grandeza, os processos dinâmicos podem ser facilmente explicados e sem aquela deturpação própria de uma explicação baseada em motivo concreto (JUNG, 2000, p. 13).”

Em Jung a libido, energia psíquica comparada à energia física como o potencial para realizar um trabalho ou ação, se tornou neutra, não condicionado somente à sexualidade. Ele não negava a importância desta mas questionava a proposta de Freud de que a sexualidade era a causa única da dinâmica psíquica, o que seria como dizer que toda energia na física tem uma origem única.

Para Jung a libido deveria ser avaliado em seus aspectos quantitativa (inferir sobre a quantidade ou intensidade de energia direcionada a dada ação ou dinâmica psíquica) e qualitativo (o modo ou forma que a energia assumiu: sexualidade, adaptação, vontade de poder, auto-preservação etc). Ambos possibilitam pensar o contexto final do processo psíquico, daí a questão da finalidade da dinâmica psíquica ser chamada de teleológica. Isso comparece na clínica na busca do sentido do sintoma, da neurose ou do sonho, que não estão na posição de serem somente uma repetição de um drama passado, mas tentativas de libertar o indivíduo de amarras que o prendem – “não ao passado, mas desde o passado”. “Assim, a neurose é uma tentativa natural de cura” e o trabalho terapêutico visa compreender para onde a neurose quer os guiar, o que ela quer nos dizer.

3) Existência de uma função religiosa inerente ao psiquismo: pressuposto mais polêmico e mal compreendido. Diferentemente do sentido religar e reatar, para Jung o “religioso” aponta para a atitude que o indivíduo assume frente ao numinoso, o fenômeno do sagrado. Assim, menos uma crença religiosa que uma consideração e observação cuidadosa que promoveria uma relação do indivíduo consigo mesmo. “Assim, a função religiosa é a capacidade natural da psique em criar símbolos e sistemas simbólicos e se organizar e se orientar a partir desses sistemas.”

Fabricio Moraes. Arquétipo e Representações Arquetípicas

<http://psicologiaanalitica.com/arqu岸tipoe-representaes-arquetpicas/>

“Arquétipo: O termo

O termo arquétipo foi utilizado por Jung pela primeira vez em 1919, em Londres, num simpósio intitulado “Instinto e Inconsciente”. O termo arquétipo já era conhecido da filosofia e, suas origens, poderiam remontar até Platão. Essa relação histórica com o Platonismo gerou um preconceito em relação a concepção de Jung. Em sua etimologia, o termo arquétipo é formado pelo termo arkhé, oriundo do grego, que significaria primeiro, antigo, regente, dominante, original; e typos, também oriundo do grego, que significaria marca, impressão, molde ou modelo. Desde modo, o termo arquétipo exprimiria a idéia de um molde, marca ou modelo original.”

O termo foi introduzido em 1919 na obra de Jung, mas sua idéia estava presente nas publicações de 1912 quando aquele falava das “imagens primordiais” que se manifestam na psique e carregam uma relação com a mitologia. Por volta de 1917, ele passa a falar de dominantes do inconsciente coletivo. Inicialmente, ele justificava o termo considerando a teoria da evolução, estando relacionadas à universalidade da história do homem. Assim, os arquétipos não estão relacionados a algo metafísico, mas expressões do processo evolutivo que imprimiram padrões basais de organização do psiquismo.

Os arquétipos seriam “(...) instintos centralmente representados, ou seja, que se manifestam como imagens. Os arquétipos só tomam a forma de imagens onde a consciência está presente; noutros termos, o autorretrato configurado dos instintos é um processo psíquico de ordem superior. Pressupõe um órgão capaz de perceber essas imagens primordiais. (NEUMANN, 1995, p.215).”

As imagens incluem as dos sonhos, as de alucinações, mas essas são as que vem à consciência. Mas imagens são representações, não apenas visualizações para Jung. Por exemplo, as imagens

arquetípicas podem ser cinestésicas (sentidas no corpo), que podem ter seu conteúdo acessado em pessoas de diferentes culturas.

“De forma geral, quando o arquétipo, isto é, um padrão de organização psíquica basal, uma vez ativado ele vai mobilizar o indivíduo por inteiro, modificando a forma do indivíduo perceber ou reagir à realidade, isso porque sua força ou energia tende a engolfar o ego.”

“Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas sem conteúdo*, representando a mera possibilidade de um determinado tipo percepção e ação. Quando ocorre na vida algo que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas. Isto é, uma neurose.” (JUNG, 2000b, p.58).

O arquétipo não pode se tornar consciente por estar na zona limítrofe entre o físico e o psíquico. As imagens arquetípicas são representações do arquétipo. Daí três tipos de formações arquetípicas: 1) os Complexos (de tonalidade afetiva ou complexos ideofetivos) são agrupamentos de ideias, pensamentos, imagens em torno de um núcleo arquetípico, sendo como atualizações dos arquétipos na vida pessoal; 2) Os Símbolos Culturais, elementos que se mantêm como referência da cultura (contos de fadas, mitos, provérbios, imagens, monumentos etc), que servem de referência para a constelação dos arquétipos na vivência pessoal; 3) Símbolos pessoais, formações que eclodem do inconsciente, relacionados com o momento atual que o indivíduo vive, podendo ser situações, pessoas, locais, lembranças, músicas etc, que tenha similaridade arquetípica ou que sobre ao qual o arquétipo tenha se projetado. O símbolo pessoal possibilita a passagem de energia do inconsciente para a consciência visando organizar ou direcionar o Ego.

## **O encontro**

Sobre a relação de Freud e de Jung vemos como foi algo bastante fraternal o que se produziu ali, um vínculo de amizade e outro de trabalho muito fortes, que remetem a uma relação de pai e filho. Entretanto, apesar das contribuições mútuas entre um e outro, e de Freud pensar em Jung como um personagem importante para desvincular a psicanálise do judaísmo, houve muitas diferenças entre as concepções dos autores, dentre as quais o conceito de libido e a questão dos arquétipos, mas inevitavelmente a questão da sexualidade. Sobre suas teorias, diferente da tópica freudiana CS-PCS-ICS, Jung propôs uma distinção entre CS-ICS Individual-ICS Coletivo; a teoria freudiana não abre mão do conceito de sexualidade, enquanto a de Jung entende a libido como uma força neutra; embora Freud entendesse a importância dos fatores filogenéticos, ele deu ênfase aos fatores ontogenéticos, enquanto Jung valorizou os fatores ontogenéticos em função dos arquétipos. Discutimos esse ponto no texto considerando a posição de Lacan em criticar a teoria junguiana em função de sua posição de sujeito: como para Lacan o sujeito está dividido entre verdade e saber, fazendo um rechaço ao saber, ponto que ele remete ao cogito, ao olhar para a teoria junguiana ele entende que ali o sujeito está remetido a um saber arquetípico distinto do que propunha e ao qual atribui a Freud.

Como entender o parágrafo em que Lacan fala do marxismo? Encontramos duas leituras, o de que os marxistas não conseguiram questionar o pensamento de Freud em nome de suas inserções históricas, ou o próprio pensamento marxista. Daí Lacan fala sobre as inserções de Freud: a monarquia dupla que condiciona suas aversões espirituais; a ordem capitalista que condiciona seu agnosticismo; a ética burguesa pela qual a dignidade de sua vida lhe fez

convergir os únicos homens da verdade: Breton, Joyce e Heidegger. Como entender esse grupo de parágrafos?

Continuaremos da complexa frase “por nossa posição de sujeito sempre somos responsáveis”, para a qual de antemão podemos ter duas leituras: 1) somos responsáveis pelo sujeito que somos ou que se manifesta; 2) o analista é responsável por sua posição (colocação, situação, afirmação), ou melhor, por seu conceito de sujeito, pois é quem este que ele opera na clínica. Como tratar essas leituras?

No texto Lacan vai alinhavando várias discussões à sua concepção de sujeito, indo em autores, discutindo-os, e então retomando para o sujeito, noção central desse texto para pensar A Ciência e a Verdade, a partir de um rechaço do Saber.

Por fim, encaminhamos para a Ilusão Arcaica, que Lacan nos remete a Lévi-Strauss, capítulo da tese As Estruturas Elementares do Parentesco

## 6º Encontro

### Convite:

A cada encontro nós avançamos mais nesse texto em que Lacan alinhavou várias considerações em torno do conceito de Sujeito. Seguiremos numa frase célebre e um jargão psicanalítico que merece uma compreensão em seu con-texto: “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” (p. 873). Para defendê-la, Lacan mencionou “A Ilusão Arcaica”<sup>1</sup>, de Lévi-Strauss, criticou as Psicologias de Lévy-Bruhl e Piaget e remeteu a Canguilhem. Sobre o encontro anterior, algumas questões:

. Da relação entre Freud e Jung, Lacan se apropriou do conceito de Arquétipo para criticar a concepção de um Sujeito composto por uma relação arquetípica com o Saber. Para Jung, o Arquétipo seria um padrão de organização psíquica basal impresso na constituição psíquica em função de repetidas experiências. A partir do conceito de Sujeito, Lacan apontou que essa relação não foi reduzida à relação pontual e evanescente do Sujeito com o Saber, permitida pela ciência, de nome cogito.

. Lendo Freud e Jung em “A História do Movimento Psicanalítico”<sup>2</sup> e “A divergência entre Freud e Jung”<sup>3</sup>, o conceito de Arquétipo não foi o que pareceu tê-los afastado, apesar das divergências quanto a filogenia e ontogenia<sup>4</sup>. Esta foi uma posição de Lacan, e isso faz pensar por qual razão ele elegeu esse conceito em detrimento dos que os próprios autores relataram. Uma direção talvez esteja n’A Ilusão Arcaica.

. Ao situar que na obra de Freud está patente a marca da origem indubitável da relação do Sujeito com o Saber presente no cogito, Lacan comentou que a isso “se deve o fato de o marxismo não ter alcance [...] para questionar seu pensamento em nome de suas inserções históricas.” (p. 873). Na sequência ele situou as inserções de Freud na sociedade de monarquia dupla que o confinou em suas aversões espirituais, na ordem capitalista que condicionou seu agnosticismo e na ética burguesa que fez em sua obra concorrer os três homens da verdade: Breton, Joyce e Heidegger. Como entender esse trecho?

Aguardo vocês nesta terça, 18/05, às 19h30, para darmos continuidade à leitura e debatermos sobre esses assuntos que tem nos instigado!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> Claude Lévi-Strauss. A Ilusão Arcaica, em As Estruturas Elementares do Parentesco.

<sup>2</sup> Sigmund Freud. A História do Movimento Psicanalítico, em Obras Completas, vol. XIV.

<sup>3</sup> Carl G. Jung. A divergência entre Freud e Jung, em Obras Completas, vol. IV.

<sup>4</sup> Sigmund Freud. História de uma neurose infantil”, em Obras Completas, vol. XVII.

### Anotações:

Claude Lévi-Strauss. Ilusão Arcaica, em As Estruturas Elementares do Parentesco, p. 123-136.

- Um estado geográfico ou histórico não esgotaria o problema da origem das organizações dualistas, e se deve apelar para certas **estruturas fundamentais do espírito humano**. Mas para isso é importante perceber em que consistem essas estruturas e qual o método para atingi-las e analisá-las. (p. 123).
- “Em que consistem as **estruturas mentais** para as quais apelamos e cuja universalidade acreditamos poder estabelecer? São, parece, em número de três: a exigência da regra como regra; a noção de reciprocidade como a forma mais imediata em que possa ser integrada a oposição entre o eu e o outro; o caráter sintético do dom, isto é, o fato de que a transferência consentida de um valor de um indivíduo para outro os transforma em parceiros, e acrescenta uma qualidade nova ao valor transferido.” (p. 123)
- Objetivo: saber se elas existem, captá-las em sua realidade concreta e universal.
- Evitando exemplos excepcionais, Lévi-Strauss foi aos exemplos cotidianos. Mas há um ainda mais universal, o **pensamento infantil**, “que fornece, em todas as culturas, **um fundo comum e indiferenciado de estruturas mentais e de esquemas de sociabilidade**, do qual uma retira os elementos que lhe permitirão construir seu modelo particular”. (p. 124).
- Crianças tem o **desejo de ter a posse exclusiva** de todo objeto material que constitui um centro atual de interesse, e a lição mais difícil de aprender para as crianças de menos de cinco anos é o de *esperar sua vez*. Diante disso, “a igualdade é o menor múltiplo comum de todos estes desejos e de todos estes medos contraditórios” (diz Susan Isaacs). Essa evolução psicológica é possível pois o desejo de possuir não é um instinto e não se funda numa relação objetiva entre o sujeito e o objeto; o valor se dá na relação com o outro. “O que é furiosamente desejado só é tal porque alguém o possui. Um objeto indiferente torna-se essencial como consequência do interesse que alguém nele tenha. O desejo de possuir portanto é, antes de tudo, uma *resposta social*. E esta resposta deve ser compreendida em termos de poder, ou melhor, de impotência.” (p. 125). Isso aponta para a necessidade de segurança.
- A capacidade de repartir, de “esperar sua vez” “é função de um sentimento progressivo de reciprocidade, que por si mesma resulta de uma experiência vivida do fato coletivo e de um mecanismo mais profundo de identificação com o outro”. (p. 125). “Para elas [as crianças], o ato de dar e a coisa dada são, simultânea e propriamente, amor.” “Dar e receber presentes é pois o ‘sinal mais claro, o menos equívoco, do amor.’” (p. 125) – Dom como sinal de amor.
- “Assim se explica o desejo da criança de dar presentes enormes, magníficos, ‘um urso branco verdadeiro’, ‘uma grande locomotiva’. É, antes de tudo, desejo de poderio.” (p. 125) – se é protegido, não está passando necessidade. Ser bastante poderoso para não ser egoísta.
- Generosidade aparente é transposição de uma situação inicial: ama-se, mas se odeia, ama-se porque se odeia, oscila-se entre o amor desvairado e o ódio encarniçado. “**é a hostilidade que alimenta o drama na vida das crianças pequenas como na vida dos adultos.**” (p. 126).
- Ponto dessa digressão: 1) necessidade extrema de segurança que faz não empenhar excessivamente com relação ao outro, e põe a prontidão para dar tudo para ganhar a certeza de não perder tudo, e de receber quando for a vez; 2) personalização do Dom; 3) oposição correlativa entre as noções de antagonismo e reciprocidade; 4) divisão dos seres entre amigos, aos quais nada é recusado, e inimigos, a quem se deve aproveitar a primeira ocasião para matar, com receio de que lhe matem: “todas essas atitudes revelam uma analogia tão profunda – às vezes levada às últimas conclusões – entre a sociedade infantil e as sociedades chamadas primitivas, que não podemos, sem correr o risco de trágicos enganos, nos dispensar de procurar as razões de tais comportamentos.” (p. 126). – **Relações entre pensamento primitivo e pensamento infantil**
  - o Psicanalistas fizeram isso, assim como psicólogos como Blondel e Piaget

- É tentador ver nas **sociedades primitivas** uma **imagem de uma metafórica infância da humanidade**, cujos estágios seriam reproduzidos pelo desenvolvimento intelectual da criança. - **Ilusão arcaica?**
  - Freud foi seduzido várias vezes por este esquema.
  - Melanie Klein, 'A Psicanálise da Criança': "Freud mostrou que as teorias sexuais das crianças representam uma herança filogenética". (p. 127)
  - Charles Blondel, psicólogo francês, livro "A Consciência Mórbida": confronta a consciência primitiva, a consciência infantil e a consciência mórbida, tratando-as como se fossem realidades intercambiáveis.
  - Piaget, livro "A representação do mundo na criança": encontra no pensamento infantil a magia, o animismo e os mitos, e observa que sobre o sacrifício é possível encontrar analogias entre o pensamento da criança e o do primitivo. Diferencia a ideia de participação presente na criança em relação aos primitivos. Admite um paralelismo entre **ontogênese** e **filogênese** mas não pensa em ver no conteúdo do pensamento da criança um produto hereditário da mentalidade primitiva. Sustenta que o pensamento da criança tem uma **estrutura**, diferente da **estrutura do adulto** e às vezes parece valorizar a solução filogenética, acreditando que isso permitirá pôr o pensamento da criança no mesmo plano que o do adulto, normal e civilizado, que a "mentalidade primitiva" (Lévi-Bruhl), o pensamento autista e simbólico (Freud), a "consciência mórbida" (Blondel). Acrescenta, contudo, que se evite esboçar esses paralelos perigosos nos quais se esquecem das divergências funcionais.
- Advertência: tentar assimilar choca-se contra a verificação de que há crianças, primitivas e alienadas, mas também crianças primitivas e alienados primitivos, crianças psicopatas, primitivas ou civilizadas. Objeção válida contra estudos sobre crianças "primitivas", não por pertencerem a sociedades diferentes, mas por serem incapazes de realizar certas operações lógicas; trabalhos que fazem aparecer uma diferença, não semelhança, entre as anomalias do pensamento infantil e do pensamento primitivo normal. (p. 127).
- "As crianças primitivas diferem dos adultos primitivos do mesmo modo que estas diferenças existem entre os civilizados." (p. 128). A questão é saber até que ponto o pensamento infantil normal difere do pensamento adulto normal.
- Estudos com os testes piagetianos mostraram que é possível identificar a aquisição de determinadas operações lógicas antes do período limite apontado por Piaget. Ele diz:
  - "É possível invocar as notáveis semelhanças entre o começo do pensamento racional na criança de sete a dez anos e entre os gregos: a explicação por identificação de substâncias (os astros que nascem do ar ou das nuvens, o ar e a terra que provêm da água, etc), por um atomismo derivado dessa identificação graças aos esquemas da condensação e da rarefação, e até a explicação exata de certos moimentos pelo de retorno do ar, de que se servia Aristóteles. Será preciso admitir que os **'arquétipos'** que inspiraram o começo da física grega encontram-se hereditariamente na criança? Parece-nos infinitamente mais simples nos limitarmos a supor que os mesmos mecanismos genéticos que explicam o desenvolvimento de espíritos que, como os primeiros pré-socráticos, mal estavam se destacando do pensamento mitológico e pré-lógico. Quanto ao esquema da 'reação ambiental', parece não ter sido Aristóteles que o construiu, tendo-o tomado das representações correntes, que podiam ser tão espalhadas em uma civilização anterior ao maquinismo quanto são nas crianças de hoje em dia." (p. 129).
  - "Em suma, onde há convergência entre o pensamento da criança e as representações históricas é muito mais fácil explicar estas últimas **pelas leis gerais da mentalidade infantil** do que invocar uma **hereditariedade** misteriosa. Por mais que se remonte na história ou na pré-história, a criança sempre precedeu o adulto, e

é possível além disso supor que quanto **mais primitiva é uma sociedade**, mais duradoura é a influência do **pensamento da criança sobre o desenvolvimento do indivíduo**, porque a sociedade não está então em condições de transmitir ou de constituir uma **cultura científica**.” (p. 129).

- Lévi-Strauss então reflete sobre acima: **“Toda esta passagem constitui uma crítica da hipótese do Inconsciente Coletivo de Jung.”** (p. 129). Diz então que A. (quem seria?) afirma que as sociedades primitivas estão mais próximas da mentalidade infantil que a civilizada, e os exemplos confirmam esta maneira de ver. **“Mas julgamos que é necessário interpretá-los de outra maneira.”** (p. 129).
- Psicólogos criticando Piaget:
  - Piaget: faz uso constantemente da noção de “maturação”, da aptidão inata
  - S. Isaacs: aptidões cognoscitivas das crianças são próximas das dos adultos, e a maturação serve para aspectos particulares dos quais não se pode provar que sejam função da experiência
  - Basov, concorda com Isaacs: Embora as estruturas mais baixas sirvam para formar as altas, isto não exclui que as baixas formem-se como tais e permanecem sem modificação posterior. Se o meio não exige à criança estruturas mais elaboradas, pode acontecer das mais baixas continuarem sendo as que a criança pode produzir.
- **Lévi-Strauss x Piaget:** Piaget teria formulado uma tese da **“mentalidade primitiva”** da criança em relação ao adulto, um **equivalente formal entre o pensamento primitivo e o civilizado**. “Entre pensamento primitivo e pensamento civilizado há sem dúvida diferenças, mas estas devem-se unicamente ao fato do **pensamento ser sempre ‘situacional’**. As diferenças desaparecem desde que os estímulos (sociais, econômicos, técnicos, ideológicos etc) se modifiquem.” (p. 130).
- S. Isaacs critica Piaget pelo uso do termo **“estrutura”** a noção de maturação sem suficientes precauções.
- Críticas à obra de Piaget:
  - Crianças muito pequenas podem manifestar os sintomas de fases de desenvolvimento associadas a idades mais avançadas – **essa crítica também se estenderia a Freud**.
  - Deixa sem resposta a origem do desenvolvimento social com suas fases:
    - período do autismo (sensório motor)
    - egocentrismo (pré-operatório)
    - a vida social propriamente dita, aproximadamente aos sete anos, quando a criança adapta ao outro e adquire o conhecimento dos próprios processos mentais (operatório concreto) – aparecimento dos “instintos sociais”
  - Segundo S. Isaac este aparecimento é um “mistério” e Piaget não dá interpretação psicológica disso.
    - “Freud mostrou-se mais clarividente a este respeito, porque não se pode duvidar que os ‘instintos sociais’ tenham uma história individual e uma origem psicológica, cujas raízes mergulham não somente na experiência do mundo social, mas também na pressão exercida pelo mundo físico e que suscita uma curiosidade apaixonada – e muito positiva – por partes das crianças de menos de cinco anos.” (p. 130).
  - “Se o espírito da criança é egocêntrico e pré-causal é pois mais em razão de sua ignorância e da insuficiência de suas experiências organizadas do que o contrário: ‘a criança não possui ainda o sistema de conhecimento capaz de prevenir as regressões ao mundo das fantasias e do egocentrismo, abaixo do nível do pensamento racional.’

- Duas conclusões sobre a crítica a Piaget: 1) o pensamento da criança não funciona substancialmente diferente do pensamento do adulto; 2) todos os elementos da vida social acham-se dados desde o início da vida infantil.
- Logo: O interesse que a criança oferece ao psicólogo e ao sociólogo não se deve a ela se diferenciar do adulto em sua psicologia individual e em sua vida social, mas é bem por ela se assemelhar ao adulto. Ela não é um adulto, e o nível de pensamento do adulto e o seu pode ser recortado em todas as culturas e todas as formas de organização social. “A cultura mais primitiva é sempre uma cultura adulta, e por isso mesmo incompatível com as manifestações infantis que se pode observar na mais evoluída civilização. Igualmente, os fenômenos psicopatológicos no adulto são próprios do adulto, sem nada de comum com o pensamento normal da criança. Os exemplos de ‘regressão’, aos quais a psicanálise deu tanta atenção, segundo nosso modo de entender devem ser considerados por um prisma diferente.” (p. 131).
- “Estes exemplos [de regressão na **psicanálise**], os que nós mesmos citamos no começo deste capítulo e também aqueles sobre os quais **Jung** fundou sua teoria do **Inconsciente Coletivo** não são impossíveis de interpretar, e só podem conduzir a hipóteses inacreditáveis ou contraditórias, se não reconhecermos que o pensamento do adulto e o pensamento da criança diferem pela **extensão** mais do que pela **estrutura**. Admitamos, de uma vez para sempre, que uma criança não é um adulto, mas mantenhamo-nos fieis a esta afirmação e não cheguemos, de maneira insidiosa, como parecem ter feito tantos psicólogos e psiquiatras, a desmenti-la, insinuando que o pensamento da criança civilizada assemelha-se ao do adulto primitivo, ou da criança normal ao do adulto alienado.” (p. 131).
- Após ter-se estabelecido a distinção entre a criança e o adulto, vem a pergunta: “em que consiste a relação fundamental que é possível estabelecer entre suas manifestações mentais respectivas? É que o pensamento do adulto constrói-se em torno de um certo número de estruturas, que determina com precisão, organiza e desenvolve pelo simples fato dessa especialização, estruturas que constituem somente uma fração das que são inicialmente dadas, de maneira ainda sumária e indiferenciada, no pensamento da criança. Dito em outros palavras, os **esquemas mentais** do adulto divergem segundo a cultura e a época a que pertencem, mas todos são elaborados partindo de um **fundo universal**, infinitamente mais rico do que aquele de que cada sociedade particular dispõe, de tal modo que cada criança ao nascer traz consigo, em **forma embrionária**, a soma total das possibilidades dentre as quais cada cultura, e cada período da história escolhem algumas, para conservá-las e desenvolvê-las. Ao nascer, cada criança traz, em forma de **estruturas mentais** esboçadas, a totalidade dos meios de que a humanidade dispõe desde toda a eternidade para definir suas relações com o Mundo e com o Outro. Mas estas estruturas são exclusivas. Cada uma delas só pode abranger certos elementos, entre todos aqueles que são oferecidos. Cada tipo de organização social representa portanto uma escolha, que o grupo impõe e perpetua. Relativamente ao pensamento do adulto, que escolheu e rejeitou de acordo com as exigências do grupo, o pensamento da criança constitui pois uma espécie de substrato universal, em cuja etapa não se produziram ainda as cristalizações, permanecendo ainda possível a comunicação entre formas incompletas solidificadas.” (p. 131-132).
- Lévi-Strauss se pergunta se essa hipótese é suscetível de **demonstração**. Ele se contenta em apontar em que direção seria possível verificá-la:
  - o Primeira fase tem valor negativo: desde nova, o pensamento da criança aparece com características completas e integralmente humanas, separando-o da atividade animal – o desenvolvimento social está marcado na atitude da criança;
  - o Ele remete a questão ao aprendizado da linguagem, que aponta para os mesmos problemas do início da vida social. A criança dispõe ao nascer da possibilidade de produzir qualquer som que a linguagem humana possibilita, mas cada língua só conserva um número limitado de sons possíveis. Posteriormente alguns dos sons

serão extremamente difíceis de reproduzir. “Cada língua opera pois uma seleção, e de certo ponto de vista essa seleção é regressiva. Desde o momento em que se instaura, as ilimitadas possibilidades que estavam abertas no plano fonético ficam irremediavelmente perdidas. Por outro lado, o balúcio não tem sentido, ao passo que a linguagem permite aos indivíduos comunicarem-se entre si, de tal modo que a expressão está na razão inversa da significação.” (p. 132-133).

- o A multiplicidade de estruturas oferecidas pelo pensamento e atitudes da criança não tem ainda valor social, pois são material bruto, aptos a construir sistemas heterogêneos. “É pela incorporação da criança à sua cultura particular que se produz esta seleção”. (p. 133).
- o “Se tal interpretação é exata, deve-se admitir que o pensamento infantil representa uma espécie de denominador comum de todos os pensamentos e de todas as culturas.” (p. 133) – Lacan x Chomsky
- o Piaget chamou esse “denominador comum” de “sincretismo”, mas o termo dá ambiguidades, pois pode ser entendido como estado de confusão e de indiferenciação entre a criança, os objetos e as pessoas, isso dará uma apreensão superficial das coisas. Esta “indiferenciação primitiva” é “menos uma ausência de diferenciação do que um sistema de diferenciação diferente do nosso e mais ainda o resultado da coexistência de vários sistemas e da contínua passagem de uns a outros.” (p. 133). Seria melhor chamar de “polimorfismo” do pensamento infantil, “dando a este termo um sentido vizinho daquele em que a psicanálise o emprega quando descreve a criança como um ‘perverso polimorfo’, a saber, “Que a criança apresenta, em forma rudimentar e de maneira coexistente, todos os tipos de erotismo entre os quais o adulto procurará sua especialização no plano normal ou patológico.” (p. 133). Para o etnólogo, a criança seria um “social polimorfo”.
- o Outro ponto é a comparação do pensamento primitivo com o pensamento infantil, que pode dar a ilusão de acreditar que são semelhantes, quando qualquer adulto de certa cultura também veria isso ao comparar suas próprias crianças com adultos de outra cultura. “O pensamento da criança sendo menos especializado que o do adulto, oferece, com efeito, sempre a este não somente a imagem de sua própria síntese, mas também a de todas as que se podem realizar em outros lugares e sob outras condições.” (p. 134). “Os costumes afastados muito afastados dos nossos aparecem-nos sempre, e muito normalmente, como pueris.” (p. 134).
- o O pensamento infantil não teria no primitivo um caráter arcaico, mas uma diferença de extensão que faz daquele um ponto de encontro para todas as sínteses possíveis.
- o Assim, os estudos de psicologia infantil servem ao etnólogo para ter acesso a este capital comum de **estruturas mentais e de esquemas institucionais** que constituem o investimento inicial de que o homem dispõe para lançar os empreendimentos sociais.
- Exemplo de Tana-Gaz e Tana-Pé
- “[Se Johnny vivesse em outra cultura] A fantasia teria se fundido progressivamente no dualismo oficial de seu grupo. As exigências lógicas e as atitudes sociais, a que a organização dualista fornece a expressão, teriam sido normalmente satisfeitas em uma atividade institucional aproximadamente semelhante ao modelo infantil. Mas Johnny cresce num grupo que não utiliza estruturas bipolares para traduzir fenômenos de antagonismos e de reciprocidade, ou só as emprega superficialmente e transitoriamente. O modelo proposto pela fabulação infantil não pode adquirir aí valor instrumental, e ainda mais, por muitos aspectos acha-se em contradição com o modelo selecionado, e por essa razão deve ser abandonado e recalçado.” (p. 135).
- “Nessas condições, é fácil compreender por que etnólogos, psicólogos e psiquiatras foram tentados, cada qual partindo de seu ponto de vista particular, a estabelecer paralelos entre o

pensamento primitivo, o pensamento infantil e o pensamento patológico. Na medida em que a psicose pode definir-se como a forma mais alta de síntese mental dada no plano de uma consciência puramente individual, o pensamento do doente assemelha-se ao pensamento da criança. Estas formas de pensamento já não se conformam mais, ou ainda não se conformam, com a estrutura seletiva do grupo particular de que dependem. Uma e outra dispõem então de relativa liberdade para elaborar sua própria síntese. Esta síntese está condenada sem dúvida a permanecer instável e sempre precária, porque se realiza num plano individual e não nos quadros do meio social. Mas é em todo caso uma síntese, ou, se preferirmos, um redemoinho caleidoscópico de sínteses, esboçadas ou deformadas. De toda maneira, não é jamais a ausência de síntese (exceto talvez no caso especial da hebefrenia). A ‘regressão’ aparente não é por conseguinte o retorno a um ‘estágio’ arcaico da evolução intelectual do indivíduo ou da espécie, mas a reconstituição de uma situação análoga à que domina somente no início do pensamento individual. Pensamento patológico e pensamento primitivo opõem-se ao pensamento infantil na medida em que são pensamentos de adultos. Mas pensamento patológico e pensamento infantil oferecem por sua vez um caráter comum que os distingue do pensamento primitivo. Este último é um pensamento tão completo e sistematicamente socializado quanto o nosso, ao passo que os primeiros correspondem a uma relativa independência individual, explicando-se, está claro, por motivos diferentes nos dois casos.” (p. 135-136).

Lévy-Bruhl e a noção de mentalidade primitiva:

<https://reverberoblog.wordpress.com/2018/02/25/a-mentalidade-primitiva-e-o-pensamento-selvagem-levy-bruhl-e-levy-strauss/>

Entrevista de Piaget sobre Lévi-Strauss:  
<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/piaget-sobre-levi-strauss/>

Lévi Strauss, por Piaget:  
<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/o-estruturalismo-antropologico-de-claude-levi-strauss/>

### **O Encontro:**

Como ler a frase de Lacan sobre “Por nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”? O que está em questão é que sujeito seria esse: o sujeito é uma pessoa ou um conceito? São os pacientes ou os analistas? Ele fala dessa frase para criticar a busca de uma objetividade, que é um problema, enquanto situa que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência. Na sequência fala que encarnar o sujeito no homem é errância, e isso leva à criança, citando então a Ilusão Arcaica. Depois diz que só existe um sujeito, que é o sujeito da ciência. Então, como podemos pensar que Lacan diz sermos responsáveis pela nossa subjetividade ou pelo sujeito que temos, se isso levará à objetificação do sujeito. A proposta não seria de marcar que os analistas são responsáveis pela posição de sujeito – e não do sujeito -, na medida que eles operam com essa posição na clínica? Parece ser sobre isso que ele está sustentando desde o começo do texto ao falar que “nossa posição de sujeito” remete à posição da ciência.

A ternura da bela alma é a posição que não cabe ao analista, e isso nos remeteu ao texto da Intervenção sobre a Transferência, mas isso abriu uma fenda em nossa reflexão: o texto da

intervenção comparado ao texto de Freud não aponta as mesmas questões; o retorno que Lacan fez a Freud não é um mero voltar a Freud, mas voltar a Freud “a partir d’outros”. Isso remeteu à questão da filiação teórica na construção de um conceito, que Foucault levanta em sua obra. Para Lacan falar da transferência ele foi em Hegel, para falar do sujeito da psicanálise ele foi à Lévi-Strauss, a Freud x Jung, a Piaget etc. Não se trata de um retorno direto a Freud, mas de um retorno a Freud marcado por uma visita a outros autores. No texto d’A ciência e a verdade Lacan fica quatro parágrafos falando do texto de Lévi-Strauss sem no entanto citá-lo. Não ler Lévi-Strauss para entender a filiação de Lacan a ele, ao invés de Piaget, para pensar no aspecto do “sujeito da psicanálise ser o sujeito da ciência”, “de encarnar o sujeito no homem é errância”, “de levar à criança”, tanto recalca a obra de Lévi-Strauss, quanto nos faz submete à Lacan cegamente.

A fenda que essa discussão nos abriu foi a de que em geral não lemos os autores que Lacan cita, sustentando uma filiação direta entre Lacan e Freud, quando, na verdade, Lacan chega a Freud munido de vários debates conceituais, ele nunca está sozinho quando lê Freud. Isso nos fez perguntar por que será que recalcamos os outros autores na leitura dos textos de Lacan, e marcamos uma filiação direta e inequívoca à Freud, quando Lacan sempre está lendo Freud de outro lugar. O texto d’A Ciência e a Verdade tem pelo menos 34 autores, dentre os quais está Freud. Por que será que deixamos de lado os outros 33?

Continuaremos no próximo encontro com a apresentação do texto da Ilusão Arcaica, que é fundamental para entender o problema da filogenia x ontogenia no que diz respeito às “estruturas” para pensar o Sujeito na relação com o Saber, debate o qual Lacan marca na crise entre Freud e Jung, e que Lévi-Strauss realizou contra Piaget. Nesse caso, Lacan retorna a Freud - contra Jung - a partir de sua filiação a Lévi-Strauss contra Piaget. Se o que separou Freud de Jung foi questões como a libido sexual x a libido neutra, Lacan disse que essa separação se deu pelo aspecto da filogenia x ontologia a partir do debate da noção de estrutura, que é o que ele se propõe para pensar o sujeito. Assim, se Lacan faz um retorno a Freud, ele não o faz pelos conceitos que Freud disse serem importantes, mas pelos conceitos que ele vê de importantes em Freud a partir de suas novas filiações, dentre as quais, Lévi-Strauss.

“De nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”

“Por nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”

Duas interpretações:

“De nosso posicionamento subjetivo, somos sempre responsáveis”: responsabilidade psicológica e pessoal do sujeito: cada pessoa é responsável pelo sujeito que carrega

“De nosso posicionamento do sujeito, somos sempre responsáveis”: responsabilidade teórica e coletiva do sujeito: os analistas são responsáveis por operar com seu conceito de sujeito

## 7º Encontro

### Convite:

No último encontro nós debatemos sobre o conceito de Sujeito e a frase de Lacan “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” (p. 873), que é ambígua por vários motivos: Com quem Lacan fala ao usar o pronome “nossa”? O que seria essa “posição de sujeito”? Como o trecho “nossa posição de sujeito” pode ser pensado? Se a frase está no plural (nossa, somos, responsáveis), por que o termo “sujeito” está no singular?

Essa frase me convocou a esmiuçar o (con)texto e considerar que: Lacan falava aos analistas; a expressão “posição de sujeito” não parece ser equivalente, p. ex., a “posição subjetiva”, mas ao status, à situação, ao posicionamento de sujeito; o termo “sujeito” no singular anula a ideia de vários “sujeitos” e demarca a de “um único sujeito”, que está referido ao termo “posição”; sobre o sujeito, Lacan falou de seu status, do analista situá-lo em sua práxis, de estar dividido entre verdade e saber, de que “nossa posição de sujeito” é inaugural na ciência e é a mesma da ciência, de que encarnar o sujeito é um erro, e que um princípio na teoria psicanalítica é o de que há um único sujeito.

Ao refletir sobre a frase no con-texto, a pergunta que ficou para mim foi: Não estaria, Lacan, propondo aos analistas a responsabilidade de posicionar o Sujeito em sua práxis e de sustentar seu status teórico-clínico, diferentemente de propor a responsabilidade individual por nossa própria posição subjetiva, como muitas vezes escutamos?

A partir dessa pergunta, proponho seguirmos com o debate do capítulo “A Ilusão Arcaica”, da tese de Lévi-Strauss, para vermos por onde Lacan fez seu trilhamento ao criticar toda tentativa de encarnar e humanizar o Sujeito.

Aguardo vocês nesta terça, 01/05, às 19h30, para pensarmos juntos essas considerações e esmiuçarmos o problema que Lacan levantou.

Flávio Mendes

. “O status do sujeito na psicanálise, acaso diremos que no ano passado o fundamentamos? Chegamos a estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de fenda, de Spaltung em que o psicanalista o situa em sua práxis” (p. 869).

. “Em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta [n’A ciência] e de que a ciência a reforça cada vez mais.” (p. 870).

. “Esse fio [...] nos levou a formular, no fim do ano, nossa divisão experimentada do sujeito como divisão entre o saber e a verdade, acompanhando-a de um modelo topológico: a banda de Moebius [...]” (p. 870).

. “Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo” (p. 873).

. “[...] toda tentativa, ou mesmo tentação [...] de encarnar ainda mais o sujeito é errância: sempre fecunda em erros e, como tal, incorreta. Como também encarná-lo no homem, o que equivale voltar à criança” (p. 873).

. “Em suma, o que Claude Lévi-Strauss denunciou como a ilusão arcaica é inevitável na psicanálise, se não nos mantivermos firmes, na teoria, quanto ao princípio que há pouco enunciamos: que um único sujeito é aceito nela como tal, aquele que pode constituir a científica” (p. 873).

### **Questões do encontro:**

O que seria esse sujeito do inconsciente para Lacan depois que lemos o texto de Lévi-Strauss? Ele é o infantil, a criança, a sexualidade, os restos da infância? Lacan fala de que encarnar o sujeito no homem é ir ao primitivo, e isso falseará tudo do processo primário, mas o que seria aí o processo primário se, no texto de Lévi-Strauss, nós vemos este autor falando das estruturas fundamentais do espírito? Talvez isso nos ajude a pensar que o sujeito do inconsciente não é o sujeito de qualquer conceito de inconsciente, mas do conceito de inconsciente estruturado como uma linguagem, ou seja, ele tem uma estrutura, e essa estrutura é constituída pelas mesmas leis que constituem a linguagem. Daí que não se trata de ir ao primitivo, nem de procurar no adulto, mas de reconhecer a estrutura que determina o funcionamento humano, a estrutura simbólica.

Será que, então, o processo primário, conceito de Freud para falar dos processos mentais mais antigos, cujo propósito seria a busca de prazer, nos quais as ideias inconscientes são investidas libidinalmente por meio dos mecanismos de condensação e deslocamento, foi reposicionado conceitualmente na teoria de Lacan em função do conceito de estrutura proveniente da antropologia estrutural de Lévi-Strauss e da linguística de Saussure, e que essa estrutura se constitui em função das leis do significante, que são a metáfora e a metonímia, e é marcada por um sujeito dividido entre verdade e saber?

Vemos aí duas concepções do inconsciente, então, a compreensão do termo “sujeito do inconsciente” depende de entendermos o conceito de inconsciente em Lacan, distinto do de Freud, para pensar que o sujeito não é o sujeito do inconsciente profundo e pulsional, mas o sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Além disso, em Lévi-Strauss, sua posição acerca da criança é a de mostrar que esta teria um pensamento polimorfo (p. 133) no que diz respeito às estruturas fundamentais do espírito humano, e o termo polimorfo teria um sentido vizinho daquele em que a psicanálise o emprega quando descreve a criança como um “perverso polimorfo”. Então, enquanto Freud fala da criança enquanto perversa polimorfa, e são os processos de recalque e de desenvolvimento que darão as marcações para definir o destino das pulsões, Lévi-Strauss está falando das estruturas do espírito humano que, na criança, são amplas, e vão sendo selecionadas conforme as demandas da cultura.

Assim, quando Lacan diz que só existe um único sujeito na psicanálise, parece ser possível fazer duas leituras disso: uma leitura freudiana ao dizer que a sexualidade infantil permanece da criança ao adulto apesar dos recalques que o princípio de realidade impõe, remetendo o inconsciente aos processos primários, o princípio de prazer e os mecanismos de condensação e deslocamento; uma leitura parcialmente lévi-straussiana ao dizer que a estrutura fundamental do espírito humano é o que há de mais rico e que se mantém da criança ao adulto, apesar das seleções que a cultura impõe. Nesse último caso, o que permanece da criança ao adulto é a

estrutura simbólica que remete aos processos primários lidos em função das leis significantes e de seus mecanismos, a metáfora e a metonímia.

Parece que definir de qual leitura se apropriar para escutar modificará consideravelmente a compreensão do conceito de Sujeito.

Outro ponto, sobre a frase de Lacan, fica a questão: quando tomamos como questão individual, não caímos na responsabilidade individual, que, em tese, não difere de outros discursos sociais e neoliberais, que individualizam as responsabilidades das pessoas?

## 8º Encontro

### Convite:

No último encontro, debatendo “A Ilusão Arcaica”, de Lévi-Strauss, nós ficamos em crise com os conceitos de Inconsciente e de Sujeito: 1) O que seria o Sujeito do Inconsciente para Lacan após lermos Lévi-Strauss: o infantil, a criança, a sexualidade, os restos, a estrutura, que estrutura? 2) Para Lacan, encarnar o sujeito no homem levaria ao primitivo e falsearia o processo primário. Mas o que seria o “processo primário” se Lévi-Strauss tratou das “estruturas fundamentais do espírito”?

Para Freud<sup>1</sup>, os processos primários são os processos mentais mais antigos, cujo propósito são a busca de prazer e nos quais as ideias inconscientes são investidas libidinalmente pelos mecanismos de condensação e deslocamento. Para Lacan<sup>2</sup>, os processos primários parecem estar determinados pela estrutura simbólica, submetida às leis do significante, a metáfora e a metonímia, e carrega uma modalidade especial de sujeito, de índice topológico.

A partir disso, novas questões surgem: Será que podemos pensar em uma continuidade teórica dos processos primários nas teorias de Lacan e de Freud? Será que o Sujeito do Inconsciente é o Sujeito-de-qualquer-conceito do Inconsciente? Será que definir o conceito-base de Inconsciente modifica a demarcação do conceito de Sujeito e a compreensão da frase “De nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”?

Daremos sequência no texto considerando essas questões e seguindo das críticas à psicologização do Sujeito ao elogio à teoria dos jogos, à linguística, à lógica e ao Estruturalismo.

A seguir envio um quadro comparativo dos conceitos de Inconsciente nas obras de Freud, Lévi-Strauss e Lacan, para pensarmos.

Nos encontramos hoje, terça-feira, 15/06, às 19h30, para dar continuidade em nossa caminhada!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> Sigmund Freud, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, vol. VII, e “Inconsciente”, vol. XIV.

<sup>2</sup> Jacques Lacan, “A Instância da letra ou a razão desde Freud”, Escritos.

### **Anotações:**

Retomando o relatório Daniel Lagache, Lacan fala de seu conceito de estrutura. Lévi-Strauss no texto “estrutura em etnologia” remete ao que seria uma estrutura. Isso é distinto do conceito de inconsciente representacional e pulsional de Freud. Daí o sujeito estar numa estrutura. Mas Lacan é distinto dos estruturalistas, na medida em que marca uma falha na estrutura e insere como índice um sujeito topológico. Lacan não vai a Freud desacompanhado, mas tendemos a realizar uma freudianização dos conceitos lacanianos.

Lacan fala que não há homem da ciência e em seguida remete ao texto de Canguilhem, que fala que o homem é o objeto da psicologia. Aqui há uma crítica às práticas psicológicas. Na sequência, ele critica as propostas de Lévy-Bruhl e Piaget sobre a mentalidade pré-lógica e o pensamento egocêntrico e fala sobre a magia e o mago, e que, diferentemente do homem da ciência, que não existe, mas somente seu sujeito, e que os limites mentais, a fraqueza de pensamento e o discurso efetivo do homem de ciência, que tem alguma objetividade, só interessam à ciência na medida em que não trazem nada sobre o mago e pouco sobre a magia. Aí que Lévy-Bruhl não traçou os traços de um ou outro, e em Piaget, este não se dá conta que a lógica que ele demonstra na criança diz respeito à sua resposta aos enunciados não são nada além que a série que regeu sua enunciação para fins de teste, a do cientista. Isso remete à enunciação, à eficácia simbólica, à magia e, por consequência, à transferência.

O homem de ciência é o fazedor da ciência, e o homem da ciência não existe, apenas seu sujeito.

Aqui Julia fez um apontamento: O homem de ciência constitui o objeto da ciência, que não é dado empiricamente, mas ele o faz numa posição de sujeito da ciência, que remete à enunciação. Daí não haver homem da ciência como um objeto da ciência humana, mas seu sujeito.

Por fim, Lacan diz que em ciências válidas se proíbe a ilusão arcaica, que pode generalizar como psicologização do sujeito.

Textos que vieram: O feiticeiro e sua magia; A eficácia simbólica; a estrutura em etnologia; a estrutura dos mitos; o mito individual do neurótico; o lugar da psicanálise na medicina; o que é a psicologia; a pesquisa científica e a psicologia

## 9º Encontro

### Convite:

Anteriormente, demos alguns passos para entender o conceito de Estrutura que Lacan tomou de Lévi-Strauss e que lhe permitiu avançar em seu retorno – não desacompanhado – a Freud, por meio do qual ele renovou a Psicanálise. Disso surgiu uma questão:

. Existiria entre as teorias de Freud e de Lacan um tipo de relação que nos permitiria tratar os conceitos lacanianos como equivalentes, complementares ou suplementares aos freudianos e vice-versa?

Continuaremos o texto na sequência de um debate importante que Lacan trilhou criticando a expressão Ciências Humanas e conversando com Georges Canguilhem sobre a Psicologia e seu objeto, o homem, debate ao qual propôs que “Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (p. 873), o que não anula a existência do homem de ciência, seu fazedor, o cientista. Assim, para Lacan, diferentemente do que acontece nas ciências válidas, as Ciências Conjecturais (teoria dos jogos, linguística e lógica), o homem de Ciência Humana tende a produzir a ilusão arcaica, entendida como psicologização do sujeito, acreditando tomar o homem como objeto. Fica então outra questão:

. Em sua obra, não poucas vezes, Freud denominou a Psicanálise como uma Psicologia Profunda. Diferentemente, Lacan afastou a Psicanálise da Psicologia, situando-a junto ao que chama de Ciências Conjecturais. Como lidar com essa diferença de posições acerca da relação Psicanálise-Psicologia?

Nos encontramos hoje, terça-feira, 29/06, entre 19h30 e 21h para darmos continuidade ao texto e refletirmos sobre esses assuntos.

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

Teoria dos Jogos: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_dos\\_jogos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_jogos)

- Teoria dos jogos ou Teoria de jogos é um ramo da matemática aplicada que estuda situações estratégicas onde jogadores escolhem diferentes ações na tentativa de melhorar seu retorno.
- Inicialmente desenvolvida como ferramenta para compreender comportamento econômico e depois usada pela Corporação RAND para definir estratégias nucleares, a teoria dos jogos é hoje usada em diversos campos acadêmicos. A partir de 1970 a teoria dos jogos passou a ser aplicada ao estudo do comportamento animal, incluindo evolução das espécies por seleção natural.
- O jogo (ou modo estratégia) normal é uma matriz a qual mostra os jogadores, estratégias, e pagamentos (veja o exemplo a direita). Onde existem dois jogadores, um escolherá as linhas e o outro escolherá as colunas. Os pagamentos são registrados no seu interior.

“Esta se mostra vinculada à ordem simbólica, própria condição de sustentação do jogo através do Outro como garantia da linguagem, e ao sujeito que a ciência moderna instaura. A aproximação com a ordem simbólica se dá pelo fato de destacar um funcionamento para além das intenções dos jogadores que coloca em questão a própria estrutura da linguagem tal como

evocada pela ciência moderna, de onde se depreende o sujeito com o qual a psicanálise lida.” (p. 54)

"Da qual se depreenderá o sujeito sem qualidades prévias, mas efeito fugaz de uma disjunção que lhe é constitutiva entre saber e verdade e que Lacan localiza no cogito cartesiano. No escrito "A Ciência e a Verdade", Lacan assinala o papel essencial do sujeito instaurado pela ciência moderna a partir do qual a psicanálise pôde ser inaugurada e com que ela lida, posto que nascido de um manejo específico com a linguagem: "[...] sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes". E ainda, no seminário 11: "Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo - o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa - pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é noo - Aqui, no campo do sonho, estás em casa. Wo es war, soll Ich werden. [...] Lá onde estava, o Ich - o sujeito, não a psicologia - o sujeito deve advir" (Lacan, sem 11, p. 47-48)." (NR. 15, p. 54). (p. 55 [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12057/12057\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12057/12057_4.PDF))

Linguística: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica>

- “Linguística (FO 1943: lingüística) é a área de estudo científico da linguagem.[1] É considerado linguista o cientista que se dedica aos estudos a respeito da língua, fala e linguagem. A pesquisa linguística é feita por filósofos e cientistas da linguagem que se preocupam em investigar quais são os desdobramentos e nuances envolvidos na linguagem humana.”
- “O termo enunciação refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (aquele que fala ou escreve), tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve). O produto da enunciação é chamado enunciado. No campo dos estudos da linguagem, assim como tantas outras noções, a de enunciação apresenta variações na forma como é definida, conforme a abordagem teórica em que seja tomada.”
- “A compreensão do enunciado – oral, escrito ou organizado por meio de múltiplas semioses (linguagens) – pressupõe sempre a situação de enunciação.” <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado>

Lógica: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica>

- “Lógica (do grego λογική logos[1]) tem dois significados principais: discute o uso de raciocínio em alguma atividade e é o estudo normativo, filosófico do raciocínio válido.[2] No segundo sentido, a lógica é discutida principalmente nas disciplinas de filosofia, matemática e ciência da computação. Ambos os sentidos se baseando no foco comum referente a harmonia de raciocínio, a proporcionalidade formal entre argumentos, assim sendo, a correta e equilibrada relação entre todos os termos, a total concordância entre cada um deles dentro de um desenvolvimento”
  - o Léxico: Roman Jakobson: Língua = Código = Estilo dos Símbolos do Léxico: Análise Estrutural da Linguagem
  - o Morfema sintático: Louis Hjelmslev: Glossemática
  - o Sintaxe da frase: Noam Chomsky: Gramática Gerativa Transformacional

Umbigo do Sonho: Freud, A Interpretação dos Sonhos, vol. V, Cap. VII, Item (A)

- “Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. [Ver em [1].] Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio.”

Teoremas da incompletude de Kurt Gödel:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoremas\\_da\\_incompletude\\_de\\_G%C3%B6del](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoremas_da_incompletude_de_G%C3%B6del)

- “O primeiro teorema da incompletude afirma que nenhum sistema consistente de axiomas, cujos teoremas podem ser listados por um “procedimento efetivo” (e.g., um programa de computador que pode ser qualquer tipo de algoritmo), é capaz de provar todas as verdades sobre as relações dos números naturais (aritmética). Para qualquer um desses sistemas, sempre haverá afirmações sobre os números naturais que são verdadeiras, mas que não podem ser provadas dentro do sistema. O segundo teorema da incompletude, uma extensão do primeiro, mostra que tal sistema não pode demonstrar sua própria consistência.”
- Teorema 1: "Qualquer teoria axiomática recursivamente enumerável e capaz de expressar algumas verdades básicas de aritmética não pode ser, ao mesmo tempo, completa e consistente. Ou seja, em uma teoria consistente, sempre há proposições que não podem ser demonstradas nem verdadeiras, nem falsas."
- Teorema 2: "Uma teoria, recursivamente enumerável e capaz de expressar verdades básicas da aritmética e alguns enunciados da teoria da prova, pode provar sua própria consistência se, e somente se, for inconsistente."

A CONJECTURA LÓGICA DE JACQUES LACAN: A lógica como ciência do real, Mardem Leandro Silva (p. 345-346)

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31074/1/A%20CONJECTURA%20L%C3%93GICA%20DE%20JACQUES%20LACAN%20a%20l%C3%B3gica%20como%20ci%C3%A2ncia%20do%20real.pdf>

- “Conforme é patente destacar, o texto lacaniano de 1965, A ciência e a verdade, nos apresenta justamente esse esforço de fazer da psicanálise uma ciência conjectural, ou seja, uma ciência cujo fundamento se assentaria na consecução de suas proposições lógicas. Em seu Seminário 13 sobre o objeto da psicanálise, correlato ao texto de 1966, na mesma medida em que critica declaradamente as consequências do positivismo lógico, Lacan (1965-66/2018, p. 43) nos diz “que uma lógica é constitutiva da ciência [e que o] sujeito faz parte da conjuntura que constitui a ciência em seu conjunto”. Nesse sentido, a proposta lógica lacaniana faz frente à tentativa de “psicologização do sujeito” (p. 16). E é por essa razão que Lacan diz que: “é a lógica que, aqui, faz as vezes de umbigo do sujeito, e a lógica enquanto nada lógica, vinculada às contingências de uma gramática.” (p. 16). E é também nesse sentido, conforme já aventamos, que Lacan, ao falar da lógica moderna, coloca em relevo “a consequência estritamente determinada de uma tentativa [...] de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que ela fracassa nisso, o que significa que o

sujeito em questão permanece o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência comprova-se definida pela incompletude do esforço em suturá-lo.” (p. 17).”

- “Assim como suas proposições lógicas, a posição do sujeito lacaniano é sui generis em relação à conjuntura da lógica lógica. O que podemos sustentar é que, assim como Lacan redimensiona a hipótese do inconsciente freudiano fazendo dela a própria hipótese do sujeito do inconsciente, haveria também alguns ajustes teóricos com relação a suas proposições iniciais à medida em que a teoria avançava. Quanto a isso, Porge (1996, p. 505) nos traz elementos de sua visada teórica da implicação lógica do sujeito na teoria lacaniana, dizendo que esse conceito foi introduzido por Lacan para tornar admissível “operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não-sabido (insu, unbewusste)”, de modo que esse sujeito passa a representar algo de uma alteridade radical para o eu do processo secundário: o sujeito não é nada de substancial, ele é momento de eclipse que se manifesta num equívoco (bévue, Unbewusste). Em outras palavras, o sujeito atesta o fato de que para o eu falante há lógica na consecução de seus equívocos, na formulação de seu desejo e em sua organização fantasmática, e ao se dizer sujeito do inconsciente e não eu do inconsciente algo da proposição dessa alteridade radical entre o sujeito e o Outro é posta em primeiro plano, de modo que no centro do argumento de uma conjectura lógica lacaniana se torna possível sustentar que: “o sujeito é a própria hipótese” (p. 502), sobretudo ao se considerar conforme Lacan (1960-64/1998, p. 844) defende na ocasião do Congresso de Bonneval que “o inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito.””

O sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência: Descartes, Freud e Lacan (Ingrid Vorsatz)

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652015000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

### **Anotações posteriores:**

Dificuldades que temos de diferenciar a teoria de Freud da teoria de Lacan, de como em geral estamos mais acostumados com o conceito de inconsciente a partir de uma base psicológica, tomando-o em sua profundidade e atribuindo “o inconsciente estruturado como uma linguagem” àquilo que sentimos, pensamos, que vivemos em nosso interior. Lacan, entretanto, segue pelo caminho da teoria dos jogos, da linguística e da lógica para situar, junto a elas mas a seu modo, o lugar da psicanálise.

Esse foi um encontro em que estivemos mais silentes. A dificuldade: não estamos acostumados a ler sobre isso, a acessar esses campos das combinatórias matemáticas e do formalismo lógico e linguístico. Ao tentar falar as ciências válidas, falei “as cilências válidas”, o que remete à articulação significante. Aqui há um exemplo interessante. Para pensar esse significante na lógica freudiana nós deveríamos aprofundar até o campo pulsional e roçar a satisfação sexual presente nessa troca. Isso, pois toda manifestação do inconsciente é uma formação de compromisso entre o inconsciente e o ego em meio às resistências que produziram o recalque. Deveríamos reconstruir os pensamentos manifestos (tá todo mundo quieto hoje; o texto deve estar sendo difícil etc) até chegar aos conteúdos latentes, avançar para além do recalque e chegar à satisfação pulsional.

Na teoria de Lacan, entretanto, estamos no jogo metafórico na cadeia significante. O significante se avança na cadeia articulando-se a outro que lhe permite ser falado e algo aí provoca efeito de riso em todos, tendo em vista o reconhecimento de uma posição que se coloca.

As ciências válidas – teoria dos jogos, linguística e lógica – silenciaram a todos, ou, como escapuliu: “Lacan nos deixa sem palavras”. Há um estranhamento em aprofundar nesse estudo que nos deixa atônitos, tendo em vista que não é algo que costumamos realizar no campo.

A questão é que, diferentemente da psicologização do sujeito e na busca de interioridade psicológica do inconsciente, Lacan propôs tratar o sujeito na combinatória significante, na bateria do significante, como efeito, um entre dois marcado na estrutura e que, mesmo preso, possibilita todo tipo de transformação e efeito de significação, inclusive poética. Esse sujeito é portanto subentendido numa estrutura, e isso dá brecha para que uma fenda se abra e consigamos escutar de outra forma. Daí pensarmos no sujeito reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes na teoria dos jogos; dele ser pensado em função da diferença entre enunciado e enunciação, distinto do sujeito falante, e centrando-se na bateria do significante prevalecendo sobre os efeitos de significação na linguística, e considerar os indícios de refração da teoria em relação ao sujeito da ciência na lógica. Há, entretanto, várias teorias na lógica e elas não necessariamente dão conta do sujeito psicanalítico. Que a lógica faça as vezes de umbigo do sujeito – o que nos remete ao umbigo do sonho na teoria freudiana – ela de modo algum é uma lógica ligada às contingências de uma gramática. Mas por que? E do que isso se trata?

## 10º Encontro

### Convite:

O último encontro nos deixou silenciosos. No texto de Lacan, chegamos na parte em que ele aproximou a Psicanálise das “ciências válidas”, as conjecturais, sendo elas a Teoria dos Jogos, a Linguística e a Lógica, diferentemente de Freud, que a instalou nas ciências da natureza.

Qual a dificuldade? Em determinado momento, me escapuliu um ato falho quando disse “as ciências válidas”. Nós nos silenciámos diante delas ou elas nos silenciaram, por não termos o costume de estudar os campos da combinatória matemática e do formalismo lógico linguístico.

Afastando-se da psicologização do Sujeito e da busca da interioridade psicológica do Inconsciente, Lacan propôs um sujeito que está suposto numa estrutura simbólica. Daí podemos pensar o que ele disse sobre i) na Teoria dos Jogos o Sujeito ser reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes; ii) a Linguística ter que pensar a diferença entre enunciado e enunciação, em distinção ao sujeito falante, e centrar-se na bateria do significante, que prevalece sobre os efeitos de significação e iii) na Lógica aparecerem indícios de refração da teoria em relação ao Sujeito da Ciência, diferentes quanto ao léxico (Roman Jakobson – Análise Estrutural), ao morfema sintático (Louis Hjelmslev - Glossemática) e à sintaxe da frase (Noam Chomsky – Gramática Gerativa Transformacional).

Ao fim desse trecho, Lacan disse que “É a lógica que aqui faz as vezes de umbigo do sujeito, e a lógica no que ela de modo algum é uma lógica ligada às contingências de uma gramática.” (p. 875), mas, do que se trata essa consideração sobre a lógica, tendo em vista os desdobramentos que ele propôs?

Convido vocês para nos encontrarmos hoje, 13/07, entre 19h30 e 21h, para tentarmos povoar esse trecho e elaborarmos melhor do que se trata para darmos continuidade à leitura.

Flávio Mendes.

### Anotações prévias:

Teoremas da incompletude de Kurt Gödel:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoremas\\_da\\_incompletude\\_de\\_G%C3%B6del](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoremas_da_incompletude_de_G%C3%B6del)

- “O primeiro teorema da incompletude afirma que nenhum sistema consistente de axiomas, cujos teoremas podem ser listados por um “procedimento efetivo” (e.g., um programa de computador que pode ser qualquer tipo de algoritmo), é capaz de provar todas as verdades sobre as relações dos números naturais (aritmética). Para qualquer um desses sistemas, sempre haverá afirmações sobre os números naturais que são verdadeiras, mas que não podem ser provadas dentro do sistema. O segundo teorema da incompletude, uma extensão do primeiro, mostra que tal sistema não pode demonstrar sua própria consistência.”
- Teorema 1: "Qualquer teoria axiomática recursivamente enumerável e capaz de expressar algumas verdades básicas de aritmética não pode ser, ao mesmo tempo, completa e consistente. Ou seja, em uma teoria consistente, sempre há proposições que não podem ser demonstradas nem verdadeiras, nem falsas."

- Teorema 2: "Uma teoria, recursivamente enumerável e capaz de expressar verdades básicas da aritmética e alguns enunciados da teoria da prova, pode provar sua própria consistência se, e somente se, for inconsistente."

### **Anotações posteriores:**

Diferentemente de Freud, que estabeleceu a psicanálise no campo das ciências da natureza em contraposição às ciências humanas e filosóficas de sua época, Lacan retirou a psicanálise do campo da medicina e da psicologia e a aproximou não das ciências humanas, mas das ciências humanas válidas, marcadas pelo estruturalismo, as ciências conjecturais.

Há uma distinção difícil de se fazer entre o texto de Freud e o texto de Lacan por conta de estarmos acostumados à leitura que Lacan propõe. Mas há diferenças entre esses dois textos, e o exemplo do Fragmento da análise de um caso de Histeria, assim como da Intervenção sobre a Transferência mostram isso. Fato é que para que Lacan sustentasse sua proposta de leitura, ele teria que retirar do texto de Freud aquilo que lhe fosse interessante (por exemplo, o trabalho com o significante e a questão da sexualidade feminina), descartando ou deixando em suspenso o que não seria (a complacência somática, a fantasia sexual recalcada, a homossexualidade).

Do mesmo modo que Lacan foi aos teoremas de Godel para pensar a teoria matemática e, por consequência, a lógica dando conta do umbigo do sujeito inscrito nela própria, no tocante a que, para um sistema ser completo ele não pode provar suas afirmações entre verdadeiras ou falsas, ou para provar sua consistência ele precisaria ser inconsistente, ou seja, há uma incompletude nas construções, é importante pensarmos que, para Lacan dizer que o que ele diz estava em Freud ele precisou descartar e deixar em suspenso aquilo que Freud dizia e que mostra a complexidade de seu texto.

Topologicamente, a teoria e a clínica freudiana seguem de fora para dentro, da consciência para o inconsciente, do manifesto para o latente, da superfície para a profundidade, do ego para o id etc. Freud, como um arqueólogo, escava o discurso do paciente aprofundando-se em sua memória visando preencher as lacunas de sua memória, traduzindo pensamentos inconscientes latentes em pensamentos conscientes manifestos, levando cada um dos sintomas à sua fantasia correspondente. Essa é a topologia do ovo, do saco.

Já a lacaniana segue na superfície, mas nem a superfície é a mesma que Freud propõe, pois Freud submerge nas profundezas da mente, enquanto Lacan desliza na superfície da cadeia significante, do campo simbólico, e é nesse deslizar que um significante, que não significa nada, e que representa um sujeito para outro significante, desloca-se entre lugares distintos, inscrevendo-se na consciência ou no inconsciente em função da articulação a que está preso na combinatória. Longe de serem dois tipos de pensamentos, um na consciência e outro no inconsciente, como o são para Freud, um mesmo significante pode estar inscrito em duas lugares tendo significações distintas. Logo, sua clínica não se trata de submergir até as profundezas mas de deslizar num continuum que passa de um registro a outro e produz efeitos de significação distintos. Esse campo, claramente articulado aos campos do imaginário e do real. A topologia lacaniana não é a do ovo ou do saco, mas a da banda de Moebius e de todas as variantes provenientes desta (garrafa de Klein, cross-cap etc), a saber, de uma continuidade entre o dentro e o fora.

Então Lacan nos diz que o objeto está em exclusão interna ao sujeito, que a ciência tenta suturar o sujeito mas falha nisso, enquanto a psicanálise tem seu correlato antinômico na medida em que não sutura o sujeito, mas o entende dividido nessa estrutura, e que é por meio do

estruturalismo que se pode pensar as ciências humanas com uma nova modalidade de sujeito cujo índice é o signo gerador da banda de Moebius, o oito interior. Esse oito interior nos permite pensar o deslizamento do significante de um lado para o outro passando por um mesmo ponto sem que carregue consigo o mesmo significado.

Mas como então pensar a clínica a partir disso? É que, diferentemente da proposta freudiana, não se trata de obter o assentimento do sujeito psicológico, mas de intervir diretamente no inconsciente estruturado e colher deste os seus efeitos. O sujeito psicológico, o Eu, não é tão necessário quanto o foi na clínica freudiana, que consente ou recusa, que resiste. Ele serve para mostrar o aparecimento do sujeito, o fading, que comparece como aturdido do sujeito psicológico, sideração (me esqueci, não sei o que dizer, nem sei o que estou falando, estou perdido etc).

## 11º Encontro

### Convite:

Olá! Hoje nós continuaremos a leitura do texto “A Ciência e a Verdade” no momento em que Lacan defende o estruturalismo e sua modalidade especial de Sujeito.

No con-texto ele apresentou uma nova topologia para a Psicanálise, distinta da topologia do saco/ovo presente na obra freudiana, que fazia o psicanalista submergir da superfície consciente da mente para as profundezas do inconsciente. Na nova topologia, o psicanalista faria um trabalho na superfície da cadeia significante, tendo por base a topologia da banda de Moebius e suas variantes (garrafa de Klein, Cross-Cap etc).

Foi a partir dessa nova via – em um trabalho retificador do texto freudiano, daí o “retorno” – que Lacan disse que o Sujeito da Psicanálise é o Sujeito da Ciência e que o Estruturalismo possibilitaria às Ciências Humanas uma modalidade de Sujeito cujo índice é o signo gerador da banda de Moebius, o oito interior.

Seguiremos suas linhas hoje, terça, 17/08, às 19h30, para pensarmos essas proposições e suas consequências clínicas. Até mais!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

John Henry Newman: [https://pt.wikipedia.org/wiki/John\\_Henry\\_Newman](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Henry_Newman)

- Gramática do Assentimento – Newman:
  - o <https://velhocriterio.wordpress.com/2015/07/18/newman-uma-gramatica-do-assentimento/>
  - o “É que, no seu Ensaio a favor de uma gramática do assentimento, não se limita a reclamar da dúvida a partir de dentro, isto é, a duvidar das vantagens da dúvida. De facto, quando divide as operações da razão em três – dúvida, inferência e assentimento – explica que muitas vezes é tomado por dúvida um assentimento dogmático. Dúvida, na verdade, é uma questão em que a balança ainda não se pronunciou, tanto pode pender para um lado como para outro – mas exige uma resposta. A dúvida religiosa habitual, como quem diz duvidar da existência de Deus, é, na maior parte das vezes, um assentimento de uma não existência, não uma pergunta.”
  - o <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp115123.pdf>
  - o “Newmann apresenta a gramática discutindo, primeiramente, os modos de se fazer proposições. As formas proposicionais podem ser feitas na modalidade condicional, interrogativa ou categórica. Na forma condicional, quando expressamos uma conclusão; na interrogativa, quando formulamos uma questão e, na forma categórica, quando temos uma asserção. A asserção é a expressão de um “ato” de assentimento e é distinta de uma conclusão. O assentimento é incondicional; ele não segue a adoção de premissas e não é da ordem do conhecimento. A obra do Cardeal interessa à psicanálise porque, conforme já foi dito, sua gramática foi responsável por separar o assentimento de toda forma de consenso. Isso permite dizer que o assentimento não se opera a partir da instauração de algum acordo com o campo do Outro. Trata-se de uma operação na qual entra em funcionamento a vertente do gozo.” (p. 52-53)

### **Anotações posteriores**

Articulando sua proposta àquela que Lévi-Strauss desenvolvia, Lacan disse que um informante poderia escrever a obra levi-straussiana *O Cru e o Cozido*, exceto pelo seu talento, se deixasse no vestiário, no Museu do Homem, um certo número de instrumentos operatórios, e com isso, ficar rejeitado para fora do campo da estrutura o que seria seu assentimento. Desse modo, o objeto da mitogênese não está ligado à desenvolvimento ou parada do sujeito responsável. Ele se relaciona com o sujeito da ciência. Seu mapeamento será traçado quão mais o informante poder reduzir sua presença à do sujeito da ciência – à combinatória significativa.

Mas Lévi-Strauss faria restrições à uma coleta sistemática de sonhos, com tudo o que isso implica de relação transferencial, comparando à coleta dos mitos para pensar sua estrutura. Diferentemente do antropólogo, que identifica na mitogênese seu objeto em função do sujeito da ciência, o psicanalista, longe de alterar o sujeito da ciência, o realiza de maneira satisfatória em seu campo.

“Quererá isso então dizer que um sujeito não saturado, mas calculável, constituiria o objeto que subsumiria [...] o corpo das ciências a que chamaríamos conjecturais, o que eu mesmo opus à expressão ciências humanas? Creio que isso é muito menos indicado, na medida em que esse sujeito faz parte da conjuntura que produz a ciência em seu conjunto.” (p. 877)

Ficamos debatendo sobre a banda de Moebius e a garrafa de Klein ao longo da leitura, pensando como isso serviria ao psicanalista, longe de ser somente um símbolo mitológico do campo.

[http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2\\_ENTREVISTADUNKER.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/05/Vol3no2_ENTREVISTADUNKER.pdf)

<https://www.youtube.com/watch?v=mF4x8svpSgA>

<https://www.youtube.com/watch?v=a5Azcwe9p4o>

## 12º Encontro

### Convite:

No encontro anterior vimos Lacan buscando na obra de Lévi-Strauss uma forma de pensar o campo psicanalítico. Refletindo sobre a análise dos mitos, ele disse que não é com o Sujeito Responsável que o objeto da mitogênese se relaciona, mas com o Sujeito da Ciência, e o mapeamento desse objeto será traçado mais corretamente quanto mais o informante reduzir sua presença à do Sujeito da Ciência.

Nesse ponto Lacan se aproximou dos estruturalistas, mas disse que “nossa práxis, longe de alterar o sujeito da ciência [...] não traz, por direito, nenhuma intervenção que não tenda a que ele se realize de maneira satisfatória” (p. 877). Nessa direção, o Sujeito da Ciência não é o objeto da Psicanálise, tampouco a Psicanálise produz um saber sobre seu objeto, o objeto a. Ao invés disso, o objeto a deve ser inserido na divisão experimentada pelo Sujeito – da Ciência – entre Verdade e Saber.

Essa consideração abre o debate para duas elaborações de Freud revistas por Lacan: a compreensão da frase “Wo Es war, soll Ich werden” e o problema da dupla inscrição da ideia na Consciência e no Inconsciente.

É sobre esse assunto que caminharemos hoje, terça, 31/08, de 19h30 às 21h. Convido vocês para estarem conosco!

Flávio Mendes

- Sigmund Freud, Conferência XXXI, Dissecção da Personalidade Psíquica, em: Obras Completas, vol. XXII, último parágrafo.
  - o “Pode-se, porém, com segurança, duvidar se a esse caminho nos levará às últimas verdades das quais é de se esperar a salvação. Não obstante, pode-se admitir que os intentos terapêuticos da psicanálise têm escolhido uma linha de abordagem semelhante. Seu propósito é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura - não diferente da drenagem do Zuider Zee.”
- Sigmund Freud, O Inconsciente, em: Obras Completas, vol. XIV, tópico II – Vários significados de “O Inconsciente”: O ponto de vista topográfico
  - o “Se vamos considerar seriamente a topografia dos atos mentais, devemos dirigir nosso interesse para uma dúvida que surge nesse ponto. Quando um ato psíquico (limitemo-nos aqui a um ato que seja da natureza de uma idéia) é transposto do sistema Ics. para o sistema Cs. (ou Pcs.), devemos nós supor que essa transição acarreta um registro novo - por assim dizer, um segundo registro - da idéia em questão, que, assim, pode também ser situada numa nova localidade psíquica, paralelamente à qual o registro inconsciente original continua a existir? Ou, antes, devemos acreditar que a transposição consiste numa mudança no estado da idéia, mudança que envolve o mesmo material e ocorre na mesma localidade? Essa questão pode parecer obscura, mas deve ser levantada, caso desejemos formar um conceito mais definido a respeito da topografia psíquica, da dimensão da profundidade na mente. Isso é difícil, porque vai além da psicologia pura e aborda as relações entre o mecanismo mental e a anatomia. [...]”

“A primeira das duas possibilidades que consideramos - isto é, que a fase Cs. de uma idéia acarreta um novo registro dessa idéia, situado em outro lugar -, é sem dúvida a mais grosseira, embora também mais conveniente. A segunda hipótese - a de uma mudança de estado meramente funcional - é à priori mais provável, embora menos plástica, menos fácil de manipular. À primeira hipótese, a topográfica, está estreitamente vinculada a de uma separação topográfica dos sistemas Ics. e Cs., e também a possibilidade de que uma idéia possa existir simultaneamente em dois lugares no mecanismo mental - na realidade, a possibilidade de que, se não estiver inibida pela censura, ela avançará regularmente de uma posição para outra, sem perder talvez sua primeira localização ou registro.”

“Essa concepção talvez pareça estranha, mas pode ser apoiada por observações da prática psicanalítica. Se comunicamos a um paciente uma idéia reprimida por ele em certa ocasião, mas que conseguimos descobrir, o fato de lhe dizermos isso não provoca de início qualquer mudança em sua condição mental. Acima de tudo, não remove a repressão nem anula seus efeitos, como talvez se pudesse esperar do fato de a idéia previamente inconsciente ter-se tornado agora consciente. Pelo contrário, tudo o que de início conseguiremos será uma nova rejeição da idéia reprimida. No entanto, agora, o paciente tem de modo concreto a mesma idéia, sob duas formas, em diferentes lugares em seu mecanismo mental: primeiro, ele possui a lembrança consciente do traço auditivo da idéia, transmitido no que lhe dissemos; segundo, também possui - como temos certeza - a lembrança inconsciente de sua experiência - em sua forma primitiva. Realmente, não há supressão de repressão até que a idéia consciente, após as resistências terem sido vencidas, entre em ligação com o traço de lembrança inconsciente. Só quando este último se torna consciente é que se alcança o êxito. Numa consideração superficial, isso pareceria revelar que as idéias conscientes e inconscientes constituem registros distintos, topograficamente separados, do mesmo teor. Mas basta uma reflexão momentânea para mostrar que a identidade entre a informação dada ao paciente e sua lembrança reprimida é apenas aparente. Ouvir algo e experimentar algo são, em sua natureza psicológica, duas coisas bem diferentes, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo.”

“Assim, por ora não estamos em condições de decidir entre as duas possibilidades que acabamos de examinar. Talvez mais tarde venhamos a nos deparar com fatores que possam fazer a balança pender a favor de uma ou de outra. Talvez façamos a descoberta de que nossa pergunta foi inadequadamente articulada e de que a diferença entre uma idéia inconsciente e outra consciente deve ser definida de maneira totalmente diferente.”

- Comentário de Garcia-Rosa, “Freud e o Inconsciente”, p. 180-181.
  - “O abandono da hipótese da dupla inscrição em favor da hipótese funcional não é uma atitude teórica definitiva em Freud. De fato, em nenhum momento a distinção tópica entre os sistemas Ics e Pcs/Cs é ameaçada, mas, ao contrário, ela é reforçada a ponto de se tornar definitiva. Jean Laplanche (Laplanche e Leclaire, 1970, p. 107) aventa a possibilidade de que a hipótese funcional seja verdadeira no que se refere a uma representação isolada, mas que tal não ocorreria quando estivéssemos falando de sistemas de representação; nesse caso, a distinção tópica permaneceria válida. Esse ponto de vista concilia ambas as hipóteses freudianas, além de encontrar fundamento tanto num ponto de vista tópico quanto num ponto de vista econômico. De fato, uma das dificuldades apresentadas pela hipótese funcional, quando considerada exclusiva, era a de conciliar a tese freudiana de que cada sistema psíquico possui uma força de coesão própria, com aquela outra segundo a qual o investimento inconsciente teria por objetivo fazer com que uma representação fosse impelida em direção à consciência.

“Os exemplos que Laplanche nos oferece para mostrar que os dois pontos de vista não conciliáveis são retirados da psicologia da percepção: é o caso das figuras reversíveis, ou ainda o desses desenhos nos quais há um figura dissimulada no meio da paisagem (“Descobrir o chapéu de Napoleão escondido entre as folhagens de uma cena de almoço campestre”). De fato, se o chapéu de Napoleão não é facilmente percebido, é porque ele não faz parte do contexto manifesto do desenho e, por outro lado, ele só será percebido quando articulado a outro contexto, que é o da lenda napoleônica. Esta não está presente no desenho, é apenas insinuada por um elemento isolado, disfarçado e oculto pela cena campestre. Haveria, portanto, dois sistemas de referência: a lenda napoleônica e o almoço campestre. Como esta última é a prenhe, ela impede por contrainvestimento o aparecimento do detalhe, que é o chapéu de Napoleão disfarçado entre as folhagens. Um processo análogo ocorreria entre os sistemas Ics e Pcs/Cs. O que passa de um para o outro são elementos isolados e não os sistemas de significação; estes últimos permanecem restritos a cada sistema pela “força de coesão interna”.

O estudo que Laplanche realiza sobre o inconsciente freudiano o conduz a certas conclusões com as quais não concordam tanto o seu parceiro de artigo (S. Leclaire) como J. Lacan, o mestre de ambos.”

- Imagem Napoleão:
  - o <https://www.moillusions.com/wp-content/uploads/photos1.blogger.com/blogger/5639/2020/400/napoleon.png>
  - o Inscrição Gestáltica: O Sujeito é diferenciado na percepção (figura-fundo). O chapéu é o ‘ponto de suporte’ para identificar Napoleão, não qualquer homem, e situa-se numa dupla inscrição psíquica: na lenda de Napoleão (ideia inconsciente; catexia) e disfarçado no contexto das folhas (ideia consciente; anticatexia). Esse elemento organiza sonho e sintoma, p. ex.
  - o Banda de Moebius: Sujeito é dividido entre verdade e saber segundo a superfície topológica. Há duas superfícies lado a lado mas retorcidas. Os significantes passam de um lado para outro e ganham significação conforme a bateria dos significantes. Um significante pode ter dupla inscrição e significações distintas conforme o contexto. Catexias desaparecem.
- Marc Darmon, “Barra, Metáfora e Metonímia: A barra do algoritmo tal como Lacan a utiliza”:
  - o “Existe, então, como acabamos de ver, uma outra cadeia significante inconsciente no anverso do discurso consciente. Topologicamente, como situar esta segunda cadeia significante? É o problema da dupla inscrição exposta por Freud em seu artigo sobre O inconsciente e ao qual Laplanche e Leclaire trazem uma solução errônea [J. Laplanche e S. Leclaire: "O inconsciente, em estudo psicanalítico"; O Inconsciente (VI Colóquio de Bonneval), Desclée de Brower, 1966. A ilustração do chapéu de Napoleão escondido nas folhagens da árvore, à qual Lacan alude, é de Laplanche], utilizando a fórmula da metáfora como uma multiplicação aritmética de duas frações.

Um suposto significante inconsciente S/S que teria a particularidade de se representar a si mesmo vindo ligar S' e s. A barra saussuriana se tornaria assim a barreira do inconsciente. Ora, nenhum significante saberia se significar a si mesmo porque o significante é diferente de si mesmo. E Lacan nunca fez da barreira saussuriana o limiar do inconsciente.”

$$\frac{S'}{S} \cdot \frac{S}{s} \qquad \text{tornando-se} \qquad \frac{\frac{S'}{s}}{\frac{S}{S}}$$

**Anotações posteriores:**

Lacan está propondo uma consideração da psicanálise no campo científico e, para isso, ele precisou questionar o próprio campo científico. É assim que marcou um campo científico novo, das ciências conjecturais, que se aproxima das ciências exatas pois a conjectura é passível de cálculo (probabilidade) e a exatidão baseia-se apenas num formalismo que separa axiomas e leis de agrupamento dos símbolos. Nesse sentido, se trata de pensar onde a psicanálise se insere na consideração científica.

Entretanto, o objeto da psicanálise não é o Sujeito, como nas ciências humanas se diria que é o homem. O objeto da psicanálise é o objeto a. E tampouco se trata de produzir um saber sobre o objeto a, essa não seria a ciência da psicanálise. Ao invés disso, se trata de inseri-lo na divisão experimentada pelo sujeito pela qual se estrutura. Nesse sentido, antes de tratar de saber se a psicanálise é uma ciência ou se seu campo é científico, deve-se promover o fato de que sua práxis não implica outro sujeito senão o da ciência. Isso não deixa dúvidas a respeito do que ele propõe sobre a relação da psicanálise com a ciência, e essa relação só pode ser pensada a partir de suas concepções de sujeito e de objeto.

Aqui ele traz duas questões que me parecem muito importantes, pois são duas revisões que ele fez da obra freudiana. A primeira é sua releitura da frase “onde isso estava, o eu deve advir” (Dissecção da personalidade psíquica), que ele elabora da seguinte maneira: “Como é que o que estava me esperando desde sempre, de um ser obscuro, viria a se totalizar por um traço que só se traça para dividi-lo mais nitidamente do que me é dado saber?”.

A segunda é como essa frase permite rever o problema da dupla inscrição deixada por Freud como uma questão em aberto no texto “Inconsciente”, tópico II, e em relação a qual ele debate criticamente a proposta de Laplanche e Leclaire sobre a imagem gestáltica x a banda de Moebius.

Dúvidas que surgiram: O sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência? Lacan estaria propondo uma ciência conjectural, e como ficam as outras ciências humanas? Como pensar o trabalho analítico considerando a topologia da banda de Moebius e o sujeito dividido entre verdade e saber? As construções em análise são uma forma de abarcar o objeto a? O que vem em um final de análise? É possível alcançar a verdade última sobre si?

## 13º Encontro

### Convite:

No encontro anterior vimos Lacan pensando onde a Psicanálise se inseriria na consideração científica, não nas ciências humanas, mas nas conjecturais – diferentemente de Freud, que a aproximou das ciências da natureza. Lacan se perguntou se um Sujeito calculável constituiria o objeto das ciências conjecturais, mas questionou essa possibilidade, e questionou: “O saber sobre o objeto *a* seria, então, a ciência da psicanálise?”. Recusando essa fórmula, disse: “esse objeto *a* deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito pela qual se estrutura [...] o campo psicanalítico.” (p. 877-8).

Daí distinguiu uma questão e um fato: a questão de saber se a psicanálise é uma ciência (se seu campo é científico) e o fato de que a práxis psicanalítica não implica outro sujeito senão o da ciência. Desaparece a dúvida se o Sujeito da Psicanálise seria o Sujeito da Ciência e, nesse sentido, a Psicanálise não pode ser tratada sem considerar sua relação com o campo científico.

Seguiremos nesse con-texto que culminará na discussão da *causa* em Psicanálise, e que agora caminhará em dois retornos à obra de Freud: a leitura que Lacan fez da frase “onde isso estava, o eu deve advir”<sup>1</sup> e o problema da dupla inscrição da ideia na consciência e no inconsciente<sup>2</sup>.

Nos encontramos hoje, terça, 14/09, às 19h30 para lermos e debatermos esse assunto. Até lá!

Flávio Mendes

---

<sup>1</sup> S. Freud. Conferência XXXI, Dissecção da Personalidade Psíquica, vol. XXII, penúltima linha do texto.

<sup>2</sup> S. Freud. Inconsciente, vol. XIV, no tópico II do texto.

### Anotações posteriores:

Fomos ao texto de Freud para situar em seu con-texto as duas questões que Lacan levantou nesses trechos do A Ciência e a Verdade. Lá, encontramos um Freud pesquisador pensando sobre as relações que se produzem em suas duas tópicas. Esse me pareceu ser o ponto fundamental que Lacan se apropriou com essas duas questões, a saber: ele levantou dois problemas que Freud estava trabalhando nas suas tópicas, o da dupla inscrição na primeira tópica e o da relação entre o ego e o id na segunda tópica. Me parece, então, que a questão seja como se relacionam esses dois registros, daí as questões levantadas trazerem, em essência, uma relação entre registros, a qual Lacan se apropriou para falar sobre o Isso e o Je, e sobre o Significante na divisão do Sujeito entre Verdade e Saber.

Entretanto, foi importante notar que em seu con-texto, Freud estava muito bem situado na anatomia para pensar suas duas tópicas, entendo que em algum momento poderia haver a possibilidade de se encontrar na anatomia aquilo que ele dizia do psiquismo. Diferentemente, em suas afirmações referentes a esses trechos, Lacan abandonou a biologia em prol de pensar o campo significante.

Trabalho árduo do Lacan em conseguir transpor as questões freudianas para o bojo de sua nova teorização, e trabalho árduo para a gente, tanto em conseguir lê-lo respeitando as diferenças

presentes na obra de Freud para a sua, quanto em reconhecer o mérito do trabalho que ele produziu e os avanços que vieram na sequência.

Retomando algumas perguntas que fiz no começo da leitura: Se lermos a obra de Freud considerando seu próprio con-texto e se a lermos a partir do crivo proposto por Lacan nós teremos duas leituras distintas. É possível estudar suas obras considerando essa distinção?

Sim, é possível ler Freud em seu próprio con-texto, assim como ler Freud a partir da leitura de Lacan, mas esses são dois trabalhos árduos, que nos demanda um esforço. Em alguns momentos, Lacan metaforizou aquilo que era literal em Freud: o valor da anatomia; em outros, ele retirou de Freud suas indicações e inseriu nelas uma releitura valiosa, mas que pode retirar a riqueza da obra freudiana (onde isso estava, o eu deve advir).

## 14º Encontro

### Convite:

No encontro anterior nós fomos a Freud para situar em seus con-textos as duas questões que Lacan levantou n'A Ciência e a Verdade. Neles, Freud pensava as relações estruturais no interior de suas tópicas. Esse me parece ser o cerne do que Lacan se apropriou ao tratar da dupla inscrição do ato psíquico na Cs e no Ics (1ª tópica) e da relação entre o Eu e o Isso (2ª tópica): suas relações estruturais. Assim, ele propôs novas definições para essas relações: o Sujeito dividido entre Verdade e Saber para tratar da dupla inscrição, e o Sujeito advindo no lugar do Isso para tratar da relação entre o Eu e o Isso.

Trabalho árduo de Lacan em transpor as questões freudianas, situadas na biologia e na psicologia profunda, para uma nova teorização considerando uma subversão da linguística e da topologia. Trabalho árduo também para nós ao caminharmos respeitando as diferenças de sua obra para a de Freud e reconhecendo o mérito dos seus avanços.

Retomo uma das perguntas que fiz no começo da leitura: “Se lermos a obra de Freud considerando seu próprio con-texto e se a lermos a partir do crivo proposto por Lacan nós teremos duas leituras distintas. É possível estudar suas obras considerando essa distinção?”

Mais uma vez deixo a pergunta em aberto para continuarmos a leitura. Seguiremos pelo (con)texto de Lacan no trecho em que ele trabalha o “cogito ergo” e a questão da causa em Psicanálise.

Nos encontramos hoje, dia 28/09, às 19h30, para seguirmos a leitura do material. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

- Martin Heidegger sobre Descartes em “Ser e Tempo”, Parágrafo 10. A delimitação da analítica da pre-sença face à antropologia, psicologia e biologia, p. 82, na intenção de ultrapassar a investigação do ente enquanto ente, esquecendo o próprio Ser:
  - “Orientando historicamente, o propósito da analítica existencial pode ser esclarecido da seguinte maneira: Descartes, a que se atribuiu a descoberta do cogito sum, como ponto de partida básico do questionamento filosófico moderno, só investiga o cogitare do ego dentro de certos limites. Deixa totalmente indiscutido o sum, embora o sum seja proposto de maneira originária quanto o cogito. A analítica coloca a questão ontológica a respeito do ser do sum. Pois somente depois de se determinar o seu ser é que se pode apreender o modo de ser das cogitationes” (HEIDEGGER, 2004, § 10, p. 82).
- Martin Heidegger sobre Descartes em “Nietzsche – volume 2”:
  - “[...] todo ego cogito é cogito me cogitare; todo 'eu represento' ao mesmo tempo 'me' representa, a mim, aquele que representa (diante de mim, em meu re-presentar)” (HEIDEGGER, 2007, p. 113).
  - “Em verdade, com a determinação do cogito me cogitare, Descartes também não tem em vista que em todo ato de re-presentar um objeto, “eu” mesmo, aquele que representa, também seria ainda representado enquanto tal e transformado em objeto. Pois senão essa representação precisaria constantemente flutuar de cá para lá entre os nossos objetos, entre o representar do objeto propriamente re-presentado e o representar daquele que re-presenta (ego).” (HEIDEGGER, 2007, p. 114).
  - “Descartes oferece uma interpretação extrínseca e insuficiente da “res cogitans”, na medida em que fala de maneira douta na língua da escolástica medieval e divide o ente na

totalidade em substantia infinita e substantia finita. Substantia é o título tradicional e predominante para ὑποχείμενον, subiectum no sentido metafísico. A substantia infinita é Deus: summum ens: creator. O âmbito da substantia finita é o ens creatum. Este ente é dividido por Descartes em res cogitans e res extensa. Desse modo, todo ente é visto a partir do creator e do creatum, e a nova determinação do homem por meio do cogito sum não é senão, por assim dizer, inscrita na antiga estrutura.” (HEIDEGGER, 2007, p. 121).

- Crítica de Heidegger a Descartes:
  - <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/guilhermedquintilhano.pdf>
  - “Segundo Heidegger, no cogito, o seu ato de representar implicaria em uma função dupla e indissociável. 1) o cogito traz algo para si, fixando o representado; 2) todo ato de representar algo ao mesmo tempo me representa, fixando o próprio representante.”
  - “A noção de sujeito compreendida por essa dupla função do cogito como cogito me cogitare leva Heidegger a uma outra distinção conceitual que completa o sentido de Sub-iectum a partir de sua relação com o objeto. O sujeito é o que subjaz e que está aí por si mesmo. Já o objeto é esse algo à disposição, é algo posto a-diante. Assim, o objeto está diante do sujeito que o representa. O ego é sujeito por ser consciente de si sempre que é consciente de algo posto diante de si. O conceito de objeto refere-se a esse algo diante de outro algo. O objeto, na medida em que é representado ao ego que o representa, é algo jogado, diante do sujeito. Na interpretação heideggeriana do cogito como representação, o eu é sujeito por se re-presentar ao mesmo tempo em que representa todo e qualquer objeto. Essa fixação de algo a si, no ato mesmo de se fixar como representante desse algo, não pode ser um flutuar de representações a representações. Ser consciente de algo pressupõe a fixação, mesmo que oculta, de ser o representante. A origem da representação é a consciência de si, que permite à coisa pensante representar a coisa pensada. Nesse sentido, o cogito é uma unidade originária que permite a passagem e a ligação entre o ato de ser consciente de algo por ser consciência de si.”
- Santo Agostinho, “A Trindade”, livro I:
  - Capítulo 5, Questionamentos sobre a unidade na Trindade e as operações inseparáveis, p. 32: “Algumas pessoas ficam confusas quando ouvem falar que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, ou seja, a Trindade, não são três deuses, mas um só Deus. E procuram entender como isto seja possível, principalmente quando se diz que a Trindade atua inseparavelmente em tudo o que Deus faz. No entanto, a voz do Pai, que se ouviu, não é a voz do Filho; somente o Filho nasceu, padeceu e ressuscitou e subiu ao céus; e somente o Espírito Santo apareceu em forma de pomba. Querem compreender como aquela voz somente do Pai, pode ser operação da Trindade; como aquela carne, na qual somente o Filho nasceu, a mesma Trindade a criou; como aquela forma de pomba, na qual somente o Espírito Santo apareceu, tenha sido operação da Trindade. Caso as operações não fossem inseparáveis, mas o Pai fizesse uma coisa, o Filho outra, e o Espírito Santo outra; ou se operassem algumas vezes em conjunto, outras vezes em particular cada uma; não se poderia afirmar a inseparabilidade da Trindade. Preocupa-os também o fato de que o Espírito Santo esteja na Trindade e não foi gerado nem pelo Pai nem pelo Filho, mas é o Espírito do Pai e do Filho.”
  - Capítulo 6, Consustancialidade do Pai e do Filho. Imortalidade da Trindade. O Filho é também criador. A deidade do Espírito Santo e a igualdade com o Pai e o Filho, p. 33-34: “Aqueles que afirmaram que nosso Senhor Jesus Cristo não é Deus, ou que não é verdadeiro Deus, ou que não é um só Deus com o Pai, ou que não é imortal por ser mutável sejam convencidos de seu erro pelo claríssimo testemunho e pela afirmação unânime dos Livros santos, dos quais são estas palavras: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus*. Está claro que nós reconhecemos o Verbo de Deus como o Filho único do Pai, do qual se diz depois: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,1-14), em referência ao nascimento pela sua encarnação, ocorrida no

tempo, tendo a Virgem como mãe. Nessa passagem, o evangelista declara que o Verbo não é somente Deus, mas consubstanciai ao Pai, pois, após dizer: *E o Verbo era Deus*, acrescenta: *No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito do que existe* (Jo 1,2-3). Diz *tudo*, de modo a incluir tudo o que foi criado, ou seja, todas as criaturas. Consta aí claramente que não foi criado aquele por quem tudo foi criado. E se não foi criado, não é criatura, e se não é criatura, é consubstanciai ao Pai. Toda substância que não é Deus, é criatura, e a que não é criatura, é Deus. E se o Filho não é consubstanciai ao Pai, é uma substância criada; e se é uma substância criada, todas as coisas não foram feitas por ele. Ora, está escrito: *Tudo foi feito por ele*; portanto, é consubstancial ao Pai. Assim, não é somente Deus, mas verdadeiro Deus.”

- Baruch de Espinosa, *Ética*, Parte I: Deus, Definições
  - o “1. Por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente.”
  - o “3. Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.”
  - o “6. Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.”
  - o “7. Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada.”
- Johannes Angelus Silesius, *O Peregrino Querubínico: ou Engenhosos aforismos e rimas que levam à contemplação de Deus*, p. 26-27:
  - o “8. Deus não vive sem mim / Sei que sem mim Deus não pode um momento viver: / Se eu nada me tornar, ele deve por certo morrer.
  - o 9. Recebo de Deus e Deus de mim / De ser tão feliz e de viver sem desejo / Ele de mim tanto recebeu quanto eu dele.
  - o 10. Sou como Deus e Deus como eu / Sou grande como Deus, e ele pequeno como eu; / Ele não pode estar acima de mim, nem eu abaixo dele.
  - o 11. Deus está em mim e eu nele / Deus é fogo em mim e eu nele sou a luz: / Não estamos, juntos, profundamente unidos?”

### **Anotações posteriores:**

Após falar dos problemas da dupla inscrição e do sujeito advir onde o isso estava, Lacan se lançou num debate filosófico para sustentar que o esquema intuitivo e gestáltico apresentado por Leclair e Laplanche era pouco para dar conta do que ele visava, a saber, de que “é por encerrar o analista em seu ser, por assim dizer, que essa topologia pode captá-lo” (p. 879), a topologia da banda de Moebius, na qual “o direito e o avesso acham-se em condições de se juntar por toda parte” (p. 878).

O debate filosófico se trata de retomar a questão do ser, resgatando o - penso: ‘logo existo’ – que se pode ler que “o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem” (p. 879), claramente uma compreensão heideggeriana, que é inclusive retomada na sequência com o cogito sum tratado por Heidegger e o cogito ergo destacado por Lacan para trabalhar então o problema da causa (logo). Aquilo que Heidegger algebriza do discurso de Descartes, Lacan dá destaque a seu resto (cogito ergo) e o relança com o “devo [eu]” do que ele chama de fórmula freudiana, apresentando o paradoxo de que este é “um imperativo que me pressiona a assumir minha própria causalidade”. (p. 879).

Parte difícil que nos coloca, pois ele passa da reflexão sobre o ser para a reflexão sobre a causa e nesta desenvolve um raciocínio que passa por Santo Agostinho falando da Santíssima Trindade, que é Uma e Três simultaneamente sem que um tenha causado a outra; por Baruch de Espinosa, que em sua Ética propõe que a causa de si como aquilo cuja essência envolve a existência; Descartes, que torna o ego dependente do deus da religião, solidário a Deus pois preservado do Deus enganador; Angelus Silesius, que, em suas adjurações, dá a Deus e ao ego um destino comum, dependentes de si num trabalho que Lacan se apropriou para tratar do caso Schreber.

Daremos continuidade com o retorno de Lacan ao texto psicanalítico já atravessado pelo tema da causa. Ele falará de seu texto “A Coisa Freudiana” pra pensar a prosopopéia “eu, a verdade, falo” e insistir no debate da causa em Psicanálise.

## 15º Encontro

### Convite:

No último encontro retomamos as questões da dupla inscrição e do sujeito advindo no lugar do isso e seguimos Lacan ao longo de uma só página (p. 879) lançando-se num trabalho denso com vários autores.

Nela, ele foi à crítica sobre o ser feita por Heidegger a Descartes e disse que “o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem”. Pegou então o que restou do “cogito sum” (penso sou) proposto por Heidegger e destacou o “cogito ergo” (penso logo), sugerindo a evidência de que “nada é falado senão apoiando-se na causa”. E ainda propôs que essa causa seria aquela abarcada no “soll ich” (devo [eu]) da fórmula freudiana, que brotaria “o paradoxo de um imperativo que me pressiona a assumir minha própria causalidade”.

Assim, temos o pensamento vinculado à fala; a fala apoiando-se na causa; e a causa remetendo ao Isso que, pela operação da linguagem, assume sua própria causalidade como Sujeito. Trecho denso. Lacan fez um longo desdobramento para tratar essa “minha própria causalidade” pelas noções de causa e causa-de-si mencionando Agostinho, Espinosa, Descartes e Angelus Silesius. Mas o que seria esse acontecimento por meio do qual o ser assume sua própria causalidade?

Pois é na sequência que ele passa a falar de repetição e re-torna ao seu próprio texto “A Coisa Freudiana” resgatando a alegoria da coisa inominável que pronuncia no horror as palavras “eu, a verdade, falo” atingindo o ser da linguagem.

Convido vocês para seguirmos nessas elaborações hoje, dia 05/10, às 19h30, dando sequência nesse trabalho de destrinchar seu texto e refletir sobre suas consequências clínicas. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

- Louis Antoine Léon de Saint-Just:
  - Saint-Just (25 de agosto de 1767, Decize, (Nièvre) - 28 de julho de 1794, Paris) foi um aspirante a literato, pensador e político revolucionário francês.
  - <https://educacao.uol.com.br/biografias/louis-antoine-leon-de-saint-just.htm>
- Seminário 23, p. 236: Essa junção é muito esclarecedora. Permite, por exemplo, compreender rapidamente por que é que justamente o autor (em colaboração) de um Vocabulário da psicanálise, compilação muito bem-ordenada de citações de Freud, foi quem interpelou Lacan a propósito do verdadeiro sobre o verdadeiro (ver, aqui mesmo, p.148, e a indicação que dou nas p.92-3 (ed. fr. p.108), de Nomes-do-Pai, Zahar, 2005). Dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro supõe a eliminação da enunciação em proveito do enunciado (um predicado operatório "x é verdadeiro"). Mas esse verdadeiro, que é o verdadeiro intensional da p.149, permanece relativo ao universo do discurso considerado, a seus axiomas e procedimentos de validação. Ele exige apenas um acordo harmonioso dos significantes entre eles. O significante, como o asno, esfrega-se no significante, explora suas redes, meandros e labirintos, mas tudo isso acaba por girar em torno do anel do simbólico, em volta de um furo invisível, aquele da falta-a-dizer. É a via quiniana, não desprovida de sabedoria.

### **Anotações posteriores:**

Seguimos o trecho em que Lacan fala da repetição e como ele repete a repetição nos fazendo pensar que está querendo transmitir algum processo: “só repetirei para lembra-la”, “Pois isso seria repeti-la duas vezes”, “essa expressão – bis repetita – não significa a simples repetição”, “discurso cujo texto é o de um discurso segundo, por ser o da vez em que o repeti”, “possa essa insistência fazê-los sentirem, em sua trivialidade, o contrapé temporal gerado pela repetição”. Mas do que se trata essa repetição: seria a repetição do discurso? Seria a repetição do seminário 11, quanto a tique e o automatom?

Nos perguntamos: Essa Coisa freudiana para Lacan é o das ding de Freud? E como essas duas teorias estão articuladas? Em Freud das ding diz respeito às marcas das primeiras satisfações da criança no contato com o seio materno, que nunca serão alcançadas novamente. Em Lacan, trata-se da coisa tomando a palavra e falando sobre a verdade, logo, operando a partir da fala e situada no próprio ser de linguagem. Que avanços Lacan obteve a partir desse reposicionamento teórico, e também que perdas ficaram de lado da obra de Freud durante esse processo?

E como o objeto a entra nessa história, o objeto a na posição de causa de desejo?

E então ele vai para A Coisa Freudiana dizendo “ ‘Eu, a verdade, falo...’, e a prosopopeia continua. Pensem na coisa inominável que, por poder pronunciar essas palavras, atingisse o ser da linguagem, para ouvi-las tal como devem ser pronunciadas, no horror”. Mas que horror? Por que ao atingir o ser da linguagem?

Fomos à Coisa, que nos deixou com sentimentos de fascínio, beleza, caos, de pensar na coisa como a esfinge nos falando:

“Por onde, afinal, irei passar em vós, onde estava eu antes dessa passagem? Será que um dia vo-lo direi? Mas, para que me encontreis onde estou, vou ensinar-vos por que sinal reconhecer-me. Homens, escutai, eu vos dou o segredo! Eu, a verdade, falo.”

“O discurso do erro, sua articulação como ato, podia testemunhar a verdade contra a própria evidência.”

“Quer fujais de mim no embuste, quer penseis apanhar-me no erro, junto-me a vós no equívoco contra o qual não tendes refúgio. Ali onde a fala mais cautelosa exhibe um ligeiro tropeço, é para com sua perfídia que ela falta, divulgo-o agora, e daqui em diante não será nada fácil agir como se nada houvesse, em boa ou má companhia.”

“Aliás, para avaliar vossa derrota, acaso não é o bastante ver-me escapar, primeiro, da torre da fortaleza em que julgáveis com mais certeza me reter, situando-me não em vós, mas no próprio ser? Vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência, e nunca procedo com maior certeza para mudar a face do mundo do que ao lhe dar o perfil do nariz de Cleópatra.”

## 16º Encontro

### Convite:

No último encontro com o texto nós acompanhamos Lacan repetindo a Repetição ao lembrar de “A Coisa Freudiana”: “só repetirei para lembrá-la”, “Pois isso seria repeti-la duas vezes”, “essa expressão – bis repetita – não significa a simples repetição”, “discurso cujo texto é o de um discurso segundo, por ser o da vez em que o repeti”, “possa essa insistência fazê-los sentirem, em sua trivialidade, o contrapé temporal gerado pela repetição” (p. 880).

Dali, fomos à prosopopeia “eu, a verdade, falo”, que nos remeteu à “das ding” e à verdade que se funda no fato de que fala: “Por onde, afinal, irei passar em vós, onde estava eu antes dessa passagem? [...]. Vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência [...]” (p. 410-411).

Isso nos deixou com algumas questões: Por que ele repetia a Repetição? Como a situou em relação à Coisa e à Verdade? Quais avanços alcançou e o que restou perdido desse processo na obra freudiana?

Hoje, 26/10, às 19h30, acompanharemos suas considerações ao problema do verdadeiro sobre o verdadeiro (não há metalinguagem), fundamental para a Psicanálise frente à linguística e à lógica. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

- Foi Lagache ou foi Pontalis quem falou sobre Lacan não dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro?
- **Metalinguagem.** A prevalência do significante como resistência à metalinguagem, Eliane Mara Silveira - [http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_392.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_392.pdf) :
  - o Histórico: Termo entrou na linguística a partir de Tarski e entrou nos meios linguísticos a partir dos debates do Círculo de Viena. É um termo antigo que diz respeito à linguagem não se referir a um objeto (linguagem ordinária), mas à própria linguagem (metalinguagem), sendo retomado por Hjelmslev na década de 30 e por Jakobson na segunda metade do século XX. Este propôs que uma das seis funções da linguagem seria a metalinguagem, função metalinguística (livro “Linguística e Poética”, 1960, “Linguística e Comunicação”, 1974).
  - o Termo: é definido como uma língua usada para falar a respeito de outra língua, sendo importante diferenciar a língua-objeto, sobre a qual se fala, da metalinguagem, a língua que se usa para falar da língua-objeto. Exemplo: “Paria é a cidade luz” x “Paris é uma palavra com cinco letras”. Também é possível entender a distinção considerando a linguagem que se dirige à não linguagem (o mundo) e a linguagem que se dirige à linguagem (metalinguagem), que pode

servir a um linguista, embora seja artificial para um psicanalista ou para um sociólogo.

- o Há uma premissa de que a linguagem pode dar conta de dizer de si mesma, que ela seja perfeita, que diga toda a verdade. Daí as críticas de que Lacan de que não há metalinguagem, que a linguagem não pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, de que o objeto está em exclusão interna ao sujeito e não exterior ao ponto de ser alcançado, de que o linguista está inscrito na construção da linguística e isso determina como ele apreende o objeto que trata. Isso se desdobra, por exemplo, na questão da posição do sujeito no trabalho sobre a língua, e remete ao neologismo Linguisteria, que Lacan cunhou articulando língua e histeria.

- **Recalque Originário:**

- o Freud, “Repressão” (1914, vol. XIV).
  - “Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes, de que falaremos depois [ver em [1]].
  - A segunda fase da repressão, a repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. Por causa dessa associação, essas idéias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primevamente reprimido. Na realidade, portanto, a repressão propriamente dita é uma pressão posterior. Além disso, é errado dar ênfase apenas à repulsão que atua a partir da direção do consciente sobre o que deve ser reprimido; igualmente importante é a atração exercida por aquilo que foi primevamente repellido sobre tudo aquilo com que ele possa estabelecer uma ligação. Provavelmente, a tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente.”
- o Freud, Inconsciente, IV - Topografia e Dinâmica da Repressão (1915, vol. XIV)
  - “Mas esse processo de retirada da libido não é suficiente para tornar compreensível uma outra característica da repressão. Não está clara a razão por que a idéia que permaneceu catexizada ou que recebeu a catexia do Ics., não deve, em virtude de sua catexia, renovar a tentativa de penetrar no sistema Pcs. Se pudesse fazê-lo, a retirada da libido dessa idéia teria de ser repetida e o mesmo desempenho se processaria interminavelmente; o resultado, porém, não seria a repressão. Da mesma forma, quando se trata de descrever a repressão primeva, o mecanismo da retirada da catexia pré-consciente, que acabamos de examinar, deixaria de atender ao caso, pois aqui estamos lidando com uma idéia inconsciente que ainda não recebeu qualquer catexia do Pcs. e, portanto, não pode ter essa catexia retirada dela.
  - Necessitamos, por conseguinte, de outro processo que, no primeiro caso, mantenha a repressão [isto é, o caso da pressão posterior] e, no segundo [isto é, o da repressão primeva], assegure o seu estabelecimento e continuidade. Esse outro processo só pode ser encontrado mediante a suposição de uma anticatexia, por meio da qual o sistema Pcs. se protege da pressão que sofre por parte da

idéia inconsciente. Veremos, por meio de exemplos clínicos, como tal anticatexia, atuando no sistema Pcs., se manifesta. É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão primeva, garantindo, igualmente, a permanência dessa repressão. A anticatexia é o único mecanismo da repressão primeva; no caso da repressão propriamente dita ('pressão posterior') verifica-se, além disso, a retirada da catexia do Pcs. É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da idéia a utilizada para a anticatexia.

- Vemos como gradativamente fomos levados a adotar um terceiro ponto de vista em nosso relato dos fenômenos psíquicos. Além dos pontos de vista dinâmico e topográfico [ver em [1]], adotamos o econômico. Este se esforça por levar até as últimas conseqüências as vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa relativa de sua magnitude.
- Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica. Devemos afirmar, de imediato, que no presente estado de nosso conhecimento há apenas alguns pontos nos quais essa tarefa terá êxito.
- Esforcemo-nos tentativamente por apresentar uma descrição metapsicológica do processo de repressão nas três neuroses de transferência que nos são familiares.”

### **Anotações posteriores:**

Seguimos lendo a caminhada de Lacan sobre A Coisa Freudiana e ele faz uma menção ao momento em que apresentara esse texto e recebeu uma acolhida fria, fazendo uma crítica ao seu auditório, que eram colegas com os quais trabalhava provavelmente na Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). Sua crítica acida aos colegas nos fez pensar em como ele parecia amargurado com os acontecimentos daquele período, ainda mais considerando que ele saíra da Escola e fundou – tão sozinho como sempre esteve – a Escola Freudiana de Paris (EFP). Foi necessário um tempo considerável para que seus textos fossem encarados com interesse.

Na sequência nos pegamos com a questão do verdadeiro sobre o verdadeiro, quando ele diz que as palavras “eu, a verdade, falo” ultrapassa a alegoria e são tudo o que há por dizer da verdade, a única, a saber: não existe metalinguagem. Aqui Lacan levanta um problema lógico-positivista, na medida em que a busca de uma metalinguagem, uma linguagem que descreva a linguagem, realizada por linguistas e lógicos, faria acreditar que a linguagem é completa e cristalina, que ela dê conta da verdade, que possa abarcar tudo. Ao invés disso, Lacan propôs – desde A Coisa Freudiana – que esta, a coisa, toma a palavra e, por isso, a verdade se funda pelo fato de que fala e vem do inconsciente por este ser estruturado como uma linguagem. Daí vemos como *das ding* tomou outras proporções.

Mas “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” é diferente de “o inconsciente é uma linguagem”, e, nesse sentido, o que interessa é sua estrutura –

submetida às leis do significante, a metáfora e a metonímia -, que possibilitou a Lacan transliterar os conceitos de inconsciente, condensação e deslocamento, da obra de Freud. Mais que isso, a falta do verdadeiro sobre o verdadeiro é o lugar do recalque originário, *Urverdrängung*, que atrai para si os outros.

Paramos nesse trecho para debater sobre como Lacan pensou o problema da metalinguagem e como o tratou a partir de seu conceito de Inconsciente e seu trabalho sobre a obra freudiana. Aproveitaremos esse momento do contexto lacaniano para ir a alguns textos de Freud e pensar sobre as duas teorias.

Dilceia: projeto – a coisa

Carolina: Repressão

Juliana: Inconsciente, tópico IV

Joseane: Inconsciente, condensação e deslocamento

Paola: Interpretação dos sonhos, capítulo VII ou Inconsciente, condensação e deslocamento

Hilda: intervenção sobre a transferência (caso dora), o mito individual do neurótico (caso homem dos ratos), seminário 1 (casos annie reich, anna freud, Ernst kris, melanie klein, rosine lefort), seminário 3 (schereber), seminário 5 (os chistes e sua relação com o inconsciente), seminário 2 (interpretação dos sonhos),

## 17º Encontro

### Convite:

Acompanhando Lacan ao repetir A Coisa Freudiana, nós lemos sua crítica aos analistas de Viena, “a escória mais rasteira do mundo psicanalítico”, e seu comentário sobre o percurso na Sociedade Francesa de Psicanálise, “vivi pacientemente durante dez anos, em prol da raçãozinha narcísica de nossos companheiros de naufrágio” (p. 880-1).

Em meio a essas considerações sobre o campo psicanalítico ele alcançou a questão do verdadeiro sobre o verdadeiro e criticou o problema lógico-positivista da metalinguagem, da linguagem referir-se à própria linguagem. As palavras “Eu, a verdade, falo” são sua resposta que tanto situa a verdade se fundando no fato de falar, dita pelo Inconsciente, quanto insere na Estrutura a falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, lugar do Recalque Originário.

Esse assunto encaminhou uma conversa sobre a Estrutura do Inconsciente e as concordâncias e distinções das propostas de Freud e Lacan.

Para dar continuidade, eu propus fazermos hoje, dia 09/11, às 19h30, uma partilha das definições freudianas de Inconsciente, Condensação, Deslocamento, Recalque Primevo e das ding para refletirmos sobre sua teoria em relação à de Lacan, do Inconsciente estruturado como uma linguagem, Metáfora, Metonímia, furo do Simbólico e A Coisa.

Convido vocês a estarem conosco nesse encontro. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

- **Recalque Originário:** Freud, “Repressão” (1914, vol. XIV).
  - “Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele. Isso se deve às propriedades dos processos inconscientes, de que falaremos depois [ver em [1]].
  - A segunda fase da repressão, a repressão propriamente dita, afeta os derivados mentais do representante reprimido, ou sucessões de pensamento que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. Por causa dessa associação, essas idéias sofrem o mesmo destino daquilo que foi primevamente reprimido. Na realidade, portanto, a repressão propriamente dita é uma pressão posterior. Além disso, é errado dar ênfase apenas à repulsão que atua a partir da direção do consciente sobre o que deve ser reprimido; igualmente importante é a atração exercida por aquilo que foi primevamente repelido sobre tudo aquilo com que ele possa estabelecer uma ligação. Provavelmente, a

tendência no sentido da repressão falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente.”

- **Recalque originário:** Freud, Inconsciente, IV (1915, vol. XIV)
  - “Mas esse processo de retirada da libido não é suficiente para tornar compreensível uma outra característica da repressão. Não está clara a razão por que a idéia que permaneceu catexizada ou que recebeu a catexia do Ics., não deve, em virtude de sua catexia, renovar a tentativa de penetrar no sistema Pcs. Se pudesse fazê-lo, a retirada da libido dessa idéia teria de ser repetida e o mesmo desempenho se processaria interminavelmente; o resultado, porém, não seria a repressão. Da mesma forma, quando se trata de descrever a repressão primeva, o mecanismo da retirada da catexia pré-consciente, que acabamos de examinar, deixaria de atender ao caso, pois aqui estamos lidando com uma idéia inconsciente que ainda não recebeu qualquer catexia do Pcs. e, portanto, não pode ter essa catexia retirada dela.
  - Necessitamos, por conseguinte, de outro processo que, no primeiro caso, mantenha a repressão [isto é, o caso da pressão posterior] e, no segundo [isto é, o da repressão primeva], assegure o seu estabelecimento e continuidade. Esse outro processo só pode ser encontrado mediante a suposição de uma anticatexia, por meio da qual o sistema Pcs. se protege da pressão que sofre por parte da idéia inconsciente. Veremos, por meio de exemplos clínicos, como tal anticatexia, atuando no sistema Pcs., se manifesta. É isso que representa o permanente dispêndio [de energia] de uma repressão primeva, garantindo, igualmente, a permanência dessa repressão. A anticatexia é o único mecanismo da repressão primeva; no caso da repressão propriamente dita (‘pressão posterior’) verifica-se, além disso, a retirada da catexia do Pcs. É bem possível que seja precisamente a catexia retirada da idéia a utilizada para a anticatexia.
  - Vemos como gradativamente fomos levados a adotar um terceiro ponto de vista em nosso relato dos fenômenos psíquicos. Além dos pontos de vista dinâmico e topográfico [ver em [1]], adotamos o econômico. Este se esforça por levar até as últimas conseqüências as vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa relativa de sua magnitude.
  - Não será descabido dar uma denominação especial a essa maneira global de considerar nosso tema, pois ela é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica. Devemos afirmar, de imediato, que no presente estado de nosso conhecimento há apenas alguns pontos nos quais essa tarefa terá êxito.
  - Esforcemo-nos tentativamente por apresentar uma descrição metapsicológica do processo de repressão nas três neuroses de transferência que nos são familiares.”
- **Condensação:** Freud, Interpretação dos Sonhos, VI, A (1900, vol IV)
  - “Não será mais provável que tenham surgido no decorrer da análise novas cadeias de idéias que não tiveram nenhuma participação na formação do sonho? Só posso dar assentimento parcial a essa argumentação. Sem dúvida é verdade que algumas cadeias de idéias surgem pela primeira vez durante a análise. Mas em todos esses casos podemos convencer-nos de que essas novas ligações só se estabelecem entre

idéias que já estavam ligadas de alguma outra forma nos pensamentos do sonho. As novas ligações são, por assim dizer, circuitos fechados ou curtos-circuitos possibilitados pela existência de outras vias de ligação mais profundas. Deve-se admitir que a grande maioria das idéias que são reveladas na análise já estava em ação durante o processo de formação do sonho, uma vez que, depois de se elaborar uma sucessão de idéias que parecem não ter qualquer ligação com a formação de um sonho, de repente se esbarra numa idéia que está representada em seu conteúdo e que é indispensável para sua interpretação, mas que não poderia ter sido alcançada senão por essa linha específica de abordagem.”

- o “Não se deve esquecer, porém, que estamos lidando com um processo inconsciente de pensamento, que pode diferir com facilidade do que percebemos durante a reflexão intencional acompanhada pela consciência. Persiste o fato inegável, contudo, de que a formação dos sonhos baseia-se num processo de condensação. Como se dá essa condensação?”
- o “Assim, “botânica” era um **ponto nodal sistemático** no sonho. Para ele **convergiam** numerosas cadeias de idéias que, como posso garantir, tinham entrado apropriadamente no contexto da conversa com o Dr. Königstein. Estamos aqui numa fábrica de pensamentos onde, como na “obra-prima do tecelão””
- o “Essa primeira investigação leva-nos a concluir que os elementos “botânica” e “monografia” penetraram no conteúdo do sonho porque possuíam **inúmeros contatos** com a maioria dos pensamentos do sonho, ou seja, porque constituíam “**pontos nodais**” para os quais **convergia** um grande número de pensamentos do sonho, porque tinham vários sentidos ligados à interpretação do sonho. A explicação desse fato fundamental também pode ser formulada de outra maneira: cada um dos elementos do conteúdo do sonho revelou ter sido “sobredeterminado” – ter sido representado muitas vezes nos pensamentos do sonho.”
- o “As vias associativas levam de um elemento do sonho para vários pensamentos do sonho e de um pensamento do sonho para vários elementos do sonho. Assim, o sonho não é estruturado por cada pensamento ou grupo de pensamentos do sonho isoladamente, encontrando (de forma abreviada) representação separada no conteúdo do sonho - do modo como um eleitorado escolhe seus representantes parlamentares; o sonho é, antes, construído por toda a massa de pensamentos do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo em que os elementos que têm suportes mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonho - de maneira análoga à eleição por scrutin de liste.”
- o “Nenhuma dessas figuras [filha mais velha, outra paciente, criança do hospital, esposa] com que deparei ao acompanhar “Irma” apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de “Irma”, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferei para ela, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me delas.”
- o “A construção de figuras coletivas e compostas é um dos principais métodos por que a condensação atua nos sonhos.”
- o “O trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com
- o palavras e nomes. É verdade, em geral, que as palavras são freqüentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se

combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas. Os sonhos desse tipo oferecem os mais divertidos e curiosos neologismos.”

- o “Quando nos sonhos ocorrem frases faladas, expressamente distinguidas como tais dos pensamentos, a norma invariável é que as palavras faladas no sonho derivam de palavras faladas lembradas no material onírico. O texto do enunciado é então mantido inalterado, ou externado com algum ligeiro deslocamento. Um enunciado, num sonho, é freqüentemente composto por vários enunciados relembrados, permanecendo o texto idêntico, mas sendo-lhe atribuídos, se possível, vários significados, ou um sentido diferente do original.”
- **Deslocamento:** Freud, Interpretação dos Sonhos, VI, B (1900, vol IV)
  - o “Via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho. E, como corolário, pode-se afirmar o inverso dessa asserção: o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho. O sonho tem, por assim dizer, uma contração diferente dos pensamentos oníricos - seu conteúdo tem elementos diferentes como ponto central. Assim, no sonho da monografia de botânica [em [1]], por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho era, evidentemente, o elemento “botânica”, ao passo que os pensamentos do sonho concerniam às complicações e conflitos que surgem entre colegas por suas obrigações profissionais, e ainda à acusação de que eu tinha o hábito de fazer sacrifícios demais em prol de meus passatempos. O elemento “botânica” não ocupava absolutamente nenhum lugar nesse núcleo dos pensamentos do sonho, a menos que a eles se ligasse vagamente por uma antítese -pelo fato de que a botânica jamais figurara entre meus estudos favoritos.”
  - o “Mais uma vez, em meu sonho sobre meu tio [em [1]], a barba loura que formava seu ponto central não parece ter tido qualquer ligação em seu significado com meus desejos ambiciosos, que, como vimos, constituíram o núcleo dos pensamentos do sonho. Tais sonhos dão uma impressão justificável de “deslocamento”.”
  - o “No curso da formação de um sonho, esses elementos essenciais, carregados como estão de um intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido e seu lugar pode ser tomado, no sonho, por outros elementos sobre cujo pequeno valor nos pensamentos do sonho não há nenhuma dúvida. À primeira vista, é como se nenhuma atenção fosse dispensada à **intensidade** psíquica das várias representações ao se proceder à escolha entre elas para o sonho, e como se a única coisa considerada fosse o maior ou menor grau e multiplicidade de sua determinação.”
  - o “Portanto, parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio da sobredeterminação, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem uma transferência e deslocamento de **intensidade** psíquicas no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o

- “deslocamento do sonho”. O **deslocamento** do sonho e a **condensação** do sonho são os dois **fatores dominantes** a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos.”
- o “Não penso tampouco que teremos qualquer dificuldade em reconhecer a força psíquica que se manifesta nos fatos do deslocamento do sonho. A consequência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente. Mas já estamos familiarizados com a distorção do sonho. Descobrimos sua origem na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. [Ver em [1]] O deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais essa distorção é obtida.
  - o “A questão da interação desses fatores - deslocamento, condensação e sobredeterminação - na construção dos sonhos, bem como a questão de qual deles é o fator dominante e qual é o fator subordinado -, tudo isso deixaremos de lado para uma investigação posterior.”
  - **Meios de Representação do Sonho:** Freud, vol. IV, VI, C.
    - o “No processo de transformar os pensamentos latentes no conteúdo manifesto de um sonho, vimos dois fatores em ação: a **condensação** e o **deslocamento** do sonho. À medida que prosseguirmos em nossa investigação encontraremos, além destes, **dois outros determinantes** que exercem indubitável influência na escolha do material que terá acesso ao sonho.”
    - o “Minhas tentativas de **estruturar** sonhos por síntese a partir dos pensamentos do sonho ensinaram-me que o material que emerge no curso da interpretação não é todo do mesmo valor. Parte dele é composta dos pensamentos oníricos essenciais - ou seja, aqueles que substituem completamente o sonho, e que, se não houvesse censura dos sonhos, seriam suficientes em si mesmos para substituí-lo. A outra parte do material deve ser em geral considerada de menor importância.”
    - o “Estamos interessados, aqui, apenas nos pensamentos oníricos essenciais. Estes geralmente emergem como um **complexo de idéias e lembranças** da mais **intrincada estrutura** possível, com todos os atributos das cadeias de idéias que nos são familiares na vida de vigília. Não raro, são cadeias de idéias que partem de mais de um centro, embora tendo pontos de contato. Cada cadeia de idéias é quase invariavelmente acompanhada por sua contrapartida contraditória, vinculada a ela por associação antitética. As diferentes porções dessa complicada estrutura mantêm, é claro, as mais diversificadas relações lógicas entre si.
    - o Podem representar o primeiro e o segundo planos, digressões e ilustrações, condições, seqüências de provas e contra-argumentações. [...]. Quando a massa inteira desses pensamentos do sonho é submetida à pressão do trabalho do sonho, e quando seus elementos são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados - quase como uma massa de gelo - surge a questão do que acontece às conexões lógicas que até então formaram sua estrutura. Que representação fornecem os sonhos para “se”, “**porque**”, “**como**”, “**embora**”, “**ou ...ou**”, e todas as outras **conjunções** sem as quais não podemos ”?
    - o “Que meios possui o trabalho do sonho para indicar nos pensamentos oníricos essas relações que são tão difíceis de representar? Tentarei enumerá-las uma a uma. Em primeiro lugar, os sonhos levam em conta, de maneira geral, a ligação que inegavelmente existe entre todas as partes dos pensamentos do sonho,

- combinando** todo o material numa única situação ou acontecimento. Eles reproduzem a ligação lógica pela **simultaneidade** no tempo.”
- o “O outro método de representar uma relação causal adapta-se ao material menos extenso e consiste na **transformação** de uma imagem do sonho, seja ela de uma pessoa ou de uma coisa, em outra. A existência de uma relação causal só deve ser levada a sério se a transformação realmente ocorrer diante de nossos olhos, e não se apenas notarmos que uma coisa apareceu no lugar de outra.”
  - o ““**Ou ... ou**” é predominantemente empregado para descrever um elemento onírico que tenha uma característica de imprecisão - que, contudo, é passível de ser desfeita. Em tais casos, a norma de interpretação é: trate as duas aparentes alternativas como se fossem de igual validade e ligue-as por um “e”.”
  - o “A maneira como os sonhos tratam a categoria dos **contrários** e dos **contraditórios** é altamente digna de nota. Ela é simplesmente desconsiderada. O “**não**” não parece existir no que diz respeito aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular por combinar os contrários numa unidade ou por representá-los como uma só coisa.”
  - o “Uma e apenas uma dessas **relações lógicas** é extremamente favorecida pelo mecanismo da formação do sonho; a saber, a **relação de semelhança**, consonância ou aproximação - a relação de “**tal como**”. Essa relação, diversamente de qualquer outra, é possível de ser representada nos sonhos de múltiplas maneiras. Os paralelos ou exemplos de “tal como” inerentes ao material dos pensamentos do sonho constituem as primeiras fundações para a construção de um sonho; e uma parte nada insignificante do trabalho do sonho consiste em criar novos paralelos onde os que já estão presentes não conseguem penetrar no sonho em virtude da censura imposta pela resistência. A representação da **relação de semelhança** é auxiliada pela tendência do trabalho do sonho à **condensação**.”
  - o “A **semelhança**, a consonância, a posse de atributos comuns - tudo isso é representado nos sonhos pela unificação, que pode já estar presente no material dos pensamentos do sonho ou pode ser novamente construída. A primeira dessas possibilidades pode ser descrita como “**identificação**”, e a segunda, como “**composição**”. A identificação é empregada quando se trata de pessoas; a composição, quando as coisas são o material da unificação. Não obstante, a composição também pode aplicar-se às pessoas. As localidades são freqüentemente tratadas como pessoas.
  - o “Aliás, a **inversão**, ou transformação de uma coisa em seu oposto, é um dos meios de representação mais favorecidos pelo trabalho do sonho, e é passível de utilização nos sentidos mais diversos. Ela serve, em primeiro lugar, para dar expressão à realização de um desejo em referência a algum elemento específico dos pensamentos do sonho.”
  - **Consideração à representabilidade:** Freud, vol. IV, VI, D.
    - o “No curso dessa pesquisa, porém, tocamos mais de uma vez no tópico adicional da natureza geral das modificações por que passa o material dos pensamentos do sonho para fins de formação de um sonho. Aprendemos que esse material, despojado em grande parte de suas relações, é submetido a um **processo de compressão**, enquanto que, ao mesmo tempo, os **deslocamentos de intensidade** entre seus elementos promovem necessariamente uma transposição psíquica dos valores do material. Os deslocamentos que examinamos até agora mostraram

consistir na substituição de alguma representação particular por outra estreitamente associada a ela em algum aspecto, e foram utilizados para facilitar a condensação, na medida em que, por meio deles, em vez de dois elementos, um único elemento intermediário comum a ambos penetra no sonho.”

- o “A direção tomada pelo **deslocamento** geralmente resulta no fato de uma expressão insípida e abstrata do pensamento onírico ser trocada por uma **expressão pictórica** e concreta. A vantagem e, conseqüentemente, o objetivo dessa troca saltam os olhos. Uma coisa pictórica é, do ponto de vista do sonho, uma coisa passível de ser representada: pode ser introduzida numa situação em que as expressões abstratas oferecem à representação nos sonhos o mesmo tipo de dificuldades que um editorial político num jornal ofereceria a um ilustrador. Mas não somente a representabilidade, como também os interesses da condensação e da censura podem beneficiar-se dessa troca.”
- **Condensação e Deslocamento:** Inconsciente, V (1915, vol. XIV).
  - o “O núcleo do Ics. consiste em representantes instintuais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo. Esses impulsos instintuais são coordenados entre si, existem lado a lado sem se influenciarem mutuamente, e estão isentos de contradição mútua.”
  - o “Não há nesse sistema lugar para negação, dúvida ou quaisquer graus de certeza: tudo isso só é introduzido pelo trabalho da censura entre o Ics. e o Pcs. A negação é um substituto, em grau mais elevado, da repressão. No Ics. só existem conteúdos catexizados com maior ou menor força.”
  - o “As intensidades catexiais [no Ics.] são muito mais móveis. Pelo processo de deslocamento uma idéia pode ceder a outra toda a sua quota de catexia; pelo processo de condensação pode apropriar-se de toda a catexia de várias outras idéias. Propus que esses dois processos fossem considerados como marcos distintivos do assim denominado processo psíquico primário. No sistema Pcs. o processo secundário é dominante.”
  - o “Os processos do sistema Ics. são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs.”
  - o “Do mesmo modo os processos Ics. dispensam pouca atenção à realidade. Estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer.”
  - o “Os processos do sistema Pcs. exibem - não importando se já são conscientes ou somente capazes de se tornarem conscientes - uma inibição da tendência de idéias catexizadas à descarga. Quando um processo passa de uma idéia para outra, a primeira idéia conserva uma parte de sua catexia e apenas uma pequena parcela é submetida a deslocamento. Os deslocamentos e as condensações, tais como ocorrem no processo primário, são excluídos ou bastante restringidos.”
  - o “Além disso, cabe ao sistema Pcs. efetuar a comunicação possível entre os diferentes
  - o conteúdos ideacionais de modo que possam influenciar uns aos outros, a fim de dar-lhes uma ordem no tempo e estabelecer uma censura ou várias censuras; também o ‘teste da realidade’, bem como o princípio de realidade, se encontram em seu domínio. A **lembrança consciente**, outrossim, parece depender

inteiramente do Pcs. Isso deve ser claramente distinguido dos **traços de memória** nos quais se fixam as **experiências do Ics.**, correspondendo provavelmente a um **registro especial** como o que propusemos (e depois rejeitamos) para explicar a relação entre as idéias conscientes e as inconscientes [ver em [1] e segs.]. Nesse sentido, também, encontramos meios para pôr termo a nossas oscilações quanto à designação do sistema mais elevado - sobre o qual até agora nos referimos de maneira indiferente, às vezes como Pcs., às vezes como Cs.”

- o “A essa altura, também não será fora de propósito fazer uma advertência contra qualquer generalização apressada a respeito do que trouxemos à luz no tocante à **distribuição das várias funções mentais entre os dois sistemas**. Estamos descrevendo o estado de coisas tal como aparece no **ser humano adulto**, no qual o sistema Ics. só atua, rigorosamente falando, como uma fase preliminar da organização mais elevada. Qual é o conteúdo e quais são as ligações desse sistema durante o **desenvolvimento do indivíduo**, e, ainda, qual a **importância que possui nos animais** - são questões sobre as quais não se pode deduzir qualquer conclusão a partir de nossa descrição: devem ser investigadas independentemente. Além disso, devemos estar preparados para encontrar nos seres humanos possíveis condições patológicas sob as quais os dois sistemas alteram, ou mesmo permutam, tanto seu conteúdo como suas características.”
- **Metáfora e Metonímia:** Roman Jakobson, “Dois Aspectos da linguagem e dois tipos de afasias”, Linguística e Comunicação
  - o Afasia como problema linguístico: “Se a **afasia** é uma **perturbação da linguagem**, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais **aspectos da linguagem** são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem. Esse problema, abordado há já muito tempo por Hughlings Jackson,<sup>1</sup> não pode ser resolvido sem a participação de linguistas profissionais **familiarizados com a estrutura e o funcionamento da linguagem**.”
  - o Duplo caráter da linguagem: “Falar implica a **seleção** de certas entidades linguísticas e sua **combinação** em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical quem fala **seleciona** palavras e as **combina** em frases, de acordo com o **sistema sintático da língua** que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum.”
  - o Todo signo linguístico implica dois modos de arranjo:
    - A **combinação**. Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa. Segue-se daí que todo agrupamento efetivo de unidades linguísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação.
    - 2) A **seleção**. Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces de uma mesma operação.

- o “A fim de delimitar os dois modos de arranjo, que descrevemos como sendo a combinação e a seleção, F. de Saussure estabeleceu que o primeiro "aparece in praesentia: baseia-se em dois ou vários termos igualmente presentes dentro de uma série efetiva", enquanto o segundo "une os termos in absentia como membros de uma série mnemônica virtual". Isto quer dizer: a seleção (e, correlativamente, a substituição) concerne às entidades associadas no código mas não na mensagem dada, ao passo que, no caso de combinação, as entidades estão associadas em ambos ou somente na mensagem efetiva. O destinatário percebe que o enunciado dado (mensagem) é uma combinação de partes constituintes (frases, palavras, fonemas etc.) selecionadas do repertório de todas as partes constituintes possíveis (código). Os constituintes de um contexto têm um estatuto de **contigüidade**, enquanto num grupo de substituição os signos estão ligados entre si por diferentes graus de **similaridade**, que oscilam entre a equivalência dos sinônimos e o fundo comum (common core) dos antônimos.
- o “É claro que os distúrbios da fala podem afetar, em graus diversos, a capacidade que o indivíduo tem de **combinar** [contexto/contigüidade] e **selecionar** [substituir/similaridade] as unidades lingüísticas e, de fato, a questão de saber qual das duas operações é principalmente afetada se revela ser de primordial importância para a descrição, análise e classificação das diferentes formas de afasia.”
- o “Toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de **seleção** e **substituição**, ou da faculdade de **combinação** e **contexto**. A primeira afecção envolve deterioração das operações metalingüísticas, ao passo que a segunda altera o poder de preservar a hierarquia das unidades lingüísticas. A relação de similaridade é suprimida no primeiro tipo, a de contigüidade no segundo. A **metáfora** é incompatível com o distúrbio da similaridade e a **metonímia** com o distúrbio da contigüidade.”
- o “A competição entre os dois procedimentos, **metonímico** e **metafórico**, se torna manifesta em **todo processo simbólico**, quer seja subjetivo, quer social. Eis por que numa investigação da **estrutura dos sonhos**, a questão decisiva é saber se os símbolos e as seqüências temporais usadas se baseiam na contigüidade ("transferência" metonímica e "condensação" sinedóquica de Freud) ou na similaridade ("identificação" e "simbolismo" freudianos).”
- o “Contudo, na maior parte dos casos, continua-se esquecendo o problema dos dois pólos, a despeito de seu vasto alcance e importância para o estudo de todos os comportamentos simbólicos, particularmente do comportamento verbal e de seus distúrbios. Qual a principal razão dessa negligência?”
- o “A similaridade das significações relaciona os símbolos de uma metalinguagem com os símbolos da linguagem a que ela se refere. A similitude relaciona um termo metafórico com o termo a que substitui. Por conseguinte, quando o pesquisador constrói uma metalinguagem para interpretar os tropos, possui elementos mais homogêneos para manejar a metáfora, ao passo que a metonímia, baseada num princípio diferente, desafia facilmente a interpretação. Eis por que nada de comparável à rica literatura sobre a metáfora pode ser citado no que concerne à teoria da metonímia. Pela mesma razão, percebe-se, em geral, que o Romantismo está vinculado estreitamente à metáfora, ao passo que fica quase sempre despercebida a íntima vinculação do Realismo com a metonímia. Não somente o

instrumento, mas o próprio objeto da análise explicam a preponderância da metáfora sobre a metonímia nas pesquisas eruditas. De vez que a poesia visa ao signo, ao passo que a prosa pragmática visa ao referente, estudaram-se os tropos e as figuras essencialmente como procedimentos poéticos. O princípio de similaridade domina a poesia; o paralelismo métrico dos versos ou a equivalência fênica das rimas impõem o problema da similitude e do contraste semânticos; existem, por exemplo, rimas gramaticais e antigramaticais, mas nunca rimas agramaticais. Pelo contrário, a prosa gira essencialmente em torno de relações de contigüidade. Portanto, a metáfora, para a poesia, e a metonímia, para a prosa, constituem a linha de menor resistência, o que explica que as pesquisas acerca dos tropos poéticos se orientem principalmente para a metáfora. A estrutura bipolar efetiva foi substituída artificialmente, nessas pesquisas, por um esquema unipolar amputado que, de maneira bem evidente, coincide com uma das formas de afasia, mais precisamente, o distúrbio da contigüidade.”

- **Inconsciente, Metáfora e Metonímia:** Lacan, A Instância da Letra

- o O sentido da letra: “Nosso título deixa claro que, para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Pondo desde logo o espírito prevenido em alerta, porquanto é possível que ele tenha de reavaliar a idéia segundo a qual o inconsciente é apenas a sede dos instintos. Mas essa letra, como se há de tomá-la aqui? Muito simplesmente, ao pé da letra. Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem. Essa definição simples supõe que a linguagem não se confunda com as diversas funções somáticas e psíquicas que a desservem no sujeito falante. Pela razão primeira de que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental.” (p. 498)
- o “Ora, a **estrutura do significante** está, como se diz comumente da linguagem, em ele **ser articulado**. Isso quer dizer que suas unidades, de onde quer que se parta para desenhar suas invasões recíprocas e seus englobamentos crescentes, estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechada.” (p. 504)
- o “Com a **segunda propriedade do significante**, de se compor segundo as leis de **uma ordem fechada**, afirma-se a necessidade do substrato topológico do qual a expressão "cadeia significante", que costumo utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis. São essas as condições estruturais que determinam – como gramática - a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e - como léxico - a ordem dos englobamentos constitutivos do significante, até a locução verbal.” (p. 505)
- o “O que essa **estrutura da cadeia significante** revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade.” (508)
- o “Basta-me, com efeito, plantar minha árvore na locução "trepar na árvore", ou projetar sobre ela a luz maliciosa que um contexto de descrição confere à palavra

"arvorar" , para não me deixar aprisionar num comunicado qualquer dos fatos por mais oficial que ele seja, e para, caso eu saiba a verdade, exprimi-la apesar de todas as censuras nas entrelinhas, pelo simples significante que podem constituir minhas acrobacias através dos galhos da árvore, provocantes a ponto de chegarem ao burlesco ou sensíveis apenas ao olhar experiente, conforme eu queira ser entendido pela multidão ou por alguns” (p. 508)

- o “A função propriamente significante que assim se desenha na linguagem tem um nome. [...]. É entre as figuras de estilo, ou trapos, de onde nos vem o verbo trouver, que se encontra esse nome, com efeito. Esse nome é **metonímia**. Da qual reteremos apenas o exemplo que dela foi dado: trinta velas. Pois a inquietação que ele provocava em nós - pelo fato de a palavra "barco" nele ocultada parecer multiplicar sua presença, por ter podido, no próprio repisamento desse exemplo, assumir seu sentido figurado - menos velava essas ilustres velas do que a definição que lhes competia ilustrar. Com efeito, a parte tomada pelo todo, dizíamos a nós mesmos, se a coisa é para ser tomada no real, não nos deixa uma grande idéia do que convém entender sobre a importância da frota que, no entanto, essas trinta velas supostamente aquilatam: um navio ter apenas uma vela é, na verdade, o caso menos comum. Onde se vê que a ligação do navio com a vela não está em outro lugar senão no significante, e que é no de palavra em palavra dessa conexão que se apóia a **metonímia**.” **NR 17: Homenagem a Jakobson.** (509)
- o “Designaremos com isso a primeira vertente do campo efetivo que o significante constitui, para que nele tenha lugar o sentido. Falemos da outra. É a **metáfora**. [...]. Digamos que a poesia moderna e a escola surrealista fizeramnos dar um grande passo nisso, ao demonstrar que qualquer conjunção de dois significantes seria equivalente para constituir uma **metáfora**, caso não se exigisse a condição da máxima disparidade entre as imagens significadas para a produção da centelha poética, ou, em outras palavras, para que tenha lugar a criação metafórica.” (510).
- o “Certo, essa postura radical fundamenta-se numa experiência dita da escrita automática, que não teria sido tentada sem o aval que seus pioneiros tiravam da descoberta freudiana. Mas ela continua marcada pela confusão, porque sua doutrina é falsa. A centelha criadora da **metáfora** não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. Uma palavra por outra, eis a fórmula da **metáfora**, e, caso seja você poeta, produzirá, para fazer com ela um jogo, um jato contínuo ou um tecido resplandecente de metáforas.” (510).
- o “A primeira cláusula, articulada logo no capítulo preliminar [Ciência dos Sonhos], posto que a exposição não pode suportar sua demora, é que o sonho é um rébus. E Freud trata de estipular que é preciso entendê-lo, como afirmei a princípio, ao pé da letra. O que se prende à instância, no sonho, dessa mesma estrutura literante (em outras palavras, fonemática) em que se articula e se analisa o significante no discurso. Como as figuras não naturais do barco sobre o telhado ou do homem de cabeça de vírgula, expressa te evocadas por Freud, as imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do "provérbio" proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que

possibilita a operação da leitura está no princípio da significância do sonho, da Traumdeutung.” (513-4)

- o “Freud encontra meios de se orientar, nessa escrita, por certos empregos do significante que se apagaram na nossa, como o emprego do determinativo, acrescentando o expoente de uma figura categórica à figuração literal de um termo verbal, mas para melhor nos remeter ao fato de que estamos numa escrita em que até o pretense " ideograma" é uma letra. **Mas não é necessária a confusão atual a respeito desse termo para que, no espírito do psicanalista sem nenhuma formação lingüística, prevaleça o preconceito de um simbolismo que deriva da analogia natural, ou então da imagem redutora do instinto.** Tanto assim que, fora da escola francesa, que evita isso, é na linha do "ver na borra de café não é ler hieróglifos" que me é preciso reconvocar a seus princípios uma técnica cujas vias, fora da visada do inconsciente, nada pode justificar.” (p. 514)
- o “A Entstellung, traduzida por **transposição**, onde Freud mostra a precondição geral da função do sonho, é o que designamos anteriormente, com Saussure, como o deslizamento do significado sob o significante, sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso. Mas as duas vertentes da incidência do significante no significado encontram-se nela.
- o A Verdichtung, **condensação**, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a **metáfora**, e cujo nome, por condensar em si mesmo a Dichtung, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta.
- o A Verschiebung ou **deslocamento** é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a **metonímia** demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura.”
- o “O que distingue esses dois mecanismos, que desempenham no trabalho do sonho, Traumarbeit, um papel privilegiado, de sua função homóloga no discurso? - **Nada**, a não ser uma condição imposta ao material significante, chamada Rücksicht aufDarstellbarkeit, que convém traduzir por "consideração para com os meios da encenação" (sendo por demais aproximativa, aqui, a tradução por "papel da figurabilidade" ).” (p. 515)
- o **“Peço desculpas por parecer estar eu mesmo soletrando o texto de Freud; não o faço apenas para mostrar o que se ganha ao simplesmente não recortá-lo, mas para poder situar em balizas primárias, fundamentais e nunca revogadas, o que aconteceu na psicanálise. Desde a origem, desconheceu-se o papel constitutivo do significante no status que Freud fixou de imediato para o inconsciente, e segundo as mais precisas modalidades formais. E isso por duas razões, das quais a menos percebida, naturalmente, é que essa formalização não bastava, por si só, para que se reconhecesse a instância do significante, já que, quando da publicação da Traumdeutung, antecipava-se em muito às formalizações da lingüística, para as quais sem dúvida poderíamos demonstrar que, por seu simples peso de verdade, ela abriu caminho. A segunda razão, pensando bem, é apenas o avesso da primeira, pois, se os psicanalistas ficaram exclusivamente fascinados com as significações destacadas no inconsciente, foi por elas retirarem seu atrativo mais secreto da dialética que lhes parecia imanente.”** (p. 516).

o “A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o **inconsciente** não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações. Sua presença na ordem psicológica, ou, em outras palavras, nas funções de relação do indivíduo, merece um esclarecimento, contudo: ela de modo algum é coextensiva a essa ordem, pois sabemos que, se a motivação inconsciente se manifesta tanto em efeitos psíquicos conscientes quanto em efeitos psíquicos inconscientes, inversamente, é um lembrete elementar assinalar que um grande número de efeitos psíquicos que o termo inconsciente designa legitimamente, a título de excluir o caráter da consciência, nem por isso deixa de ter alguma relação, por sua natureza, com o inconsciente no sentido freudiano. É somente por um **abuso terminológico**, portanto, que se confunde o psíquico com o inconsciente nesse sentido, e que assim se qualifica de psíquico um efeito do inconsciente no somático, por exemplo. Trata-se, pois, de definir a **tópica** desse inconsciente. Digo que é justamente ela que se define pelo algoritmo S/s O que ele nos permitiu desenvolver sobre a incidência do significante no significado ajusta-se a sua transformação em: f (S).I/s . Foi da co-presença, no significado, não só dos elementos da cadeia significante horizontal, mas de suas contigüidades verticais, que mostramos os efeitos, distribuídos, de acordo com duas estruturas fundamentais, na metonímia e na metáfora.” (518-9)

o “Podemos simbolizá-las por:  $f(S...S') S \cong S (-) s$  ou seja, a **estrutura metonímica**, indicando que é a conexão do significante com o significado que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta. O sinal -, colocado entre ( ), manifesta aqui a manutenção da barra -, que marca no primeiro algoritmo a irreducibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação.” (p. 519).

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S (+) s$$

o “Eis agora a **estrutura metafórica**, que indica que é na substituição do significante pelo significado que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão? O sinal +, colocado entre ( ), manifesta aqui a transposição da barra -, bem como o valor constitutivo dessa transposição para a emergência da significação. Essa transposição exprime a condição da passagem do significante para o significado, cujo momento assinalei, mais acima, confundindo-o provisoriamente com o lugar do sujeito.” (p. 519)

### Anotações posteriores

Fizemos um debate sobre o conceito de repressão primeva, recalque primevo, no Freud em relação ao recalque originário no Lacan. Dali destaco duas citações:

“Temos motivos suficientes para supor que existe uma repressão primeva, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então,

o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele.” Freud, “Repressão” (1914, vol. XIV).

“Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, que exige todos os fracassos que a metalinguagem constitui no que ela tem falsa aparência, é propriamente o lugar do *Urverdrangung*, do recalque originário que atrai para si todos os outros – sem contar outros efeitos de retórica, para o conhecimento dos quais dispomos tão-somente do sujeito da ciência.” (p. 882, Escritos).

Pudemos debater sobre essas diferenças e surgiram questões como:

Freud fala sobre representações e em sua teoria a pessoa vive pressionada por seu psiquismo, num conflito entre a busca pela satisfação pulsional e a repressão dos representantes psíquicos. É um sujeito pressionado. Independentemente da tradução, o recalque originário diz respeito ao que foi proibido de ser acessado à consciência e foi fixado no *Ics*, continuando inalterado, e todos os demais recalques são atraídos por esse, refazendo o trabalho de repressão. A proposta clínica freudiana visava auxiliar a pessoa a traduzir esses representantes inconscientes em pensamentos conscientes por meio da associação livre e do trabalho de interpretação, e, com isso, produzir uma redução dos sintomas produzidos em função da pressão e de outros aspectos da pulsão – sintomas, atos falhos, chistes, sonhos etc, são derivados do *Ics* que visam satisfazer a pulsão em um acordo psíquico.

Lacan fala sobre significantes e em sua teoria um sujeito está representado entre significantes, que constituem uma cadeia simbólica e giram em torno de um furo central, o recalque originário. O sujeito é um efeito do discurso. O recalque originário não diz respeito à uma proibição, mas à própria falta de um significante último que consistisse de forma cristalizada a cadeia simbólica. Um significante recalcado não foi proibido de ter acesso à consciência – como uma ideia o é na teoria de Freud -, mas encontra-se articulado de tal maneira na cadeia significante que não produz outros efeitos de significação, está amarrado e consistido de forma patologizante. A proposta clínica lacaniana visava intervir sobre esses significantes, produzindo o efeito do bucle da banda de Moebius, que nos ajuda a pensar que um significante, estando em dois lados da banda, pode ter significações distintas a depender de que relações entre tem com outros significantes. Longe de se tratar de uma redução dos sintomas, trata-se de rearranjar os significantes que constituem este sintoma enquanto tal, já que ele é um símbolo. Tampouco se trata de procurar o reprimido perguntando “o que está por trás” do que é dito, mas de fazer ecoar o que é dito para além de sua consistência.

No meio do debate uma fala me chamou atenção: Para pensarmos no recalque originário em Freud a gente precisa ter um esquema do aparelho psíquico que ele propôs e considerar a metapsicologia, os pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico. Acredito que esse é um ponto crucial pois, quando Lacan propõe falar do *urverdrangung* como a falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, ele já não fala dessa definição no mesmo contexto teórico que Freud estava e, tal como um significante fora de uma cadeia, é vazio de significação, e somente com outros ganha uma significação, o significante *urverdrangung* tem uma significação distinta na cadeia significante da teoria freudiana e da teoria lacaniana.

Outra pergunta que se fez: O sujeito é uma invenção? Ou seja, ele não está lá, ele é posto a partir da posição do analista diante do discurso do analisando. Lembrei-me de Michele Romain

Pensei na sequencia de irmos às definições de condensação e deslocamento para pensarmos suas diferenças e relações em relação à metáfora e a metonímia.

## 18º Encontro

### Convite:

No encontro anterior nós fizemos um debate sobre a definição de Recalque Originário (Urverdrängung) em Freud para pensarmos como Lacan o trabalhou no (con)texto de “A Ciência e a Verdade”.

Dentre os vários comentários, eu destaco um: “Para pensar no recalque originário em Freud a gente precisa ter um esquema do aparelho psíquico que ele propôs e considerar a metapsicologia, os pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico”. Esse me parece ser um aspecto crucial para entendermos a transposição que Lacan fez.

Longe da metapsicologia freudiana, na qual o Recalque Originário foi teorizado considerando a relação dinâmica entre os sistemas que configuram a topografia do aparelho psíquico em função da mobilidade pulsional e da fixação das representações, o arcabouço que Lacan propôs contém a verdade e sua dependência da fala, a estrutura da linguagem no inconsciente, a falta do verdadeiro e o fracasso da metalinguagem. Assim, o Recalque Originário se distanciou da proibição psíquica presente no campo freudiano e se aproximou da impossibilidade lógica no campo lacaniano.

Dando sequência à nossa leitura, hoje, 23/11, às 19h30, nós compartilharemos trechos das obras de Freud, Jakobson e Lacan para pensarmos nas definições dos processos de condensação e deslocamento das representações e das funções significantes da metáfora e metonímia. Isso nos ajudará a caminhar no texto lacaniano. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações posteriores

Fizemos a leitura dos trechos das obras de Freud e de Lacan para pensarmos nas definições de condensação, deslocamento, metáfora e metonímia. A condensação é um processo que aglutina representações de coisas ou palavras, tornando-se figuras coletivas/compostas ou neologismos e apropriando-se de toda a catexia dessas várias representações. O deslocamento despoja a catexia de elementos psíquicos de alto valor e cria novos valores a partir de elementos de baixo valor psíquico, assim, uma representação cede toda sua catexia a outra. Além disso, o deslocamento é um dos principais métodos pelos quais a distorção do desejo do sonho se produz para burlar a censura. Juntos com a consideração à representabilidade e a sobredeterminação eles são os fatores de formação dos sonhos.

Ao passar para sua teoria, Lacan propôs tratar o inconsciente estruturado como uma linguagem e submetido às leis do significante (diferenciais e articulados em cadeia). Os significantes produzem dois efeitos em sua articulação, o metonímico e o metafórico. Indo além da linguística, Lacan propõe que a metonímia não se trata de uma palavra como parte de um todo, uma coisa (vela-barco) mas de uma palavra relacionado a outra palavra por conexão (vela-frota de barcos), logo, de palavra em palavra, conectando significantes e transportando a significação nesse deslizamento, é a forma da metonímia

– relativa ao deslocamento na obra freudiana - e é o que Lacan diz que Freud apresentou como o que despista a censura.

Já a metáfora se trata de um significante que substitui outro e assume seu lugar na cadeia, fazendo o anterior ocultar-se nesta e manter uma conexão metonímica com o resto da cadeia. Assim, um significante substitui o outro, que se torna o significado desse significante. Uma palavra trocada por outra produz o efeito metafórico e poético. Aqui Lacan o articulou à condensação proposta por Freud, dizendo ser a metáfora a estrutura de superposição dos significantes.

Ao longo dessas apresentações pudemos conversar sobre as diferenças e proximidades das obras, e eu falei sobre como eu entendo esse movimento de Lacan: ele não refutou a teoria freudiana, que, claramente, é distinta da dele. Ao invés disso, ele elogiava Freud, dizia que o que está falando estava em Freud, embora descartasse grande parte daquilo que Freud disse. Toda a metapsicologia freudiana foi desconsiderada para falar de metáfora e metonímia. O que restou foi o processo lógico de substituição (que Freud falava por aglutinação ou semelhante) e o de conexão (que Freud falava de transferência da intensidade psíquica, catexia). Ou seja, Lacan leu os processos psíquicos de condensação e deslocamento especificamente como efeitos do significante a partir de seu arcabouço estrutural.

A partir disso, eu levantei a pergunta de por que será que Lacan precisou agir dessa maneira de não de outra. Por que ele precisou salvar Freud a cada novo momento que escolhia seus conceitos para trabalhar, e, juntamente, abandonar a Freud quanto à teoria que aquele construira para pensar esses mesmos conceitos? De todo modo isso fez reavivar a Freud na psicanálise francesa, e tornou Lacan o pai de Freud, que deu a luz Freud, ou seja, não dá para pensar em Freud sem Lacan ou Lacan sem Freud, diferentemente de Anna Freud, Melanie Klein, Winnicott etc.

Foi aí que lembrei-me de um trecho em que ele diz “Peço desculpas por parecer estar eu mesmo soletrando o texto de Freud” e voltei a essa questão de como é possível que ele tenha agido dessa forma. Voltando a falar de como ele transpôs a condensação para a metáfora e o deslocamento para a metonímia, eu falei a “condenação” e então pude marcar que essa é a postura que eu estava tendo ali, já que ali eu fazia uma condenação da forma como Lacan leu Freud no que diz respeito a retirar dele elementos lógico-estruturais e abandonar sua teoria.

No próximo encontro faremos um fechamento desse debate e uma conversa sobre como foi a caminhada da leitura nesse ano.

Condenação

## 19º Encontro

### Convite:

No começo do ano eu propus para a leitura o intuito de destrinchar o texto “A Ciência e a Verdade” com paciência, na medida dos encontros com os furos no saber e as dificuldades de compreensão, para acessarmos o que Lacan trabalhou e os autores com os quais dialogava.

Nesse ínterim nós caminhamos por parte de seu texto e cerca de vinte e oito autores nos debruçando sobre assuntos como a divisão do sujeito entre a verdade e o saber, o modelo topológico da banda de Moebius, o interesse na filosofia da ciência de Alexandre Koyré e na proposição do cogito de Descartes, a filiação de Freud ao espírito científico de sua época e a discordância com Jung, a posição do analista na formulação "Por nossa posição de sujeito", as releituras do "Wo es war" freudiano e do problema da dupla inscrição a partir do conceito de Estrutura, e a noção de causa em Psicanálise e sua relação com a Coisa.

Assim, levantamos questões e inquietações sobre o texto e o posicionamento de Lacan na Psicanálise e diante da obra freudiana. Hoje, 07/12, eu convido vocês para conversarmos a partir das 19h30 e pensarmos no que se transmitiu e restou nesse trajeto, e depois relançarmos no próximo ano. Até lá!

Flávio Mendes

### Anotações prévias:

Meu intuito com a leitura é o de destrinchar o texto com paciência, na medida dos encontros com os furos no saber e as dificuldades de compreensão, para conhecer as questões que Lacan demarcou, os autores que citou e os encaminhamentos que propôs.

Faço a aposta de que, em meu percurso, a leitura contribuirá no estudo da noção de sujeito e da posição de Lacan diante da ciência, e de que para a Escola suscitará novos problemas e inquietações para trabalharmos.

Qual estrutura serviria para tratar o sujeito, dividido entre verdade e saber, e a clivagem do Eu em Freud

Relação de Lacan com o trabalho de Koyré

A posição do sujeito como um equivalente à postura de Descartes de rechaçar o saber, pô-lo em questão e ancorar-se no ser, e o modelo topológico para o sujeito, a banda de Moebius, divisão entre verdade e saber, em distinção ao modelo do Eu e o Isso. “o eu não é senhor em sua própria casa” + “fortalecer o eu [...] de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do isso”

Relação de Freud com a ciência de sua época, sua filiação científica, e distinção da filiação de Lacan;

Sobre o saber: crítica ao conceito de arquétipo para apontar que o sujeito não é arquetípico, não está ligado a uma organização psíquica basal impresso na constituição psíquica em função de repetidas experiências, mas comparece pontualmente na relação entre significantes

Posição de sujeito, “nossa posição de sujeito”: Não estaria, Lacan, propondo aos analistas a responsabilidade de posicionar o Sujeito em sua práxis e de sustentar seu status teórico-clínico, diferentemente de propor a responsabilidade individual por nossa própria posição subjetiva, como muitas vezes escutamos?; compreensão da frase “wo es war, soll ich werden” e o problema da dupla inscrição da ideia; a psicanálise não implica outro sujeito senão o da ciência, e causa em psicanálise: paradoxo do imperativo que me pressiona a assumir minha própria causalidade; pensamento vinculado à fala, fala apoiando-se na causa, causa remetendo ao Isso que, pela operação da linguagem, assume sua própria causalidade como Sujeito; causa, repetição, coisa, verdade; Partilha dos conceitos de inconsciente, condensação, deslocamento, recalque primevo e das ding, comparando com inconsciente estruturado como uma linguagem, metáfora, metonímia, furo do simbólico e a coisa

Contexto da obra freudiana e contexto da obra lacaniana. Lacan pede confiança em sua técnica de leitura, o crivo que propôs para reler a obra freudiana; aproximações e afastamentos entre as duas obras; leitura de uma obra a partir de outro autor ou a partir do contexto do próprio autor; haveria continuidade teórica entre suas obras (processos primários; sujeito do inconsciente em ambas as teorias)?; conceitos lacanianos seria equivalentes, complementares ou suplementares aos freudianos e vice-versa? Freud e a psicologia profunda, Lacan e a crítica à psicologia e à ida às ciências conjecturais – as cilências válidas, diante de nosso silêncio frente a elas (linguística, lógica, teoria dos jogos); o trabalho retificador do texto de Freud se deu não estudando seu texto, mas a partir de outros; transposição das questões freudianas situadas na biologia e na psicologia profunda para uma nova teorização considerando a linguística, a lógica e a topologia

A partir disso, eu levantei a pergunta de por que será que Lacan precisou agir dessa maneira de não de outra. Por que ele precisou salvar Freud a cada novo momento que escolhia seus conceitos para trabalhar, e, juntamente, abandonar a Freud quanto à teoria que aquele construía para pensar esses mesmos conceitos? De todo modo isso fez reavivar a Freud na psicanálise francesa, e tornou Lacan o pai de Freud, que deu a luz Freud, ou seja, não dá para pensar em Freud sem Lacan ou Lacan sem Freud, diferentemente de Anna Freud, Melanie Klein, Winnicott etc.

Foi aí que me lembrei de um trecho em que ele diz “Peço desculpas por parecer estar eu mesmo soletrando o texto de Freud” e voltei a essa questão de como é possível que ele tenha agido dessa forma. Voltando a falar de como ele transpôs a condensação para a metáfora e o deslocamento para a metonímia, eu falei a “condenação” e então pude marcar que essa é a postura que eu estava tendo ali, já que ali eu fazia uma condenação da forma como Lacan leu Freud no que diz respeito a retirar dele elementos lógico-estruturais e abandonar sua teoria.

## Retomada da Leitura em 2022

Ano passado eu propus a leitura “O Sujeito e a Vocação de Ciência da Psicanálise” para trabalhar o texto “A Ciência e a Verdade” e acompanhar o trilhamento de Lacan nessa primeira lição do Seminário 13, “O Objeto da Psicanálise”.

Nesse novo ano eu pretendo ir até o final do texto acompanhando-o no programa de, a partir da concepção da “Causa”, pensar a posição do Sujeito em sua divisão entre Verdade e Saber nos campos da Magia, da Religião, da Ciência e da Psicanálise.

A leitura me ajudou bastante pois alguns pontos que Lacan trabalhou são fonte de uma crise importante devido ao meu interesse mútuo e, até então, inconciliável por Psicanálise e Ciência. Eu falei desse assunto na Carta-Relatório que encaminhei à Escola e espero fazer um bom uso dessa crise para continuar o trabalho.

Me identifico com algo que Lacan trouxe no texto e me parece ser sua intenção nessa parte final: para além da crise que se produz no campo de uma Física ou de uma Matemática “Existe o drama, o drama subjetivo que cada uma dessas crises custa. Esse drama é o drama do cientista.” (Escritos, p. 884).

Então, para trabalharmos os assuntos da Causa e da Crise, eu convido vocês a estarem comigo na leitura que acontecerá nas terças-feiras, quinzenalmente, entre 19h30 e 21h, pelo Zoom, com início em 15/03. Até breve!

Flávio Mendes

Nesse percurso de pouco mais da metade do texto, Lacan já mencionou cerca de vinte e oito autores e tratou de assuntos como a divisão do Sujeito entre verdade e saber, o modelo topológico da banda de Moebius, o interesse pela filosofia da ciência de Alexandre Koyré e no cogito cartesiano, a filiação de Freud ao espírito científico, a posição do analista na formulação “Por nossa posição de sujeito”, suas soluções inspiradas no Estruturalismo para o “Wo es war” freudiano e o problema da dupla inscrição, e a noção de causa em Psicanálise e sua relação com a Coisa.

## 20º Encontro

### Convite:

Neste primeiro encontro da leitura em 2022 eu gostaria de recapitular alguns temas que Lacan tratou na primeira parte do “A Ciência e a Verdade” e que culminam agora na discussão da Causa, que ele apontou diretamente aos e às analistas: “isso que vocês fazem tem o sentido de afirmar que a verdade do sofrimento neurótico é ter a verdade como causa?” (Escritos, p. 885).

Esse questionamento proveniente de um programa estrutural, que articulava Sujeito, Verdade e Saber à cadeia significante e situava-os topologicamente na banda de Moebius, Lacan o transpôs para os campos da Magia, da Religião e da Ciência, que, tal como a Psicanálise, invocam a Verdade.

Eu gostaria, então, de que nesse primeiro encontro nós possamos conversar sobre a caminhada da leitura e as questões e os interesses de quem se aproxima para começar ou continuar sua caminhada nesse texto que encerra os Escritos.

Aguardo vocês nesta terça, 15/03, de 19h30 às 21h. Até mais!

Flávio Mendes

### O Encontro:

- Não há verdade da verdade, uma verdade última – texto de A Coisa Freudiana
- A verdade é um tema mais lacaniano que freudiano, pois em Freud se trata de trazer algo do inconsciente para a consciência e no Lacan não
- Lacan trabalha com a banda de Moebius, e ela permite pensar no deslizamento significante
- Discutimos o conceito de recalque nas obras de Freud e de Lacan, pois em Freud não se trata de liberar algo reprimido, mas por algo que não se situa na articulação significante, o que aponta para o Real
- A função mais digna de ser enfatizada na fala é de disfarçar o pensamento e buscar a verdade – exemplo das 30 velas no Instância da Letra, metonímia
- A diferença do inconsciente recalçado e do inconsciente estruturado como uma linguagem, no sentido do inconsciente não estar à espera para ser revelado, mas dele ser estruturado no contexto da análise
- Fiz um resumo do encontro e nos pegamos em alguns pontos: existe conflito entre os registros tal como há conflito entre o Eu e o Isso? E o recalque se produz da mesma maneira no psiquismo freudiano e nos registros lacanianos? (deixamos como questão para que cada pessoa possa pensar a respeito disso)
- A diferença da Coisa e do Númeno que chega no ponto da verdade que age e causa todo efeito na análise (e, por isso, ter estrutura de ficção, ser semi-dita, ser uma verdade mentirosa, mas que causa, funciona de mola propulsora), em distinção à verdade enquanto objeto do saber que pode ser identificado
- A pergunta de Lacan: “Se existem praticantes para quem a verdade como tal supostamente age, não são vocês?” (p. 883).

## 21º Encontro

### Convite:

No encontro anterior recapitulamos a caminhada do ano passado, conversando sobre vários assuntos: a ênfase na discussão sobre a Verdade na obra lacaniana em relação à freudiana; a concepção do Sujeito dividido entre Verdade e Saber e indicado na topologia da Banda de Moebius; os conceitos de Recalque nas obras de Freud e de Lacan; a proposição lacaniana da Verdade enquanto Causa (Coisa) em distinção à Verdade enquanto objeto do saber (númeno).

Esses assuntos convergem para a discussão que Lacan continuou em seu programa estrutural para dizer que junto com as revoluções do pensamento e os avanços das crises científicas produz-se a consciência errante, o drama subjetivo.

Hoje, 22/03, entre 19h30 e 21h, continuaremos refletindo sobre essas elaborações, que servirão a Lacan para situar os campos da Magia, da Religião, da Ciência e da Psicanálise. Aguardo vocês!

Flávio Mendes

### O Encontro:

Lacan fez duas perguntas aos analistas: “A verdade como causa, irão vocês, psicanalistas, recusar-se a assumir sua questão, quando foi a partir disso que se alçou sua carreira? Se existem praticantes para quem a verdade como tal supostamente age, não são vocês?” (p. 883). Esse ponto é velado na ciência e é por isso que os analistas conservam seu lugar espantosamente preservado no que faz as vezes de esperança, na consciência errante que acompanha em conjunto as revoluções do pensamento”. (p. 884):

"Não duvidem de que é por esse ponto [a verdade como causa] ser velado [recusado? não realizado] na ciência que vocês [psicanalistas] conservam esse lugar espantosamente preservado [de escutar o que é desvelado?] naquilo que faz as vezes de esperança [?], na consciência errante [perdida, que se lança; quixotesca?; drama subjetivo?] que acompanha em conjunto as revoluções do pensamento [crise científica?]."

Faz então uma separação de poderes entre a verdade como causa e o saber posto em prática, dando a entender que ambas implicam um certo movimento, mas distintamente, em meio às falas difíceis de entender sobre Lenin e a teoria marxista, embora fique à impressão de que ele faz diferença entre a teoria enquanto saber e a verdade, de outro lado.

Então abre um aspecto singular que diz que não desenvolverá, de que a ciência não tem memória pois esquece as peripécias em que nasceu após constituída, o que me fez lembrar do Mundo 3 em Popper. Diferentemente, a psicanálise exerce essa dimensão da verdade em alto grau.

Todo esse trecho trouxe bastante estranhamento e dificuldade. Lacan passou da crise na física e na matemática para o drama subjetivo: “Sabemos que a teoria física ou matemática, após cada crise resolvida [...] muitas vezes conserva em sua classe o que ela generaliza em sua estrutura precedente. Não é isso que estamos dizendo. Existe o drama, o drama subjetivo que cada uma dessas crises custa. Tem suas vítimas, das quais nada diz que seu destino se inscreva no mito de Édipo. [...] não vou fazer a lista de laureados desses dramas que às vezes chegam à loucura, onde logo surgiriam nomes de pessoas vivas: onde considero que o drama do que se passa na psicanálise é exemplar. E afirmo que ele próprio não pode aqui incluir-se no Édipo, exceto para questioná-lo.” (p. 884).

Que programa é este que ele diz esboçar? Que diferença está fazendo entre a revolução do pensamento e suas crises, de um lado, e, de outro, do drama subjetivo, das quais nada diz que seu destino se inscreva no mito de Édipo. Mito... estrutura do mito? Mito individual do neurótico?

A partir daqui ele segue para transpor para outros campos, da Magia, da Religião e da Ciência. Ficamos com o ponto: “para o sujeito da ciência, ambas [magia e religião] não passam de sombras, mas não para o sujeito sofredor com quem lidamos.” (p. 885).

## 22º Encontro

### Convite:

Lacan fez duas provocações no trecho que lemos no último encontro: “A verdade como causa, irão vocês, psicanalistas, recusar-se a assumir sua questão, quando foi a partir disso que se alçou sua carreira? Se existem praticantes para quem a verdade como tal supostamente age, não são vocês?” (p. 883). Ele distinguiu a “verdade como causa” do “saber posto em prática” questionando o lugar da teoria frente à verdade e apontando o âmbito no qual os analistas agem.

A partir daí, abriu um caminho dizendo que a ciência esquece as peripécias em que nasceu, sendo a memória uma dimensão da verdade exercida em alto grau pela psicanálise, e, que nas crises ocorridas numa física ou matemática, existe o drama subjetivo que elas custam, o drama do cientista, que tem suas vítimas “das quais nada diz que seu destino se inscreva no mito de Édipo” (p. 884). Estaria ele apontando para a constituição subjetiva ao mencionar J. R. Mayer e George Cantor e falar da loucura? Deixemos como questão.

De todo modo, foi assim que Lacan esboçou um programa que passará a transpor aos campos da Magia, da Religião e da Ciência, debate importante para a Psicanálise, principalmente nos tempos atuais.

Convido vocês a estarem conosco hoje, 05/04, entre 19h30 e 21h, para acompanharem e contribuírem com essa caminhada.

Flávio Mendes.

### Encontro:

Começamos nesse programa que Lacan está propondo seu programa para pensar a Magia, a Religião e a Ciência. Indica que esses campos, juntos à Psicanálise, invocam a verdade. Magia seria uma ciência falsa ou menor, e Religião teria um conflito de verdade com a Ciência. Ambos, para o Sujeito da Ciência, são apenas sombras, mas não para o Sujeito Sofredor com quem lidamos.

Parte então da fenomenologia para dizer que ela chega à contraverdade: “a verdade da dor é a própria dor”, ou seja, a verdade é imanente ao fenômeno, sendo inultrapassável, e isso é bem o contrário do que veio falando sobre a Coisa tomar a palavra e dizer “eu, a verdade, falo”, ou seja, situar-se na estrutura da linguagem.

Propõe então sua apresentação sobre a Magia: Nela o significante responde como tal ao significante, o significante da natureza é invocado pelo significante do encantamento, é metaforicamente mobilizado. “Raios! Trovões! Wu!”. Não se trata de haver significantes na natureza, mas de que a estrutura da operação impõe que o que virá da natureza será escutado como significante, assim, a Coisa responde às objurgações.

Nessa operação há uma redução que negligencia o sujeito. Será por ele não comparecer como dividido, já que o xamã deve servir de suporte corpóreo à operação? O xamã de carne e osso faz parte da natureza, mas o sujeito correlato não, e a preparação do sujeito

xamanizante é essencial, a operação precisa coincidir com esse suporte. Haveria brecha para o sujeito dividido, o sujeito da ciência dividido entre verdade e saber?

Pelos significantes da natureza serem mobilizados pelos significantes do encantamento, se nota que é a mobilização que está em questão nessa modalidade da verdade como causa, logo, a verdade como causa sob seu aspecto eficiente.

Daí algumas consequências: 1) o efeito da demanda tem que ser interrogado para verificar se encontramos a relação com o desejo presente no grafo (do desejo?); 2) para se qualificar a dizer algo sobre a magia, o recurso à analogia é grosseiro e insuficiente, sendo necessário outro (estrutural?); 3) a magia é sempre sexual, mas não basta para autorizá-lo (quem?); 4) a verdade comparece sob seu aspecto de causa eficiente; 5) o saber é velado e dissimulado para o sujeito da ciência tanto na tradição operatória quanto em seu ato – é condição da magia.

Nesse dia pudemos pensar sobre alguns exemplos sobre a estrutura significante, distinguindo a verdade na estrutura da linguagem e a verdade no fenômeno. Fomos pensando nessa estrutura do sujeito dividido entre verdade e saber, como isso implicaria pensar o funcionamento da operação da magia, já que o sujeito não parece comparecer dividido, tendo em vista o possível encaixe do xamã com o sujeito correlato na operação xamanizante. Sempre vai aparecendo a distinção entre sujeito e pessoa.

Aqui parece que Lacan fez sua análise da analogia de Lévi-Strauss entre o xamã e o psicanalista, no sentido de que o analista não é um xamã moderno, mas algo diferente, já que invoca a verdade sob outro aspecto. Daí se nota que o psicanalista freudiano – usado na analogia – e o analista lacaniano são distintos em sua forma de lidar com a operação.

## 23º Encontro

### Convite:

No encontro passado nós iniciamos o programa de Lacan para pensar a Magia, a Religião e a Ciência, campos que invocam a verdade além do psicanalítico. Parecendo responder à comparação do xamã e o psicanalista, feita por Lévi-Strauss em “O Feiticeiro e sua Magia”, Lacan disse que na Magia o significante na natureza responde ao significante do encantamento por ser metaforicamente mobilizado.

Como esbravejava Dr. Victor, de Castelo Rá-Tim-Bum: “RAIOS E TROVÕES!” <CABRUUUUM>. Daí Lacan dizer que a Magia é a verdade como causa eficiente, mobilizada, elaboração que depende da diferença entre a verdade situada na estrutura simbólica e a verdade como aproximação a uma realidade fenomenológica.

Não se trata dos significantes estarem “naturalmente” na natureza, mas de que a “estrutura” da operação impõe o que é e/ou virá, por isso a Coisa responde à mobilização. Para isso, o sujeito da operação deve coincidir com o suporte corpóreo que é o xamã de carne e osso, que faz parte da natureza.

No entanto, Lacan disse que essa operação negligencia o sujeito. Mas, por que? Será por ele não comparecer dividido, já que o xamã serve de suporte/sub-portare? Não haveria brecha no sujeito dividido? Como isso nos ajuda a pensar a Psicanálise e sua clínica?

Hoje, 26/04, de 19h30 às 21h, nós continuaremos a leitura com Lacan abordando a Religião em seu programa. Convido vocês a estarem conosco nessa caminhada!

Flávio Mendes

### Encontro:

Em seu programa Lacan entende que para o sujeito xamânico a verdade comparece como causa eficiente, e o saber é dissimulado, sendo importante interrolgar o efeito da demanda para verificar se nele se encontra a relação com o desejo. Afinal, o quanto o xamã precisa investir nessa empreitada para que se produza a eficácia de sua ação, a eficácia simbólica? O xamã em seu ato não questiona a demanda daqueles que lhe buscam, apenas realiza seu ato simbólico para que sua operação se realize.

De outro modo, o sujeito religioso, para Lacan, retomando Freud, experimenta a operação cujos mecanismos são aqueles da neurose obsessiva. A verdade é incumbida a Deus, e o sujeito religioso deixa de acessá-la, experimentando-a num status de culpa. Por isso, produz-se também uma desconfiança em relação ao saber, ao saber do que, do desejo, da sexualidade? Assim, a verdade, ao ser incumbida a Deus, aparece como causa final, reportada ao juízo final, à escatologia. A demanda do sujeito religioso é submetida ao desejo suposto de um Deus e, nesse sentido, ele se põe na posição de seduzi-lo para ser amado.

Em ambos os campos, a demanda não é posta em questão. Ela ou é realizada ao outro ou é submetida ao Outro.

## 24º Encontro

### Convite:

Articulando os conceitos de Sujeito, Verdade, Saber, Demanda e Desejo, Lacan veio tratando dos campos que invocam a Verdade.

Para pensar a Magia ele voltou à Lévi-Strauss propondo que nesta a verdade comparece como causa eficiente para o sujeito xamânico, o saber é dissimulado e o efeito da demanda precisa ser interrogado para verificar a relação com o desejo. O xamã de carne e osso opera o ato simbólico como suporte corpóreo do sujeito da operação sem questionar a demanda.

Quanto à Religião (cristã, importante situar), ele lembrou Freud ao comparar sua operação aos mecanismos da neurose obsessiva. Assim, a verdade é incumbida a Deus e aparece como causa final reportada ao fim dos tempos e, por isso, o sujeito religioso a experimenta num status de culpa. Juntamente, ele desconfia do saber e tem sua demanda submetida ao desejo suposto de Deus, a quem deve seduzir para ser amado.

Pensar Magia, Religião e Ciência a partir da estrutura do Sujeito em sua relação com a Verdade, o Saber, a Demanda e o Desejo pode nos auxiliar a situar o lugar da Psicanálise na sociedade e na clínica.

Hoje, 10/05, entre 19h30 e 21h, nós continuaremos o programa apresentado por Lacan, tratando da Religião e da Ciência. Até lá!

Flávio Mendes

### Encontro

Dando um passo acerca da religião, Lacan fala de Deus para apreender a relação do sujeito com a verdade como causa, tendo em vista que os concílios e a literatura dos padres traz algo não do obscurantismo, mas de um racionalismo importante. Para ele, “se existe fantasia, é o mais rigoroso sentido da instituição de um real que cobre a verdade”, e isso se trata de Deus, que é trinitário e uno. Aqui ele aponta que é a necessidade da articulação desse mistério que é saudável para o pensamento, e que essas elaborações podem ser tratadas em termos topológicos. Menciona então Santo Agostinho e sua obra A Trindade, que faz uma elaboração com características de uma obra teórica passível de tomar como modelo para tratar a relação entre Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo como três e Um. Uma menção ao seminário O Nome do Pai nos faz pensar que o les nons dupe-errent é a retomada dessa trindade, mas agora a partir de seu nó borromeano, que é trinitário e uno.

## 25º Encontro

### Convite:

No último encontro, nós lemos a proposta de Lacan para que os analistas aprendessem sobre a estrutura da relação do sujeito com a verdade na literatura dos padres devido ao seu racionalismo. Nestas se percebe que “Se existe fantasia, é no mais rigoroso sentido da instituição de um real que cobre a verdade” (p. 887). Na sequência, ele citou “A Trindade”, de Agostinho, que tem características de uma obra teórica e poderia ser tomada como modelo. Cabe conhecer:

“Algumas pessoas ficam confusas quando ouvem falar que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, ou seja, a Trindade, não são três deuses, mas um só Deus. E procuram entender como isto seja possível, principalmente quando se diz que a Trindade atua inseparavelmente em tudo o que Deus faz. No entanto, a voz do Pai, que se ouviu, não é a voz do Filho; somente o Filho nasceu, padeceu e ressuscitou e subiu aos céus; e somente o Espírito Santo apareceu em forma de pomba. Querem compreender como aquela voz somente do Pai, pode ser operação da Trindade; como aquela carne, na qual somente o Filho nasceu, a mesma Trindade a criou; como aquela forma de pomba, na qual somente o Espírito Santo apareceu, tenha sido operação da Trindade.” (Agostinho, A Trindade, Livro 1, Cap. 5).

Apresentação fascinante sobre a trindade religiosa que deixa algo no ar: Para além desse modelo elogiado por Lacan, de qual outro ele se apropriou para mostrar que três instâncias distintas formam uma unidade?

Hoje, 24/05, entre 19h30 e 21h, nós continuaremos o texto para conhecer como Lacan propôs a estrutura das relações da Ciência e da Psicanálise com a verdade como causa. Até lá!

Flávio Mendes

### Relato:

Dando continuidade ao seu debate, Lacan diz que há a ciência psicanalítica deve ser interrogada sobre o aspecto de que a ciência se sustenta: ela não quer-saber-nada da verdade como causa, na medida em que não quer-saber-nada sobre o Nome-do-Pai. Debate delicado e denso, Lacan retoma a concepção da forclusão para reconhecer nela algo que se opera, assim como na magia se reconheceria de passagem o recalque, e na religião, a denegação. Operações que se estruturam em uma série fechada – não confundir com o desmentido -, apontando formas de negar o Nome-do-Pai.

Se a psicanálise fosse chamada a fazer essa função se produziria uma paranoia bem-sucedida, talvez na medida em que esta seria a operação em questão. Mas, diferentemente, a psicanálise é aquela que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai. Isso nos fez retomar a discussão do NP e a densa elaboração que Lacan fez do algoritmo do Significante e as fórmulas da metáfora e da metáfora paterna presentes na Instância da Letra.

Enquanto na Ciência a verdade como causa comparece em seu aspecto de causa formal, separada da consideração do Nome-do-Pai, comunicando um saber sem Sujeito, a Psicanálise acentua o aspecto da causa material, a forma de incidência do significante. Este age separado de sua significação e carrega um traço literal que os separa, e especifica o falo como significante que surge fora dos limites da maturação biológica do sujeito, e não representa o sexo do parceiro, seu signo biológico. Daí pensarmos como a teoria de Lacan aponta como feminino e masculino não são signos, mas significantes.

Surgiu uma questão sobre se a psicanálise seria uma ciência. Questão importante, ela nos fez conversar sobre a psicanálise ser uma teoria, um sistema de pensamento, que, por sua abrangência, não se formaliza e se reduz para ser provado empiricamente e não tem as especificidades que lhe permitiriam pôr-se à prova. Além disso, há diferenças entre como Freud e Lacan pensaram a psicanálise em sua relação com a ciência, e essa é uma questão importante que o texto suscita.

Não sendo uma ciência, ela minimamente precisa situar-se frente a ela, assim como diante da Magia e da Religião, e esse parece ser um grande desafio que temos a frente.

## 26° Encontro

### Convite:

No último encontro nós seguimos Lacan apresentando os campos da Ciência e da Psicanálise. Tomando a operação da verdade como causa ele disse que dela a Ciência não quer-saber-nada, o que permitiria reconhecer sua formulação da forclusão. No entanto, a isso se oporia o que apresentou sobre as relações da forclusão com a Psicose.

O que ele apontava ao fazer essa oposição? Será que não se trataria de uma forclusão do Nome-do-Pai, como na Psicose? Deixando a questão em aberto, disse ser possível progredir a partir desse impasse, e que, essencialmente, a Psicanálise reintroduz o Nome-do-Pai na consideração científica.

A esse modo da Ciência operar a relação com a verdade Lacan chamou de causa formal, e o contrapôs à causa material, com a qual a Psicanálise opera em função da incidência do Significante. Isso abre o terreno para tratar da relação do Significante com a significação, da separação do falo quanto à maturação biológica e o signo biológico, do Sujeito veiculado entre um significante e outro, e da teoria do objeto a. Esse é o arcabouço da Psicanálise para tratar a verdade como causa.

Mas, afinal, depois de toda essa caminhada, a Psicanálise é uma Ciência? Se sim ou não, para quem? Quais os critérios para ser ou não? Que lugar ela ocupa e como ela se situa em relação à Ciência ou na Ciência? Esse é um desafio com o qual nós, que insistimos com a Psicanálise, sempre temos que nos haver.

Convido vocês para seguirmos na leitura hoje, 07/06, às 19h30. Até lá!

Flávio Mendes

### Encontro:

Talvez a maior questão que vai se colocando nesse final de texto é como entender os conceitos lacanianos e como operar com eles, diante de tamanha dificuldade. Significante, Sujeito, Saber, Verdade, Objeto a, além de tantos outros, são conceitos difíceis de serem entendidos, e ainda mais sozinhos. Uns dependem dos outros e, muitas vezes, tem formulações que deixam ambiguidades. Sendo a ambiguidade uma característica significativa, por este ser vazio de significação, Lacan imputou em sua teorização a concepção com a qual ele próprio trabalhava, e assim trouxe esse empreendimento difícil de ser avançado. Haverá momento em que os conceitos terão definições claras? O que isso trará para a psicanálise?

Mesmo com todo o seu rigor teórico, Lacan, ao fazer de seu trabalho com a teoria uma experiência com esse inconsciente estruturado como uma linguagem, construiu um labirinto que, outrora fosse cativante e provocador, atualmente tende a ser repelente. O que teremos no futuro?

Além disso, é o conceito de Sujeito crucial para entender esse texto. Ele está de ponta a ponta e é a partir dele que Lacan posiciona a psicanálise frente a ciência e também insere sua teoria do objeto a, crucial para situar a vocação de ciência da psicanálise,

conjectural e não empírica como a de Freud, com seu sujeito e objeto próprios, não se tratando de produzir saber sobre o sujeito ou o objeto, mas de situar na divisão do sujeito entre verdade e saber, o objeto a, e abrir o sujeito para apreender o que ele recebe da verdade.

## TRECHOS SOBRE O SUJEITO

“O status do sujeito na psicanálise, acaso diremos que no ano passado o fundamentamos? Chegamos a estabelecer uma estrutura que dá conta do estado de fenda, de Spaltung em que o psicanalista o situa em sua práxis.” (p. 869).

“Em tudo isso [a mutação que fundou A Ciência moderna] nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta e de que a ciência a reforça cada vez mais. Koyré é nossa guia aqui, e sabemos que ele ainda é desconhecido.” (p. 870).

“Mas foi possível notar que tomei como fio condutor, no ano passado, um certo momento do sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido, sobre o qual talvez tenhamos de saber se ele é rigorosamente passível de repetição na experiência: o que foi inaugurado por Descartes e que é chamado cogito. Esse correlato, como momento, é o desfilamento de um rechaço de todo saber, mas por isso pretende fundar para o sujeito um certo ancoramento no ser, o qual sustentamos constituir o sujeito da ciência em sua definição, devendo este termo ser tomado no sentido de porta estreita. Esse fio não nos guiou em vão, já que nos levou a formular, no fim do ano, nossa divisão experimentada do sujeito como divisão entre o saber e a verdade, acompanhando-a de um modelo topológico: a banda de Moebius, que leva a entender que não é de uma distinção originária que deve provir a divisão em que esses dois termos se vêm juntar.” (p. 870).

“Quem confia, com base em Freud, na técnica de leitura que me foi preciso impor quando se tratava simplesmente de substituir cada um de seus termos em sua sincronia, esse saberá voltar da Ichspaltung sobre a qual a morte se abate para os artigos sobre o feticismo (de 1927) e para a perda de realidade (de 1924), a fim de neles constatar que a chamada reformulação doutrinária da segunda tópica não introduz, sob os termos Ich, Überich e Es, nenhum certificado de aparelhos, porém uma retomada da experiência segundo uma dialética que melhor se define como aquilo que o estruturalismo, mais tarde, permitiu elaborar logicamente; ou seja, o sujeito, e o sujeito tomado numa divisão constitutiva.” (p. 870).

“Uma coisa é certa: se o sujeito está realmente ali, no âmago da diferença, qualquer referência humanista a ele torna-se supérflua, pois é esta que ele corta de imediato.” (p. 871).

“Prova disso [da filiação científica de Freud] é seu rompimento com seu adepto mais prestigioso, ou seja, Jung, desde o momento em que ele deslizou para algo cuja função não pode ser definida de outro modo senão como tentando restabelecer um sujeito dotado de profundezas, este último termo no plural, o que significa um sujeito composto por uma relação com o saber, relação dita arquetípica, que não foi reduzida àquela que

lhe permite a ciência moderna, à exclusão de qualquer outra, e que não é nada além da relação que definimos no ano passado como pontual e evanescente: essa relação com o saber que, de seu momento historicamente natural, preserva o nome de cogito.” (p. 872).

“Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. É aí, no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra. Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.” (p. 873).

“Seja como for, afirmo que toda tentativa, ou mesmo tentação - nas quais a teoria em curso não deixa de ser reincidente - de encarnar ainda mais o sujeito é errância: sempre fecunda em erros e, como tal, incorreta. Como também encarná-lo no homem, o que equivale voltar à criança. Pois esse homem será então ali o primitivo, o que falseará tudo do processo primário, assim como a criança representará o subdesenvolvido, o que irá mascarar a verdade do que se passa de original durante a infância. Em suma, o que Claude LéviStrauss denunciou como a ilusão arcaica é inevitável na psicanálise, se não nos mantivermos firmes, na teoria, quanto ao princípio que há pouco enunciamos: que um único sujeito é aceito nela como tal, aquele que pode constituí-la científica. Basta dizer que não afirmamos que a psicanálise demonstre nisso nenhum privilégio. Não há ciência do homem, o que nos convém entender no mesmo tom do " não existem pequenas economias" . Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito.” (p. 873).

“Examinemos Lévy-Bruhl ou Piaget. Seus conceitos, a chamada mentalidade pré-lógica, o pensamento ou discurso pretensamente egocêntrico, não fazem referência senão à suposta mentalidade, ao pensamento presumido, ao discurso efetivo do sujeito da ciência, não estamos dizendo do homem da ciência.” (p. 874).

“Em ciências válidas de um outro modo, ainda que seu título deva ser revisto, constatamos que o fato de proibirem-se a ilusão arcaica, que podemos generalizar no termo psicologização do sujeito, não cause nenhum entrave em sua fecundidade. A teoria dos jogos, melhor chamada de estratégia, é o exemplo disso, nela se tirando proveito do caráter inteiramente calculável de um sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes. O caso da lingüística é mais sutil, uma vez que ela tem que integrar a diferença entre o enunciado e a enunciação, o que é efetivamente a incidência, desta vez, do sujeito falante como tal (e não do sujeito da ciência). Por isso é que ela vai centrar-se em outra coisa, ou seja, na bateria do significante, cuja prevalência se trata de assegurar sobre esses efeitos de significação. É também por esse lado que aparecem as antinomias, a serem dosadas segundo o extremismo da posição adotada na escolha do objeto. O que podemos dizer é que se vai muito longe na elaboração dos efeitos da linguagem, posto que nela se pode construir uma poética que nada deve à referência ao espírito do poeta, nem tampouco à sua encarnação. É do lado da lógica que aparecem os diversos indícios de refração da teoria em relação ao sujeito da ciência. Eles são diferentes quanto ao léxico, quanto ao morfema sintático e quanto à sintaxe da frase. Daí as diferenças teóricas entre um

Jakobson, um Hjelmslev e um Chomsky. É a lógica que aqui faz as vezes de umbigo do sujeito, e a lógica no que ela de modo algum é uma lógica ligada às contingências de uma gramática.” (p. 874-875).

“Indicaremos mais adiante como se situa a lógica moderna (terceiro exemplo). Ela é, de modo incontestado, a consequência estritamente determinada de uma tentativa de suturar o sujeito da ciência, e o último teorema de Gödel mostra que ela fracassa nisso, o que equivale a dizer que o sujeito em questão continua a ser o correlato da ciência, mas um correlato antinômico, já que a ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo. Que se apreenda nisso a marca a não perder de vista do estruturalismo. Ele introduz em toda "ciência humana" – entre aspas - que conquista uma modalidade muito especial do sujeito, aquele para o qual não encontramos nenhum índice senão o topológico, digamos, o signo gerador da banda de Moebius, que chamamos de oitão interior. O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em uma exclusão interna a seu objeto.” (p. 875).

“A fidelidade que a obra de Claude Lévi-Strauss manifesta a tal estruturalismo só será aqui endossada por nossa tese para nos contentarmos momentaneamente com sua periferia. Não obstante, é claro que esse autor valoriza muito mais a importância da classificação natural que o selvagem introduz no mundo, especialmente por um conhecimento da fauna e da flora que ele mostra que nos ultrapassa, e que ele pode alegar uma certa recuperação, que se anuncia na química, de uma física das qualidades do sabor e do odor, ou seja, de uma correlação dos valores perceptivos com uma arquitetura de moléculas à qual chegamos por intermédio da análise combinatória, isto é, pela matemática do significante, como em toda ciência até hoje. O saber, portanto, é ali bem separado do sujeito, segundo a orientação correta, que não formula nenhuma hipótese sobre a insuficiência de seu desenvolvimento, a qual, aliás, ter-se-ia bastante dificuldade de demonstrar.” (p. 875-876).

“E há mais: quando Claude Lévi-Strauss, depois de haver extraído a combinatória latente nas estruturas elementares do parentesco, nos atesta que um dado informante, para usar o termo dos etnólogos, é perfeitamente capaz de traçar sozinho o grafo lévi-straussiano, que nos diz ele se não que, também nesse ponto, está retirando o sujeito da combinatória em questão, aquele que em seu grafo não tem outra existência senão a denotação ego?” (p. 876).

“O objeto da mitogênese, portanto, não está ligado a desenvolvimento algum, nem tampouco a uma parada, do sujeito responsável. Não é com esse sujeito que ele se relaciona, mas com o sujeito da ciência. E seu mapeamento será traçado tão mais corretamente quanto mais o próprio informante estiver perto de nele reduzir sua presença à do sujeito da ciência.” (p. 876).

“E por quê, se eu lhe afirmo [a Lévi-Strauss] que nossa práxis, longe de alterar o sujeito da ciência, o único que ele pode e quer conhecer, não traz, por direito, nenhuma intervenção que não tenda a que ele se realize de maneira satisfatória, precisamente no campo que lhe interessa?”. (p. 877)

“Querera isso então dizer que um sujeito não saturado, mas calculável, constituiria o objeto que subsumiria, segundo as formas da epistemologia clássica, o corpo das

ciências a que chamaríamos conjecturais, o que eu mesmo opus à expressão ciências humanas? Creio que isso é muito menos indicado, na medida em que esse sujeito faz parte da conjuntura que produz a ciência em seu conjunto.” (p. 877).

“O objeto da psicanálise (anuncio meu naipe e vocês o verão com ele chegar) não é outro senão aquilo que já expus sobre a função que nela desempenha o objeto a. O saber sobre o objeto a seria, então, a ciência da psicanálise? Essa é precisamente a fórmula que se trata de evitar, uma vez que esse objeto a deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito pela qual se estrutura, muito especialmente, e foi disso que hoje tomamos a partir, o campo psicanalítico. Eis por que era importante promover, antes de mais nada, e como um fato a ser distinguido da questão de saber se a psicanálise é uma ciência (se seu campo é científico), exatamente o fato de que sua práxis não implica outro sujeito senão o da ciência. É preciso reduzir a este grau o que vocês me permitirão induzir, através de uma imagem, como a abertura do sujeito na psicanálise, para apreender o que ele ali recebe da verdade.” (p. 877-878).

“O ponto em que encontrei vocês hoje, por ser aquele em que os deixei no ano passado - o da divisão do sujeito entre verdade e saber - é para eles um ponto conhecido. É aquele a que Freud os convida, sob o apelo do *Wo Es war, soll Ich werden*, que retraduzo, mais uma vez, para acentuá-lo aqui: lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir.” (p. 878).

“Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, que exige todos os fracassos que a metalinguagem constitui no que ela tem de falsa aparência, é propriamente o lugar do *Urverdringung*, do recalque originário que atrai para si todos os outros - sem contar outros efeitos de retórica, para o reconhecimento dos quais dispomos tão-somente do sujeito da ciência.” (p. 882).

“E de novo retornar àquilo de que se trata, ou seja, a admitir que nos é preciso renunciar, na psicanálise, a que a cada verdade corresponde seu saber? Esse é o ponto de ruptura por onde dependemos do advento da ciência. Nada mais temos, para conjugá-los, senão esse sujeito da ciência.” (p. 883).

“Para magia e religião, as duas posições dessa ordem que se distinguem da ciência, a ponto de se haver podido situá-las em relação à ciência - como ciência falsa ou menor, no tocante à magia, como ultrapassando seus limites e até em conflito de verdade com a ciência, no tocante à segunda; convém dizer que, para o sujeito da ciência, ambas não passam de sombras, mas não para o sujeito sofredor com quem lidamos. Porventura dirão aqui: “Lá vem ele. Que é esse sujeito sofredor senão aquele de quem tiramos nossos privilégios, e que direito lhe dão sobre ele suas intelectualizações?”” (p. 885).

“Eis por que a ordem de classificação natural que invoquei dos estudos de Claude Lévi-Strauss deixa entrever, em sua definição estrutural, a ponte de correspondências pela qual a operação eficaz é concebível, do mesmo modo como foi concebida. Mas essa é uma redução que negligencia o sujeito. Todos sabem que a preparação do sujeito, do sujeito xamanizante, é essencial nisso. Observe-se que o xamã, digamos, de carne e osso, faz parte da natureza, e que o sujeito correlato da operação tem que coincidir com esse suporte corpóreo. É esse modo de coincidência que é vedado ao sujeito da ciência.

Somente seus correlatos estruturais na operação lhe são discerníveis, mas de um modo exato.” (p. 885-886).

“Concluo por dois pontos que devem reter a escuta de vocês: a magia é a verdade como causa sob seu aspecto de causa eficiente. O saber caracteriza-se nela não apenas por se manter velado para o sujeito da ciência, mas por se dissimular como tal, tanto na tradição operatória quanto em seu ato. Essa é uma condição da magia.” (p. 886).

“Na religião, a precedente utilização da verdade como causa pelo sujeito, o sujeito religioso, entenda-se, é tomada numa operação completamente diferente. A análise a partir do sujeito da ciência conduz, necessariamente, nela a fazer aparecerem os mecanismos que conhecemos da neurose obsessiva. Freud os vislumbrou numa fulgurância que lhes dá um alcance maior do que qualquer crítica tradicional. Pretender calibrar a religião por eles não pode ser inadequado.” (p. 887).

“Assinalei de passagem o quanto temos de aprender sobre a estrutura da relação do sujeito com a verdade como causa na literatura dos Padres, e até nas primeiras decisões conciliares. O racionalismo que organiza o pensamento teológico não é, em absoluto, como imagina o lugar-comum, uma questão de devaneio.” (p. 887).

“Assim, pareço ter definido apenas características das religiões da tradição judaica. Sem dúvida, elas se prestam para nos demonstrar o interesse disso, e não me conformo em ter tido que renunciar a referir ao estudo da Bíblia a função do Nome-do-Pai. O fato é que a chave é por uma definição da relação do sujeito com a verdade. Creio poder dizer que é na medida em que Claude Lévi-Strauss concebe o budismo como uma religião do sujeito generalizado, isto é, que comporta uma diaframatização da verdade como causa, indefinidamente variável, que ele enaltece essa utopia, vendo-a harmonizar-se com o reino universal do marxismo na sociedade” (p. 887-888).

“Pela psicanálise, o significante se define como agindo, antes de mais nada, como separado de sua significação. É esse o traço de caráter literal que especifica o significante copulatório, o falo, quando, surgindo fora dos limites da maturação biológica do sujeito, ele se imprime efetivamente, sem poder ser o signo que representa o sexo existente do parceiro, isto é, seu signo biológico; lembremo-nos de nossas fórmulas diferenciadoras do significante e do signo.” (p. 890).

“Em suma, reencontramos aqui o sujeito do significante, tal como o articulamos no ano passado. Veiculado pelo significante em sua relação com outro significante, ele deve ser severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão. Essa é, em termos minimais, a função que confiro à linguagem na teoria. Ela me parece compatível com um materialismo histórico que deixa aí um vazio. Talvez a teoria do objeto a também encontre nisso seu lugar. Essa teoria do objeto a é necessária, como veremos, para uma integração correta da função, no tocante ao saber e ao sujeito, da verdade como causa.” (p. 890).

“A magia só é para nós tentação se vocês fizerem a projeção de suas características no sujeito com quem lidam – para psicologizá-lo, ou seja, desconhecê-lo.” (p. 891).

“Será preciso dizer que, na ciência, ao contrário da magia e da religião, o saber se comunica? Mas devo insistir em que não é apenas por ser esse o costume, mas porque a forma lógica dada a esse saber inclui a modalidade da comunicação como suturando o sujeito que ele implica.” (p. 891).

“Concluirei eu voltando ao ponto de onde parti hoje, a divisão do sujeito? Esse ponto é um nó.” (p. 892).

“Lembremos onde Freud o desata: na falta do pênis da mãe em que se revela a natureza do falo. O sujeito divide-se ali, diz-nos Freud com respeito à realidade, ao mesmo tempo vendo abrir-se o abismo contra o qual se protegerá com uma fobia, e, por outro lado, cobrindo-o com a superfície em que erigirá o fetiche, isto é, a existência do pênis como mantida, ainda que deslocada. De um lado, extraímos o (nada-de) do (nada-de-pênis), a ser posto entre parênteses, para transferi-lo para o nada-de-saber, que é a não-hesitação da neurose. Do outro, reconheçamos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto da verdade.” (p. 892).

## 27º Encontro

### Convite:

Chegamos ao fim da caminhada na leitura nesse convite para lermos os últimos parágrafos do texto “A Ciência e a Verdade”, a primeira lição do seminário 13, O Objeto da Psicanálise. Foi uma longa caminhada acompanhando Lacan levantando questões fundamentais sobre a vocação de ciência da Psicanálise em diálogo ou menção com outros trinta e seis autores.

Nesse texto o conceito de Sujeito é crucial. Ele comparece de ponta a ponta e é a partir de sua estrutura moebiana que Lacan posicionou a Psicanálise em relação à Ciência, à Religião e à Magia. Com um posicionamento distinto da de Freud, ele situou a Psicanálise em proximidade com as ciências conjecturais, e não com as da natureza, e então a distinguiu da própria Ciência, enquanto campo que invoca a verdade de outra maneira.

Um desafio que se colocou foi a tarefa de entender e operar com o uso que ele fez dos vários conceitos que citou, seus e dos demais autores, na medida em que ele fazia valer as máximas de que um significante não significa nada e representa um sujeito para outro significante. Assim, um conceito não tem uma definição própria, sendo dependente do contexto em que está, de sua relação com outros conceitos e de como ele é apropriado.

Assim, convido vocês para lermos os trechos finais do texto e conversarmos sobre os efeitos dessa caminhada. Será hoje, 21/06, de 19h30 às 21h. Até lá!

Flávio Mendes

### A leitura:

Apontando as jurisdições distintas da psicanálise, Lacan fala em que ponto os analistas devem resistir a essas relações com a verdade: quanto à magia, resistir à projeção de suas características no sujeito com que lidam, ou seja, psicologizá-lo, etiqueta-lo e, portanto, desconhecê-lo; quanto à religião, resistir à esse modelo de hierarquia social que traz consigo a marca de uma certa relação com a verdade e que comparece na IPA; quanto à ciência, há algo distinto, pois nela o saber se comunica, e todo o problema da comunicação está em questão, no entanto, ele se comunica suturando o sujeito que ele implica, ou seja, ele não comparece dividido.

Esse é um obstáculo ao valor científico da psicanálise, essa divisão do sujeito é um nó para a psicanálise, e, para Lacan, Freud a resolveu com a falta do pênis da mãe, ou seja, a castração, que revela a natureza do falo. Assim, desse nada-de-pênis se pode pensar no nada-de-saber sobre a verdade da castração; e desse sujeito se poder reconhecer sua eficácia nesse gnômon que ele erige para apontar o ponto da verdade, revelando, do falo, que ele não é nada além do ponto de falta.

É nessa direção, da falta, que ele seguirá nesse seminário, e que os analistas recuam de ser suscitados.